



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ- CAMPUS ANANINDEUA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA-PROFHISTÓRIA**

BRUNO AMORIM PANTOJA

**O FACEBOOK COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE
HISTÓRIA**

Ananindeua – PA

2019

BRUNO AMORIM PANTOJA

**O FACEBOOK COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE
HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino Profissional de História (PROFHISTÓRIA), da Universidade Federal do Pará, Campus de Ananindeua, Mestrado Profissional em Ensino de História, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos

Ananindeua – PA

2019

BRUNO AMORIM PANTOJA

**O FACEBOOK COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE
HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino Profissional de História (PROFHISTÓRIA), da Universidade Federal do Pará, Campus de Ananindeua, Mestrado Profissional em Ensino de História, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos

Data da defesa: 30/01/2019

Orientador: Prof.^o Dr.^o Carlos Augusto de Castro Bastos

Avaliadora externa: Prof.^a Dr.^a Franciane Gama Lacerda

Avaliadora: Prof.^a Dr.^a Conceição Maria Rocha de Almeida

Avaliadora: Prof.^a Dr.^a Eliane Cristina Soares Charlet

Avaliador: Prof. Dr. Wesley Oliveria Kettle

Avaliador Suplente (a): Prof.^a Dra. Edilza Joana de Oliveira Fontes

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que sempre foi uma grande incentivadora e sempre acreditou em mim e apoiou as minhas decisões profissionais e pessoais, sendo uma fortaleza que solidificou minha personalidade.

À minha esposa por estar ao meu lado em todos os momentos, incentivando e se desdobrando para proporcionar o silêncio das crianças, com intuito de obter um melhor espaço para escrita, sendo peça importante nas horas de estudo.

Aos meus filhos Ryan e Gabriel, por serem a razão de viver, a felicidade, o preenchimento e o maior símbolo de amor que alguém pode ter.

Meu orientador Carlos Bastos, pela paciência, educação e pelas proposições que me engrandeceram academicamente.

A meus colegas de turma, onde se formou um excelente grupo que valorizam a amizade com ajuda mútua, seja acadêmica ou em outros assuntos. Agradecimento especial a Rafael Castro, Daniel Rodrigues, Edgar Cabral, Carlos Eduardo Miranda, Rafael Ferreira, Neilton Serqueira, Helison Geraldo e Ernesto Padovani.

A professora Edilza Fontes e a todos que compõe o quadro de professores do PROFHISTÓRIA.

“Ciência e tecnologia revolucionam nossas vidas, mas a memória, a tradição e o mito moldam nossas respostas”

Arthur Schlesinger

RESUMO

A dissertação se propõe discutir a relação entre o ensino de história e as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC's), já que é uma realidade a disseminação das tecnologias na chamada sociedade da informação, onde a internet, e, sobretudo as redes sociais, assim como as "antigas" tecnologias como a TV e o rádio, geram um bombardeamento de informações e com a interlocução dos professores, essas tecnologias podem ser aliados no processo de ensino e de aprendizagem, gerando uma interação nas aulas e um interesse em relação aos conteúdos ministrados. O recorte temático do trabalho de pesquisa se fará com o uso do Facebook como recurso pedagógico no ensino de história para duas turmas do Ensino Fundamental de uma escola particular de Belém do Pará. A intenção será compreender se essas ferramentas podem auxiliar no ofício do professor de História, e assim demonstrar que esta ferramenta, através da intermediação do educador poderá dinamizar o processo de ensino e de aprendizagem, deixando as aulas mais interessantes para os alunos e dinamizar o processo de construção do conhecimento histórico. Para que isso seja possível, será utilizada uma metodologia chamada Unidade Temática Investigativa ou também conhecida como aula-oficina, onde se segue várias etapas na construção do conhecimento histórico com os alunos, onde a primeira etapa é investigar os conhecimentos prévios dos educandos. O produto a ser gerado será um grupo fechado, na rede social Facebook, que funcionará como um repositório de vídeos, imagens, textos, Memes históricos e etc. Além disso, será um espaço de debates e discussões sobre imagens, gifs, vídeos, questões de exercícios e provas, tudo isso, postado pelo professor, referente aos assuntos escolhidos pelos alunos, que estarão contidos na grade curricular da turma, no caso o nono ano de Ensino Fundamental.

Palavras-Chave: Ensino de História; Novas Tecnologias; Facebook.

ABSTRACT

The dissertation proposes to discuss the relationship between the teaching of history and the New Technologies of Information and Communication (NTIC), since it is a reality the dissemination of technologies in the so-called information society, where the internet, and especially social networks, as well as "old" technologies such as TV and radio, generate a bombardment of information and with the interlocution of teachers, these technologies can be allied in the process of teaching and learning, generating an interaction in the classes and an interest in the content taught. The thematic clipping of the research work will be done with the use of Facebook as a pedagogical resource in teaching history to two classes of elementary school in a private school in Belém do Pará. The intention will be to understand if these tools can help the teacher of History, and thus demonstrate that this tool, through the intermediary of the educator can dynamize the process of teaching and learning, leaving lessons more interesting for students and energizing the process of building historical knowledge. For this to be possible, a methodology called Investigative Thematic Unit or also known as workshop class will be used, where several steps are followed in the construction of historical knowledge with students, where the first step is to investigate the students' previous knowledge. The product to be generated will be a closed group, in the social network Facebook, that will function as a repository of videos, images, texts, historical Memes and etc. In addition, it will be a space for debates and discussions about images, gifs, videos, exercises and tests questions, all this, posted by the teacher, referring to the subjects chosen by the students, which will be contained in the curriculum of the class, in the case of the ninth year of Elementary Education.

Keywords: History teaching; New technologies; Facebook.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Tempo gasto por dia na internet	42
Figura 2. Tempo gasto nas mídias sociais	43
Figura 3. Página inicial do site Thefacebook	46
Figura 4. Filtro invisível de Eli Pariser	50
Figura 5. Fachada da unidade Impacto Stadium.....	66
Figura 6. Fachada da unidade Impacto Augusto Montenegro.....	67
Figura 7. Distância entre as duas unidades do Colégio Impacto.....	67
Figura 8. Dados Fornecidos pelo Facebook.....	79
Figura 9. Charge Voto de cabresto	93

LISTA DE FOTOS

Foto 1. Grupo A História com Bruno Amorim	78
Foto 2. Turma B desenvolvendo uma dinâmica em sala de aula em março de 2018.	88
Foto 3. Turma C	92

LISTA DE MEMES

Meme 1. Tratado de Versalhes	81
Meme 2. É verdade esse Bilhete.....	90
Meme 3. Política do Café com Leite.....	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Tipos de consciência histórica.....	63
-----------------------------------------------	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Quantos dias da semana utilizam o Facebook: Turma A.....	71
Gráfico 2. Qual período da semana você utiliza mais o Facebook: Turma A ...	71
Gráfico 3. Quanto tempo passa, em média, no Facebook? Turma A.....	72
Gráfico 4. Quantos dias da semana utilizam o Facebook: Turma B.....	73
Gráfico 5. Qual período da semana você utiliza mais o Facebook: Turma B ...	73
Gráfico 6. Quanto tempo passa, em média, no Facebook? Turma B.....	74
Gráfico 7. Em qual dispositivo você utiliza mais o Facebook? – Turma A	75
Gráfico 8. Em qual dispositivo você utiliza mais o Facebook? – Turma B	75
Gráfico 9. Com qual finalidade você usa mais o Facebook - Turma A.....	76
Gráfico 10. Com qual finalidade você usa mais o Facebook - Turma B.....	76

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E O ENSINO DE HISTÓRIA	12
1.1 Introdução das Tecnologias de Informação e Comunicação no Ensino de História	15
1.2 A invasão das mídias	27
1.2.1 O que são as mídias?	30
2 O FACEBOOK E O ENSINO DE HISTÓRIA	38
2.1 Navegando nas redes sociais	39
2.2 Facebook mostra a tua cara	44
2.3 Facebook: vilão ou herói digital?	47
2.3.1 Efeito Bolha	48
2.3.2 Privacidade, conteúdo e acesso.	51
2.3.3 Fakenews	54
2.4 Aprendizagem histórica no ciberespaço	58
2.4.1 Didática da História	60
3 UMA PONTE VIRTUAL: RELAÇÃO ENTRE A REDE SOCIAL FACEBOOK E A SALA DE AULA	65
3.1 Conhecendo os sujeitos e seu espaço	65
3.2 Entre a sala de aula e o meio virtual: A formação do grupo	77
3.3 Os fins justificam os meios digitais	84
3.3.1 O desenvolvimento dos meios	85
CONCLUSÃO	97
BIBLIOGRAFIA	101

INTRODUÇÃO

De um namoro entre a comunicação social e o ensino de história pode nascer uma dissertação e assim se fez, mesmo que por vezes se tentasse o distanciamento entre os campos de conhecimento. Não se pode esperar mergulhar apenas em uma discussão historiográfica, pois a leitura levará para um mundo onde a tecnologia está presente e que busca uma nova rota para demonstrar suas ideias.

Esse mundo que parecia um devaneio do autor, com estradas pavimentadas de conceitos um pouco distantes da maioria dos profissionais da história, com palavras como “ciberespaço”, mídia, rede social, emojis e mais uma infinidade de outras que fazem parte do cotidiano de muitas pessoas, mas nem sempre dos historiadores, quanto mais em produções historiográficas. Ainda assim, depois de olhares tortos, de expressões de curiosidade, de incertezas, se trilhou esse caminho, afinal de contas somos pessoas do nosso tempo e observadores da sociedade, sociedade essa que sofreu mudanças e tem no seu cotidiano, cada vez mais, a tecnologia presente, a internet, as redes sociais e por esse motivo trabalhar o ensino de história com o que faz parte da vida das pessoas, sobretudo dos estudantes é de fundamental importância.

A produção de uma dissertação não se inicia com a escrita propriamente dita, mas com ideias, caminhos e incertezas, para tanto as conversas com colegas de turma e com os professores são importantes, mas, sobretudo, fazer um panorama dos textos que foram estudados durante o curso e antes disso, construir um mapa mental que será desenvolvido de acordo a construção do caminho da dissertação, o que é ainda mais relevante no processo.

Uma das questões a ser pensada para uma dissertação específica, que é a de um mestrado profissional, seria a concepção de um produto, haja vista que este trabalho, assim como outros produzidos nas pós-graduações devem ser feitos pensando na sociedade e para a sociedade. Nesse mote, observando os aspectos do cotidiano dos jovens estudantes com quem tenho a chance de trabalhar, percebi que o uso das redes sociais era uma realidade, mesmo para

os mais novos e nesse sentido senti a necessidade de levar minha pesquisa para esse caminho, ou seja, não de lutar contra o uso por parte dos estudantes, mas buscar um desenvolvimento de um trabalho em que o uso dessas mídias fosse benéfico para o ensino e aprendizagem, utilizando uma dessas plataformas, no caso o Facebook, como ferramenta pedagógica no ensino de História.

Este trabalho não pretende propagar o uso indeterminado das tecnologias dentro da sala de aula como solução para todos os problemas na educação, muito menos dizer que as formas de ensinar sem tecnologias não são válidas, mas mostrar que, sim, é possível se trabalhar com metodologias que utilizem as novas tecnologias na construção do conhecimento histórico, gerando interação entre os professores e alunos, buscando inovação nos métodos de ensinar história e, acima de tudo, buscar entender que o mundo de inovações tecnológicas também é de inovações educacionais.

Pensar o mundo, e, sobretudo, o chão da escola, fazendo um diálogo entre eles, é de fundamental importância. Entender a realidade atual e perceber que vivemos na chamada sociedade da informação, que somos bombardeados de notícias a todo o momento, também pode ser o papel do educador e/ou historiador, haja vista que há um crescimento da internet, do uso dos smartphones e das redes sociais, muito utilizadas pelos alunos.

Nesse sentido, o objetivo central dessa pesquisa é trabalhar com uma plataforma digital amplamente utilizada pelos jovens, que é o Facebook, produzindo grupos nessa rede social, que servirão como ferramenta pedagógica para se ensinar história para cerca de trinta e nove alunos, divididos em duas turmas¹, que estudam no “Centro de Estudos Impacto”, uma escola da rede privada de ensino da Região Metropolitana de Belém.

A pesquisa se iniciou no ano de 2017, a partir da busca e leitura de trabalhos que tinham como mote a discussão sobre tecnologia, seus impactos na sociedade e por fim, suas aplicações na educação. Mas o processo com as

¹ Foram escolhidas duas turmas para a pesquisa, uma do nono ano de Ensino Fundamental e uma do terceiro ano de Ensino Médio. A explicação para a escolhas dessas turmas está no sentido que são as turmas finais, tanto do fundamental, quanto do médio e poderiam representar um nível de maturidade maior nos seus respectivos patamares educacionais.

turmas foi realizado durante o ano de 2018, acompanhando as atividades curriculares dos alunos.

A divisão da dissertação se dará da seguinte forma, se compartimentará em três capítulos, além da introdução e conclusão, utilizando autores que discutem a chamada história digital, história pública e, logicamente, a conceituação de temas como a internet e as redes sociais, para finalizar com o objetivo central, que é a utilização do Facebook como ferramenta pedagógica no ensino de história, que se materializará no produto final desse trabalho.

Por isso foi feito em estudo qualitativo, através de uma pesquisa de campo, fazendo uma coleta de dados através da metodologia chamada Unidade Temática Investigativa, onde, através da aula-oficina, se trabalhou o Facebook como extensão da sala de aula, propondo discussão de temas, imagens e vídeos relacionados aos conteúdos trabalhados em sala. Além disso, se fez uma pesquisa bibliográfica, através de artigos, dissertações, teses e livros, que ajudaram na composição e aprofundamento desse trabalho.

Como já comentado anteriormente, a dissertação se divide em três capítulos. No primeiro, intitulado: “Tecnologias de informação e o ensino de história”, a discussão versa sobre o conceito de tecnologia, sobre a questão da comunicação e suas modificações, até chegar ao meio virtual, que o passo seguinte foi a divulgação de informações nos meios digitais. Outra questão se relaciona nas transformações geradas pelas inovações tecnológicas, que também são um destaque, já que trouxeram modificações, inclusive, na forma como se lê nos tempos atuais.

O impacto que a internet teve para os historiadores, no sentido de organização de documentos, acesso, escrita e divulgação, é relevante para o entendimento da sociedade da informação, proporcionando a introdução das tecnologias no ensino de história, trazendo novas abordagens, pautadas na *Escola do Annales*, valorizando a criticidade dos alunos e uma dinamicidade para o ensino e aprendizagem em história.

Para isso tudo, foi peça fundamental o debate acerca do processo de mediação, que seria a circulação de informações em meios digitais, inclusive

a digitalização documental, que oportunizaram a divulgação do conhecimento histórico.

No segundo capítulo, denominado de “O Facebook e o ensino de história”, as discussões se fecham mais nas redes sociais, conceituando esse tema, culminando na historicização do Facebook, em seguida buscamos apresentar a grande utilização desse tipo de plataformas pelo mundo, assim como no Brasil. Dentro disso, trazemos reflexões acerca das bolhas e filtros digitais, das fake news e a conceituação da chamada pós-verdade. Por fim, depois de fazermos um panorama tecnológico, o trabalho destaca o impacto dessas questões na aprendizagem histórica através do ciberespaço.

No terceiro e último capítulo, que se intitula de “Ponte virtual: relação entre a rede social Facebook e a sala de aula”, buscamos demonstrar o espaço que se desenvolveu a pesquisa, destacando as turmas, a escola e os processos do trabalho em sala de aula, discorrendo sobre os memes, ponto importante da pesquisa, mas que por alguns motivos, como o pouco tempo e as atividades escolares, não se pôde desenvolver uma oficina para confecção desse tipo de expressão.

Vale ressaltar que todas as etapas que se desenvolveram no decorrer da dissertação, e aplicadas no terceiro capítulo, foram de grande relevância, culminando no desenvolvimento do produto final deste trabalho, que foram os grupos no Facebook, fazendo uma ponte virtual, servindo como ferramenta pedagógica no ensino de história.

1 AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E O ENSINO DE HISTÓRIA

O mundo dinâmico em que vivemos, onde o conhecimento pode ser encontrado literalmente na palma da mão, mundo esse cercado de aparatos tecnológicos, informações de todos os lados, desde a hora que acordamos até o momento de nos deitarmos para dormir, passando pelas múltiplas atividades desenvolvidas durante o dia, seja na escola, no trabalho ou em casa, representa o estilo de vida que está praticamente impregnado em grande parte do cotidiano das pessoas do século XXI. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) são uma realidade, isso graças ao desenvolvimento das pesquisas tecnológicas e evidentemente pelo clamor mercadológico, por isso a possibilidade de pensar nos modos de utilização dessas tecnologias na educação e no ensino de história, já que elas estão presentes no espaço escolar e/ou fazem parte da vida dos estudantes.

Perceber a realidade em que os alunos estão inseridos faz parte das atividades dos profissionais da educação, e o mundo atual é voltado em grande parte para a tecnologia e para as mídias sociais, ainda mais no mundo dos jovens. Por isso é importante a dinamização do processo de ensino e aprendizagem, assim como trabalhar diferentes formas para construção do conhecimento. Essas novas abordagens podem ser proporcionadas pelas Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTIC's), tais como: textos, iconografias, vídeos, internet, redes sociais etc. Sendo utilizadas como ferramenta pedagógica.

Comunicar sempre foi uma necessidade, e isso desde a Pré-História, pois mesmo antes do advento da escrita, os seres humanos utilizavam mecanismos de informação e comunicação, como as pinturas rupestres ou sinais de fumaça, por exemplo. Quando pensamos na palavra tecnologia, geralmente o que nos vem em mente são objetos modernos, de última geração, que facilitam nossas vidas ou que estejam ligados à área de entretenimento como nos jogos de vídeo game, aplicativos para celulares e a informática em geral, por exemplo. Mas tecnologia não é somente isso, é muito mais, abrangendo inúmeras outras coisas que, de tão óbvias, acabam passando despercebidas aos olhos das pessoas. André Lemos (2002, p. 28) diz que o homem é um ser técnico por definição, e

essa técnica se situa como uma evolução zoológica da espécie humana na sua confrontação com a natureza, portanto, segundo ele, a tecnicidade humana aparece como uma tendência universal e hegemônica, sendo a primeira característica do fenômeno humano.

Para George Kneller (1978), as palavras tecnologia e técnica têm origem na Grécia, *techné* em grego, tendo um sentido em se alterar o mundo de forma prática. A palavra tecnologia provém de uma junção do termo tecno, do grego *tchné*, que é saber fazer, e logia, do grego *logus*, que significa razão. Assim, tecnologia significa a razão do saber fazer (RODRIGUES, 2001).

Segundo João Mendes (2011), no século XXI se constata que a sociedade produz e acolhe inovações tecnológicas em ritmo acelerado, como computadores, smartphones, notebooks, jogos eletrônicos, somados aos antigos meios de comunicação de massa, como o rádio, a TV, o cinema e dentre outros que geram um bombardeio de informações para as pessoas, configurando a chamada sociedade da informação, fazendo com que tenhamos mais informações diárias do que as pessoas de séculos anteriores tinham em sua vida inteira. Não se pode negar que “as transformações tecnológicas, aliadas à crescente produção de equipamentos e programas em atendimento às demandas de mercado, vêm fazendo uma significativa alteração de usos, costumes e práticas” (TAVARES, 2012).

As novas gerações que nasceram após a década de 1980 e, sobretudo no século XXI são chamadas de Nativos Digitais², pois nasceram e cresceram convivendo com o mundo digital, estão frequentemente conectadas à internet, interagem com amigos reais e virtuais, se informam e se divertem através das redes sociais, ou seja, fazem parte de um grupo que tem nas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) quase que uma extensão do seu corpo. Nesse sentido, John Palfrey e Urs Gasser (2011) comentam que os educadores precisam aceitar as modificações que estão ocorrendo rapidamente no modo de

² Esse termo foi cunhado pelo educador americano Marc Prensky, que representa as pessoas que nasceram e cresceram com as tecnologias, sem necessitar do uso do papel. Ver mais em PRENSKY, M.: Digital Natives Digital Immigrants. In: PRENSKY, Marc. On the Horizon. NCB University Press, Vol. 9 No. 5, Outubro, 2001. Disponível em: <https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acesso em 22/08/2017.

se aprender, e que é relevante observar e entender tais mudanças. De acordo com os autores, a palavra “pesquisa” para os nativos digitais significa muito mais uma busca no Google do que ir à biblioteca.

Nesse ponto se observa que essas inovações tecnológicas provocam marcas profundas na sociedade, contribuindo para transformações no âmbito social, cultural, político, econômico, filosófico ou institucional. Dando segmento a essa ideia, José Moran (2000) comenta que, assim como ocorrem mudanças na sociedade, seja nas formas de organização, de produção de bens, de como as pessoas se divertem ou comercializam, o campo da educação está muito pressionado para mudar também, por isso os educadores e mais especificamente os professores de história devem ficar atentos a tais mudanças e adequarem as suas metodologias de ensino ou desenvolverem outras para que possam estar inseridos com mais intensidade nessa nova sociedade de informação, que é mais dinâmica, por vezes imediatista e conectada, utilizando as novas linguagens e prol do melhor desenvolvimento do ensino de história.

Carlo Ginzburg (2010) já dizia que a nossa existência é altamente modificada pela chamada revolução tecnológica, mas a partir do século XX, com a revolução digital,³ é que as mudanças tiveram um ritmo mais acelerado. Essas modificações podem ser facilmente observadas, inclusive em relação à leitura, onde Roger Chartier (2009) diz que isso fez com que a própria maneira de se ler fosse alterada, não somente pelo surgimento do livro eletrônico, mas também pela forma com que os textos são reproduzidos e de como e onde se lê.

Cecília Tavares (2012) explica que “desde a década de 1960, os historiadores que trabalham com longas séries de informações geradas por fontes demográficas e econômicas começaram a usar computadores”, isso aconteceu, sobretudo por conta da capacidade de armazenamento desses equipamentos, mas, além disso, podemos destacar também a nova possibilidade de se trabalhar com programas que continham modelos matemáticos e estatísticos proporcionando certa segurança nas análises de registros em seu conjunto. Tavares ainda afirma que à medida que os

³ A popularização da internet, que ocorreu na década de 1990, desencadeada pela chamada Word Wide Web, que gerou um aumento da interação, nos negócios e na circulação de informações, modificando a sociedade, é conhecida como revolução tecnológica. Ver mais em SANTOS, Humberto de Faria. *Revoluções Tecnológicas e Sociedade. Academos – Revista Eletrônica da FIA*. Vol. II N. 2 Jul – Dez / 2006 pp. 57-69.

computadores portáteis foram se disseminando, nos anos que se seguiram às décadas de 1980 e 1990, os historiadores utilizaram os computadores para redigir seus textos através de programas de edição de texto (Tavares, 2012) e isso facilitou muito a vida desses profissionais.

O impacto que a internet, por exemplo, teve para os historiadores está relacionado inicialmente à formação de grupos de discussão, mas, além disso, foi importante dentro das possibilidades de formação de bancos de dados, onde documentos estariam protegidos de forma digital, somando-se a isso a possibilidade de acesso a textos em revistas digitais (POIRRIER, 2010), e, logicamente, que se insere neste contexto a divulgação do conhecimento histórico, que se modificou com a criação de novas plataformas tecnológicas, inclusive digitais.

1.1 Introdução das Tecnologias de Informação e Comunicação no Ensino de História

Pesquisar sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação não se deu de forma aleatória e está altamente vinculado à minha experiência como professor de história de escolas públicas e particulares no Ensino Fundamental e Médio do Ensino Básico, das cidades de Castanhal, no Nordeste do estado do Pará, e, sobretudo em Belém do Pará, onde trabalho há mais tempo.

Uma das questões mais frequentes em conversas na sala dos professores que eu tive oportunidade de participar versava sobre o desinteresse que os estudantes tinham em relação aos conteúdos ministrados pelos professores em sala de aula, sobretudo aqueles que trabalhavam a disciplina História. Várias pesquisas explicitaram acerca do desinteresse dos alunos em relação à disciplina História, e uma dessas foi a pesquisa de Elza Nadai (1993), a qual afirma que existia certo “ódio” por parte dos alunos em relação à disciplina História, e uma das questões apontadas por ela seria a prática de decorar os assuntos ministrados pelos professores. Vale dizer que essa pesquisa foi feita no início dos anos 90, e desde o momento de sua concepção até nossa chamada Era Digital muita coisa mudou, inclusive o documento que versa sobre a disciplina História nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), que propõem o desenvolvimento de capacidades e habilidades cognitivas, tais como: estabelecer relações históricas entre o passado e o tempo presente, valorizar o

patrimônio sociocultural e o direito à cidadania, respeitando a diversidade social, étnica e cultural dos povos.

Um dos desdobramentos referentes a esses debates foi pensar o ato de ensinar, mais especificamente ensinar História, como algo que requer um diálogo permanente com diferentes saberes, produzidos em diferentes níveis e espaços (Queiroz, 2002), tornando obsoletos os propósitos da escola tradicional⁴ relatada por Nadai (1993), onde a disciplina História seria engessada nas questões de ordenação mecânica de fatos, com uma visão eurocêntrica, como se não houvesse história sem a presença dos europeus, exaltando as “grandes figuras”, como reis imperadores e presidentes e focando em decorar datas. Carlos Ferreira aponta alguns pontos que são relevantes para o entendimento do desinteresse dos alunos:

O ensino de História ainda é predominantemente factual, trabalhando com as tendências narrativas e positivistas, tornando-se, dessa forma, para os alunos um ensino desinteressante, confuso, anacrônico, burocratizado e repetitivo. Vários seriam os adjetivos que poderíamos dar para exemplificar o quadro de ensino desta disciplina, que pouco interesse desperta nos alunos, quer seja nos cursos de graduação, quer seja no ensino fundamental e médio. Desta forma, o conhecimento recebido na Universidade por futuros professores de História é repassado como pronto e acabado aos alunos do ensino secundário, negando-se a estas atitudes questionadoras, colocando-os passivos diante dos conteúdos transmitidos. A manutenção desse processo tem comprometido o ensino de História, o que vem, paulatinamente, desestimulando tanto alunos como professores (...) (FERREIRA, 1999, p. 140).

Mesmo com as novas propostas educacionais, a problemática apontada anteriormente não foi totalmente superada. Geraldo Horn (2006), por exemplo, comenta que pesquisas mais recentes sobre o currículo ainda apontam para a reprodução do conhecimento nas instituições educacionais, ou seja, a permanência de uma escola tradicional que ainda se sustenta na aquisição cumulativa de informações.

Logicamente que houve mudanças para os tempos atuais (século XXI), mesmo que ainda existam permanências citadas anteriormente, e uma delas é o trabalho da história de forma crítica, valorizando a consciência cidadã,

⁴ O sentido da palavra tradicional, quando colocada no decorrer do texto, fará referência à metodologia em que o professor seria apenas um transmissor de conhecimento, sendo assim considerado o detentor do saber.

colocando os alunos, assim como os professores, como protagonistas, concebendo o currículo como uma construção e valorizando a pluralidade cultural. Essa “nova visão” da história é muito baseada na Escola dos Annales, mais especificamente na terceira geração, que se propôs estender as fronteiras da história, incorporando temas como a infância, o corpo e incluindo também as mulheres (BURKE, 2010). Essas novas abordagens históricas são importantes para ampliar o horizonte em relação à história, recebendo uma identificação mais plural.

Nesse sentido, esses novos pensamentos em relação ao ensino de História são benéficos para que o processo de ensino e de aprendizagem seja proveitoso, tanto para os professores quanto para os alunos, e essas novas abordagens e novas linguagens também podem estar interligadas ao contexto em que os alunos se inserem, na chamada Era Digital, mas sempre respeitando os conteúdos e tendo cautela no trabalho com as TIC's (Tecnologias de Informação e Comunicação).

Jaime Karnal (2007) explica que as aulas podem ser extremamente conservadoras e ultrapassadas (seguindo a ideia de tradicional frisado anteriormente), mesmo contando com todos os mais modernos meios audiovisuais. Complementando essa ideia, Anita Lucchesi e Bruno Carvalho (2016) fazem também uma crítica ao pensamento de redenção da história por meio das tecnologias, já que, segundo eles, não existe “solucionismo” tecnológico, ou seja, essa mesma tecnologia que pode ajudar no processo de construção do conhecimento histórico, não deve ser pensada como solução total ou resolução para todas as questões educacionais.

Portanto, utilizar as tecnologias no ensino de história pode ser benéfico, mas:

Inserir-se na sociedade da informação não quer dizer apenas ter acesso à tecnologia de informação e comunicação (TIC), mas principalmente saber utilizar essa tecnologia para a busca e a seleção de informações que permitam a cada pessoa resolver os problemas do cotidiano, compreender o mundo e atuar na transformação de seu contexto. (ALMEIDA, 2001, p.71).

Levando em consideração essa informação, Sonia Miranda (2012) diz que um dos desafios que a aprendizagem histórica tem nos dias de hoje é

exatamente fazer a interlocução entre o nosso campo de saber e os novos tipos de processos educativos. No tocante à educação, a busca por melhoria deve ser constante, mas para que isso aconteça:

A qualidade da educação envolve dimensões extra e intraescolares e, nessa ótica, devem se considerar os diferentes atores, a dinâmica pedagógica, ou seja, os processos de ensino-aprendizagem, os currículos, as expectativas de aprendizagem, bem como os diferentes fatores extraescolares (...) (DOURADO; OLIVEIRA, 2009, p. 205).

É exatamente nesse mote, ou seja, fazer a interlocução do nosso campo de saber e os novos processos educativos, que trabalhar as TIC`s ou NTIC`s como ferramentas pedagógicas no ensino de História possibilita (teoricamente) que a chamada geração de nativos digitais tenha, segundo Miranda (2012), uma modalidade de conhecimento mediada pela web. Além disso, Alexandra Maiato (2013) diz que as atividades práticas despertam a curiosidade dos alunos e, com base neste interesse, geram a construção do conhecimento histórico. Isso nada mais é do que despertar a criticidade por meio das tecnologias que são próprias de seu cotidiano, ou seja, novas abordagens no processo de se ensinar, mais especificamente se ensinar história.

As novas abordagens históricas proporcionam um trabalho pedagógico com várias possibilidades, utilizando uma infinidade de fontes históricas, não apenas o documento escrito, sendo possível valer-se de imagens, vídeos e jogos que possam estar contidos em ferramentas como blogs, sites e redes sociais para que se trabalhe a disciplina História. Com isso ocorre uma ampliação no tocante às fontes, já que:

O aumento de fontes para pesquisa histórica, como as digitais e a difusão de um número incontável de informações disponíveis nas redes mundiais, coloca-nos diante da necessidade de alargar nossa compreensão sobre as fontes de pesquisa no que diz respeito a nosso passado - colocando acima de tudo a *veracidade* e a *confiabilidade* das informações disponíveis - em um tempo de questionamentos profundos sobre as "verdades" e os "discursos" referentes ao passado (GEVEHR, 2016, p. 951).

Somando-se a isso, Flávia Caimi (2006) acrescenta que somente terá o efeito esperado (o processo de ensino) no momento em que o professor perceber que não basta se apropriar do conhecimento histórico, como também preocupar-se com o estudo da aprendizagem para compreender como pensa o

jovem, ou seja, é interessante o conhecimento das orientações e diretrizes educacionais, como também da capacidade de se atualizar frente à demanda tecnológica e estudantil que se apresenta no século XXI.

Fazer o uso das TIC`s é importante no ensino de História e saber utilizá-las como ferramentas pedagógicas é mais importante ainda, já que essas novas tecnologias representam, evidentemente, novos desafios para a mídia-educação, que deve aprender a lidar com uma cultura midiática muito mais interativa e participativa entre os jovens.

É importante conhecer as particularidades do ambiente onde se vai trabalhar e observar o espaço escolar, pois é sabido que em muitas escolas não se encontra tais ferramentas ou estas estão em péssimas condições de utilização, fazendo com que não ocorra uma adequação com a proposta de ensino, e assim utilizar o chamado “plano B”, como o uso do smartphone do professor para demonstrações de imagens, por exemplo. Dentro dessas novas tecnologias, a internet sem sombra de dúvidas é uma das principais ferramentas digitais que possibilita diversas formas de comunicação e proporcionam a interdisciplinaridade⁵ da educação (MERCADO, 2002).

A atualização e capacitação dos professores, pode se fazer necessário para atender às demandas que pululam no meio escolar, uma vez que estão cheios de jovens e crianças que tem as tecnologias como parte de seu cotidiano, por isso é interessante perceber que:

(...) a tecnologia tende a apresentar novidades a cada dia e assim aumenta a demanda por uma educação que privilegie o uso das linguagens das tecnologias, aumentando também a demanda por professores que as utilizem em processos significativos de aprendizagem. Com essas novas demandas, muitos professores estão buscando novos caminhos, mas são poucos os que encontram caminhos que sejam diferentes de uma educação tradicional, centrada na informação. (SCHERER, 2003. p. 270)

Sabemos que a internet nos proporciona infinitas possibilidades, como o acesso a vídeos, imagens, textos e músicas e “a força da linguagem audiovisual

⁵ Interdisciplinaridade é o processo que “une” duas ou mais disciplinas, mas no sentido de se desenvolver um trabalho de integração de uma disciplina com outras áreas do conhecimento, buscando fazer relações entre elas.

está no fato de ela conseguir dizer muito mais do que captamos” (BEZERRA; LOPES, 2002, p.58).

Utilizar essas ferramentas como a internet, para fins educacionais e pedagógicos, se constitui uma excelente ideia. José Moran (1997) comenta que a internet divulga, ensina, comunica e gera pesquisa. Além disso, essa ferramenta tem um alcance amplo, sem falar na linguagem tecnológica veiculada nesses ambientes, que pode auxiliar a educação de forma mais descontraída, ocasionando um processo de ensino e aprendizagem menos formal e atrair a atenção de alunos em geral, já que navegar na Internet e estar conectado em redes sociais virtuais é algo que faz parte de sua rotina (FETTERMAN, 2012). Somando as tecnologias ao ensino mais problematizante, com mais reflexão, compreendendo como o conhecimento se constrói, pode se distanciar da aula conteudista, aquele que no texto, vez ou outra, chamamos de tradicional, já explicitado anteriormente, ou seja, seria a mudança que está sendo construída no século XXI.

Dentre as várias possibilidades que as novas tecnologias podem nos proporcionar, existem os acervos ou repositórios digitais, nos quais é disponibilizada uma diversidade de documentos históricos, além de museus que digitalizam seu acervo e disponibilizam ao público em geral e são de grande valia na prática do ensino de História. Em vista disso, Michele Rosa comenta que:

Ao mesmo tempo em que se ampliou a pesquisa histórica nas últimas décadas, expandiu-se a infraestrutura e popularizou-se o uso da informática, resultando num amplo esforço de digitalização e publicação de fontes históricas, por meio de sofisticadas plataformas virtuais ligadas a museus, bibliotecas, arquivos e empresas jornalísticas, vistas também como uma modernização praticamente obrigatória, incentivada por políticas públicas. (ROSA, 2011, p.14)

Os computadores, tablets e os smartphones são instrumentos que, aliados à internet, proporcionam um campo de infinitas possibilidades. Todavia, a utilização dos recursos tecnológicos não é garantia de qualidade no processo de ensino e aprendizagem, pois a construção do conhecimento histórico depende do domínio que os professores devem ter, tanto do conteúdo a ser ministrado, quanto das tecnologias que irão ser utilizadas em sala de aula, para que daí em diante possa utilizar das diversas metodologias de ensino. Além disso, o papel

do professor pode ser de facilitador e orientador, valorizando o pensamento crítico dos alunos.

As TIC's devem ser empregadas como ferramentas de auxílio pedagógico no ensino de história, e não serem utilizadas como muletas, apenas substituindo o antigo quadro de giz. As TIC's devem ser trabalhadas como recursos pedagógicos proporcionando mais interesse nos alunos, como dito anteriormente, modificando aquele tipo de aula que se baseava na racionalidade técnica de origem positivista, valorizando a transmissão de conhecimento, onde o professor detém o conhecimento e os alunos são meros receptores. Afinal de contas, como também foi destacado antes, vivemos numa sociedade da informação, onde frequentemente fazemos o uso das tecnologias para nos auxiliar.

Inserir- se na sociedade da informação não quer dizer apenas ter acesso à tecnologia de informação e comunicação (TIC), mas principalmente saber utilizar essa tecnologia para a busca e a seleção de informações que permitam a cada pessoa resolver os problemas do cotidiano, compreender o mundo e atuar na transformação de seu contexto. (ALMEIDA, 2001, p.71).

Para Suely Scherer (2003, p. 270), por exemplo, “a tecnologia tende a apresentar novidades a cada dia e assim aumenta a demanda por uma educação que privilegie o uso das linguagens das tecnologias”. Isso aumenta também a demanda por professores que as utilizem em processos significativos de aprendizagem.

O uso da internet tem crescido muito entre crianças e adolescentes e isso pode ser facilmente observado, basta olharmos em nosso cotidiano ou mesmo na escola para comprovar tal afirmação. Sustentando essa ideia, a pesquisa Kids Online 2015, feita pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação do Comitê Gestor da Internet no Brasil (2016), apontou que 79% das crianças e adolescentes no Brasil de 9 a 17 anos são usuários de internet, isso representa mais de 23 milhões de pessoas nessa faixa etária. A pesquisa ainda aponta que o objeto mais utilizado para acessar a internet é o celular, seguido pelo computador de mesa, notebooks, etc.

Nesse mesmo trabalho de investigação também podemos perceber as diferenças por região, já que no Norte do país 54% das crianças e adolescentes

são usuários de internet, mudando o panorama para outras regiões, onde a porcentagem é maior. No Nordeste 70%, no Centro-oeste 84%, e a maior proporção de usuários fica na região Sul, com 90% de usuários.

Além disso, a pesquisa demonstra que mais de 6 milhões de crianças e adolescentes estão desconectados, e entre esses, mais de 3 milhões nunca acessaram a rede mundial de computadores.

O celular com acesso à internet, também chamado Smartphone, une inúmeras funções, como gravação de vídeos, captura de imagens, acesso à internet e as redes sociais, tudo usando os aplicativos que já vêm contidos nos aparelhos ou que podem ser adquiridos através de downloads.

Esse tipo de tecnologia também pode ser utilizado como ferramenta pedagógica nas aulas de história, pois existem jogos com temas históricos, aplicativos específicos para a disciplina História, além de pesquisas que podem ser feitas no aparelho, buscando imagens, vídeos e textos que possam tornar a aula mais dinâmica e interessante. O papel do professor é importante, pois pode direcionar a pesquisa ou mesmo deixá-la livre, se preferir, para depois debater com os alunos acerca do que foi encontrado, observando as diversas visões referentes ao tema proposto. Isso reflete na flexibilidade do papel do professor, que pode tanto ser um mediador, quanto um protagonista, já que depende da metodologia que se pretende empregar.

Mesmo que seja pertinente citar o uso do celular para fins pedagógicos, essa dissertação não se propõe aprofundar no tema, outros trabalhos foram desenvolvidos visando especificamente estudar o uso do celular como ferramenta para o ensino e aprendizagem⁶.

Esse trabalho tem por objetivo focar no uso do Facebook como ferramenta pedagógica no ensino de história, que será trabalhado mais especificamente no segundo e terceiro capítulos, destacando o debate teórico referente ao tema e também às práticas e intervenções com o Facebook e os alunos, na sala de aula e fora dela com o auxílio desta rede social. Dito isso, vale destacar que observar e entender a realidade em que os alunos estão inseridos é um papel dos

⁶ Para se aprofundar no estudo do uso do celular na escola e na sala de aula, existem trabalhos como os de NAGUMO, Estevon – O uso do aparelho celular dos estudantes na escola. UnB, 2014; CAMPBELL, Scott. Perceptions of mobile phones in college classrooms: ringing, cheating, and classroom policies. *Communication Education*, v. 55, n. 3, p. 280-294, 2006.

profissionais da educação, e como o mundo atual é voltado em grande parte para a tecnologia e para as mídias sociais, ainda mais no mundo dos jovens, à dinamização do processo de ensino e de aprendizagem, assim como trabalhar diferentes formas para construção do conhecimento é relevante para o desenvolvimento de um trabalho com qualidade.

Não se pode hoje em dia, em qualquer profissão, se eximir de trabalhar com as tecnologias existentes, e para os professores a realidade não é diferente, haja vista que vivemos na chamada Era Digital⁷, onde os tablets, notebooks e smartphones fazem parte do cotidiano das pessoas, inclusive dos estudantes, e é fundamental a utilização das novas linguagens aplicadas no ensino de História, mas sem a substituição dos conteúdos da disciplina propriamente dita, e sim fazendo um diálogo ou uma incorporação dessas ferramentas para a educação.

Gerar o interesse nos alunos para o estudo da História é um dos maiores desafios para os professores, e por isso:

Levar em conta o universo da criança ou do adolescente não é, pois, abdicar do rigor intelectual ou do valor do conhecimento histórico, mas garantir que a apropriação deste conhecimento ocorra permeada de sentido e significação, resultando em sólidas aprendizagens (CAIMI, 2006, p. 24).

As diversas possibilidades proporcionadas pela internet e, dentro disso, as redes sociais como o Facebook, nos dão uma infinidade de ferramentas, que sabendo trabalhá-las podem gerar profícuos trabalhos.

Para Lucia Santaella (2007), a chamada “hipermídia⁸ trouxe mudanças para o modo como não só o texto, mas também a imagem e o som costumavam serem entendidos”, e essas novas linguagens modificam a maneira como os alunos se relacionam com a leitura. Ao que parece, estamos diante de um novo desenho educacional e de informação, reestruturando o modo de transmissão

⁷ Era digital pode ser classificada como uma revolução na comunicação, transformando a informação. Conhecida também como era da informação ou era tecnológica, têm suas bases na década de 1980, e gerou modificações no mundo, trazendo dinamismo e agilidade na informação, ocasionado pelos computadores. Uma das questões importantes da era digital é a velocidade da comunicação, já que trouxe a possibilidade da comunicação em tempo real.

⁸ O processo que faz a integração entre textos, imagens, sejam elas fixas ou em movimento, que são os GIFs (Graphics Interchange Format, que se pode traduzir como “formato para intercâmbio de gráficos”), e do som, em uma nova linguagem híbrida, é chamada de Hipermídia.

da memória e do passado, produzindo um novo tipo de sociabilização e de interação com os tradicionais “lugares de memória” (Casadei, 2009).

Quando se utiliza a palavra “memória”, se suscita várias interpretações, sobretudo quando se trata de tecnologia, haja vista que podemos entender como um termo que pode ser empregado na capacidade de armazenamento de computadores e celulares, por exemplo, mas ao longo desse trabalho, quando se fizer referência à memória, implicará no sentido de lembranças, de memória coletiva e social, das práticas de valorização e representação do passado.

Segundo Le Goff (2003), o conceito de memória se instala e senta suas bases quando ele coloca que:

A memória como propriedade de conservar certas informações remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de informações psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LEGOFF, 2003, p. 423).

Nesse sentido, Maurice Halbwachs (2006) entende que não existe memória individual, já que os indivíduos precisam utilizar as convenções sociais e precisam que outros validem sua memória. A memória individual é constituída pela combinação aleatória da memória coletiva dos diversos grupos de que uma pessoa possa ter sofrido influência. Soma-se a isso a questão da violência simbólica e os processos de dominação⁹.

Ainda sobre o entendimento do que é memória, surgiram outras visões referentes ao tema, como a de Michael Pollack (1989), que confeccionou a noção de enquadramento da memória coletiva, demonstrando que a memória é um fenômeno de construção consciente ou mesmo inconsciente, que pode estar ligada à organização, construção de identidade ou oficialização da memória, que podem ser exemplificados em museus, bibliotecas, monumentos e atualmente com a força da tecnologia, pode ser encontrada na internet, através de sites, redes sociais e repositórios online.

Para refletirmos sobre essa questão organizacional da memória é interessante o que Pierre Nora tem a dizer:

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a

⁹ Violência simbólica é um termo criado por Pierre Bourdieu para designar o processo pelo qual a classe dominante impõe seu modo de pensar ao resto da sociedade. Esta classe dominante pode estar relacionada à questão econômica, cultural, etc. Ver mais em: BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004; BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3. ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

chama, porque ela ignora (...). Valorizando, por natureza, mais o novo do que o antigo, mais o jovem do que velho, mais o futuro do que o passado. Museus, arquivos, cemitérios, e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões da eternidade.

(...) Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais (NORA, 1993, P. 13).

As antigas formas de transmissão de memória são modificadas pelas novas tecnologias produzindo novos lugares de memória, que estão diretamente relacionados às mídias como a televisão, mas que sofreram uma tremenda reformulação com o surgimento das mídias digitais, como a internet, os repositórios de vídeos e as redes sociais. Essas mudanças podem ser observadas nos tipos de narrativas dessas novas plataformas, que mostram o passado outra vez, tornando-o presente (Bucci, 2002). Isso também provoca uma extensão do chamado tempo presente, ocasionado pelas tecnologias de informação e comunicação, que não se limita mais ao momento do acontecimento, já que nesses novos lugares de memória repetem as imagens e os vídeos dos acontecimentos (VIRILIO, 2006).

Com as mudanças ocasionadas pelas novas tecnologias, gerando novos lugares de memória, os fatos históricos são contados de forma diferente por esses novos meios e, principalmente, o modo de interação do usuário com este passado pode ser reconfigurado e, por conseguinte problematizado.

O que já percebemos é que as transformações são cada vez mais velozes em nossa sociedade, e assim também deve ser no ensino de história, que precisa sofrer modificações, seja na metodologia empregada ou mesmo nos recursos utilizados, para acompanhar as alterações vistas no mundo.

Frequentemente tenho usado no texto a palavra “ferramenta” para sustentar a ideia de recurso pedagógico no emprego das TIC’s, e isso evidentemente não foi um lapso, mas uma forma de valorizar o uso desses recursos de forma consciente pelos profissionais da educação, mais especificamente o professor de História, para que esses profissionais utilizem as tecnologias de forma mais racional, não tornando a sala de aula um cabide para aparatos tecnológicos. As ferramentas são um conjunto de elementos físicos ou

intelectuais, que os trabalhadores se valem para executar uma tarefa, nesse sentido as tecnologias são utilizadas como ferramentas pedagógicas com o intuito de fornecer aos alunos, dentro e fora da sala de aula, uma nova experiência, com troca de conteúdos didáticos que facilitem o ensino e o aprendizado.

Michel de Certeau (1998) já dizia que cada sociedade se pensa “historicamente” com os instrumentos que lhe são próprios, no nosso caso, que estamos inseridos na sociedade da informação, temos como instrumentos as novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC), como os smartphones, tablets, vídeo games, smartvts e dentre outros, que estão conosco quase que o tempo todo, como uma extensão do nosso corpo. Tudo isso faz emergir a chamada “cibercultura” (LÉVY, 2000), que seria um “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço¹⁰”.

A escola, fundamentalmente, é um espaço para aprender, e junto às mudanças da sociedade surgem demandas que buscam novas formas de aprender, sendo largamente incentivadas pela introdução das TIC’s na vida das pessoas, suscitando consequências no espaço escolar. O ensino e a aprendizagem estão cada vez mais estimulados a fazer com que os alunos sejam mais críticos, reflexivos, autônomos, observadores e analíticos (pelo menos na teoria), além do que, muitos deles se sentem à vontade com as novas tecnologias, sabendo manuseá-las muito melhor que os professores, na maioria das vezes, ou seja, incorporar tais tecnologias à escola, mas de forma pensada, organizada e estruturada, é fomentar uma escola cidadã e inserida na sociedade da informação. Nesse novo contexto em que o processo educacional se encontra é relevante:

Valorizar o professor e dar os subsídios necessários para a utilização da TICs em sua prática pedagógica é fundamental, pois num pensar, agir, fazer, interagir e relacionar-se com seus alunos poderá criar condições para que eles entendam a sociedade tecnológica na qual vivem (MENDES, 2011, p. 23).

¹⁰ Esse termo foi criado em 1984, pelo escritor Wiliam Gibson no seu livro de ficção científica Neuromancer. Ciberespaço se refere a um espaço virtual composto por cada computador e usuário conectados em uma rede mundial.

Todas essas modificações e inovações são possíveis graças às novas formas de se conseguir informação, que são as mídias, sejam elas digitais ou não. Mas na contemporaneidade o que se vê são o bombardeamento de mídias no formato digital, isso em diversas plataformas. Por isso é importante entender como são esses formatos e onde encontra-los.

1.2 A invasão das mídias

Além de vivermos na sociedade da informação, podemos também dizer que está ocorrendo dentro disso o fenômeno da midiatização, haja vista que as informações circulam por novos ambientes, como blogs, redes sociais, sites de vídeos como o Youtube¹¹ e dentre outros que mudam o panorama da comunicação, pois com postagens, visualizações, comentários ou compartilhamentos, tudo isso de forma instantânea, proporcionam uma forma diferente de se informar, entreter e comunicar. Para Gilza Dorigone, “no que se refere à área educacional, a mídia esteve sempre presente na educação formal, porém, não raras vezes, sofreu certa resistência, em relação a sua aplicação na escola” (DORIGONI, 2007 p. 2). Além disso, a autora diz que o impacto social causado pela penetração das TIC nos últimos anos ocasionou intensas transformações nas principais instituições sociais.

No estudo da história é muito importante a análise documental, e isso é feito através do estudo das fontes históricas, que podem ser materiais ou imateriais, como inventários, cartas, iconografias, discursos, músicas, etc. As fontes escritas, por exemplo, têm seu valor, contudo, com o advento das novas tecnologias e das novas linguagens se possibilitou outro tipo de contato com as fontes e a busca por elas, uma vez que as NTIC possibilitam a visualização e o compartilhamento de uma diversidade de documentos em formato digital e de forma instantânea.

Antes poderia existir certa dificuldade em encontrar algumas fontes primárias, e isso por vários motivos, seja pela distância, já que poderiam estar em outro país, ou mesmo por questões políticas e burocráticas. Lógico que ainda

¹¹ Site de vídeos onde usuários e empresas podem ver ou divulgar vídeos em formato digital e foi criado em fevereiro de 2005, por Chad Hurley e Steve Chen, dois funcionários de uma empresa de tecnologia situada em São Francisco, EUA.

existem alguns empecilhos para se alcançar certos documentos, mas a tecnologia, em forma de digitalização, trouxe algumas facilidades de acesso a fontes que antes eram quase impossíveis de se obter, sobretudo dentro da escola. Utilizando um computador com acesso à internet, se pode entrar em sites de museus famosos, localizados em países como França, Inglaterra e Estados Unidos, e visualizar seus acervos de forma digital, mas isso é apenas um exemplo das inúmeras possibilidades que as NTIC apresentam, visto que existem repositórios na internet com documentos, entrevistas, fotos, jornais e uma infinidade de materiais para pesquisa, além das próprias redes sociais, amplamente utilizadas no cotidiano das pessoas, que também servem para ter contato até com fontes primárias, por exemplo.

Para Lena Pinheiro (2006), as fontes primárias correspondem à “literatura primária” e são aqueles que apresentam e são disseminados exatamente na forma com que são produzidos por seus autores.

Essa nova atitude frente à pesquisa está tomando espaço, já que existem diversos lugares onde podemos ter o alcance a documentos antes intangíveis, pois com o auxílio das novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC), sobretudo a internet, ocorre uma facilidade de acesso a documentos digitalizados, que são altamente relevantes para as problematizações históricas.

Segundo Jacques Le Goff (2003), o documento deve ser analisado e desmitificado, sendo avaliado na sua totalidade. É importante salientar que toda fonte que permita descobrir os fenômenos que levam a compreender o documento são úteis, daí mais um ponto a favor para as NTIC. Quando Le Goff comenta sobre o documento, diz que ele “é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”. Portanto: “Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente (...)” (LEGOFF, 2003, p.546).

Trabalhar os documentos com os alunos é de fundamental importância, já que analisá-los de forma crítica, discutindo quem os produziu, para quem foi feito e em que contexto foi criado, pode nos trazer a ampliação do olhar para determinados acontecimentos e com a internet é possível ter acesso a

documentos e trabalhá-los com os alunos, em sala de aula ou através de metodologias, utilizando as redes sociais, por exemplo, que serão detalhadas nos capítulos posteriores dessa dissertação.

Algumas das várias inquietações que podem existir sobre o processo de ensino e de aprendizagem com o auxílio das NTIC, são fundamentalmente aquelas referentes ao contato ou acesso às tecnologias, já que para se trabalhar as novas possibilidades educacionais se faz necessário ter ferramentas tecnológicas. Em vista disso, Vani Kenski diz que:

As tecnologias digitais de comunicação e informação, sobretudo o computador e o acesso à *internet*, começam a participar das atividades de ensino realizadas nas escolas brasileiras de todos os níveis. Em algumas, elas vêm pela conscientização da importância educativa que esse novo meio possibilita. Em outras, são adotadas pela pressão externa da sociedade, dos pais e da comunidade. (KENSKI, 2003, p. 70).

Sobre a questão do ensino de história e as novas tecnologias, se tem um novo fenômeno, que é a relação das pessoas com o computador e a internet. Marcella Costa e Anita Lucchesi (2015) dizem que o desenvolvimento e a popularização das tecnologias fazem emergir uma nova nomenclatura para registros históricos, denominada “história digital”. Por História Digital se entende inicialmente que está associada à análise e ao ensino da história a partir de documentos históricos disponibilizados na internet (LUCCHESI E CARVALHO, 2016). Logicamente que, com o passar do tempo e conforme foram feitas, produções e debates referente a essa questão, o conceito de história digital foi se ampliando, gerando mais relevância do seu estudo no meio acadêmico.

A História digital tem sua importância e para Serge Noiret:

A história digital (digital history), que disciplina a relação entre as tecnologias de rede e a disciplina história, por meio das plataformas sociais e das mídias sociais, contribuiu, assim, para abrir a um público maior, e também de forma participativa, à ‘alta cultura’ e, nos melhores casos, com a mediação de historiadores profissionais, os historiadores públicos. (NOIRET, 2015, p. 34).

Pensar a História Pública é entender que há várias possibilidades de divulgação do conhecimento histórico, e isso se faz pelos mais variados meios de comunicação, como a televisão, o rádio, revistas, etc. Nos tempos atuais

podemos citar a internet, como um grande meio de difusão do conhecimento histórico, a se propagar através de blogs, repositórios, museus online e também das redes sociais o que é produzido por profissionais especialistas na área de História ou amantes dela, o que se configura em história digital.

Acredita-se que o termo “História Pública” tenha sido empregado inicialmente pelo historiador Richard Kelly, da Universidade da Califórnia, isso em 1976. Este mesmo historiador criou uma revista acadêmica que é referência até hoje, chamada de *The Public Historian* (LUCCHESI E CARVALHO, 2016).

A história pública tem a função de difundir o que antes estava restrito aos espaços de produção científica, já que ela:

Tem importância real e urgente, dada a crescente popularidade das representações do passado nos dias de hoje. Em um contexto de segmentação acadêmica e profissionalização restrita, os agentes da história pública podem fornecer uma mediação necessária, inspiradora e revigorante entre o passado e seus públicos (Liddington *in* Almeida & Rovai, 2011, p. 50).

Portanto, divulgar o conhecimento histórico, além dos muros escolares e universitários, é um dos papéis da História Pública, afinal de contas, a História está presente em filmes, em séries, em jogos de vídeo games e uma infinidade de mídias que são divulgadas de forma profissional ou através dos compartilhamentos nas redes sociais. Por esse motivo os historiadores, que são os profissionais especialistas nessa área, devem estar à frente da divulgação desse tipo de conhecimento.

Um dos meios mais utilizados pela História Pública para a divulgação do conhecimento histórico são exatamente as mídias, devido à possibilidade de compartilhamento virtual, instantâneo e pela maior capacidade de armazenamento de imagens, sons, etc. A História Digital está diretamente ligada às mídias digitais, por esse motivo é altamente relevante se entender o que são essas mídias.

1.2.1 O que são as mídias?

A divulgação do conhecimento histórico esteve relacionada inicialmente às publicações científicas dentro da academia, que saíam dos espaços de produção, como grupos de pesquisas e cursos de pós-graduação, além da confecção de livros e revistas acadêmicas e também de revistas de divulgação histórica como, por exemplo, a *Revista da Biblioteca Nacional*, *Aventuras na História*, *História Viva*, *História Nova*. Contudo, o panorama da disseminação do conhecimento histórico vem mudando, e isso por conta de um campo da história que tem crescido na academia e proporcionado uma ampliação do debate referente à democratização do acesso ao conhecimento acadêmico e a cultura histórica de maneira mais geral, que é exatamente a história pública, já explicitada anteriormente.

A diversidade de espaços que estão dando voz à História é muito grande, são jogos de vídeo games, novelas, páginas em redes sociais, blogs, aplicativos de celulares, séries, filmes e músicas, que se inspiram em acontecimentos do passado, se apropriando do conhecimento histórico e propagando nas mídias, sejam elas digitais ou analógicas. Vale ressaltar que deve existir uma convergência entre o conhecimento acadêmico e a produção artística proporcionada por esses ambientes que também são de propagação do conhecimento histórico. Um exemplo disso está em cenas de filmes históricos, que fazem representações da História, colocando adornos em contextos históricos para gerar mais emoção ao público.

Marc Ferro (2001) explica que a televisão, o cinema e a imprensa escrita seriam as principais formas de divulgação e apreensão de conhecimentos fora do universo escolar. Sabemos que isso mudou bastante, sobretudo com democratização dos computadores e a facilidade de acesso à internet, como já foi destacado antes. No momento atual, essa apreensão de conhecimento e informação se faz muito mais pelas redes sociais, conhecidas também por mídias sociais, como o Facebook, Whatsapp, Instagram, Twitter e também por sites que são repositórios de vídeos, como o Youtube, tudo isso por meio de compartilhamento e visualização de textos, imagens e vídeos em formato digital e de forma instantânea a partir das mídias digitais.

Outra coisa que também sofreu modificações foi a forma de se ler, já que as próprias revistas citadas anteriormente são disponibilizadas de forma digital, podendo se ter acesso de computadores, tablets e até dos smartphones. Roger Chartier (2009), por exemplo, diz que a internet modificou a maneira de ler, como através dos E-Books, no Pen-drive ou Google drive.

As mídias são suportes de difusão de informação, ou seja, formam um conjunto de ambientes com a finalidade de transmissão de conteúdos e informações através de plataformas, que podem ser digitais ou analógicas, porém o que mais se vê nos tempos atuais é o acesso a ambientes digitais para se adquirir informações. Mario Erbolato (1985) define mídia por um conjunto de meios de comunicação, que inicialmente estava relacionado à televisão, rádio, cinema, etc. Mas hoje a mídia digital, que é um conjunto de veículos e aparelhos de comunicação baseada em tecnologia digital, está tomando espaço no que tange à transmissão de informações, inclusive as históricas. Essas informações circulam em grande velocidade através da internet e dos ambientes já citados, fazendo com que a distribuição de conteúdos digitais forme um bombardeio instantâneo de sons, vídeos, textos e imagens, que compartilhadas entre pessoas proporciona um processo em que cada vez mais a sociedade se constitui em rede (CASTELLS, 1998).

O uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e as mídias digitais estão inseridos nesse tipo de tecnologia, devem ser pensadas como linguagem, ou seja, uma forma mais rápida de se comunicar em um ambiente virtual, apontando que elas abrem “novos conceitos de comunicação, de espaço e de tempo. Seu texto é outro, mesmo que na ‘telinha’ reproduzam as velhas páginas de pergaminhos” (ALMEIDA; FRANCO, 2014, p.46). Ainda trabalhando essa ideia, os autores defendem que as TIC não devem ser pensadas apenas como redes de informações, mas que também as atividades das TIC na educação escolar devem estar inseridas como redes de linguagem e de conhecimento. Essa nova linguagem deve ser apropriada pelo professor, já que a busca pela aproximação da realidade do aluno (social, econômica e também tecnológica) tem que ser presente na prática pedagógica, e o que podemos observar na prática educacional é o uso frequente dos objetos tecnológicos pelos

alunos, que estão conectados sempre que podem, por vezes em sala de aula com o auxílio de celular, de forma camuflada.

Quanto mais espaços de aprendizagem se proporcionar aos alunos, o trabalho para com eles poderá ser mais proveitoso, já que a cultura digital é uma realidade, não só no Brasil, mas como em vários outros países. Sendo assim, o grande desafio é exatamente integrar as TIC ao currículo de forma qualitativa, utilizando de metodologias para aplicação dessas tecnologias, trazendo a cultura digital para a escola da melhor forma possível (GONSALES, 2014, p. 57). Nesse sentido, o melhor trabalho em sala de aula, com o auxílio das tecnologias, não é transformar o espaço escolar em cabide de aparatos tecnológicos, e sim utilizá-los como ferramentas quando necessário.

Essa cultura digital está cada vez mais presente na escola, mesmo que algumas vezes seja deixada de lado por alguns professores. A utilização de equipamentos como o Data-Show, por exemplo, já é realidade em muitas escolas, tanto particulares com também nas escolas públicas e podem engrandecer o trabalho do professor, já que mostrando imagens e vídeos para os alunos, dos lugares e momentos históricos, podem gerar uma maior atenção, pois quanto mais sentidos se trabalhar, mais fácil (teoricamente) será o entendimento dos assuntos ministrados, no caso, se utiliza a audição e a visão com esse tipo de equipamento.

Logicamente que existem os fatores que vão na contramão dessa teoria, como o desinteresse de alguns alunos, que deixam os professores chateados, tristes e desvalorizados, que por vezes passam noites elaborando planos de aulas, novas metodologias e slides que em tese seriam mais dinâmicas, mas que ao apresentar para os alunos não se tem o resultado esperado. Infelizmente não são fórmulas mágicas ou equipamentos de última geração que irão modificar em 100% o panorama do ensino de história nas escolas de ensino básico brasileiro, mas como o auxílio das novas tecnologias, aliada a metodologias e aproximação das novas linguagens que fazem parte do mundo das crianças e jovens, pode-se ter um avanço no processo de construção do conhecimento histórico.

Fazer com que o processo de ensino e de aprendizagem, integrado às tecnologias, tenha qualidade é um desafio para os professores, já que o que acontece em alguns casos é o uso dessas mesmas tecnologias, mas de maneira

tradicional, não mudando a metodologia, onde muitas vezes a internet serve apenas como um banco de dados e o Power Point substitui o antigo quadro (KENSKI, 2010).

Esses novos espaços de aprendizagem podem ser as comunidades virtuais proporcionados pela internet. Por comunidade virtual, Pierre Levy (1999) define como “um grupo de pessoas se correspondendo mutuamente por meio de computadores interconectados”. A sala de aula, evidentemente, tem seu papel fundamental na construção do conhecimento histórico, mas utilizar outros espaços, inclusive os virtuais, de forma colaborativa para desenvolver o ensino e a aprendizagem, pode gerar frutos no que tange à interação, já que a aula não pode ser vista como um ato de mera reprodução de conhecimentos, mas sim de construção.

Além de se pensar o trabalho em sala de aula e suas extensões que foram mudando de acordo como o desenvolvimento das TIC, se modificam também os modos de se pensar a história. Sônia Wanderley comenta que:

Pensar a História na contemporaneidade, portanto, nos obriga a considerar a produção midiática haja vista sua capacidade de produzir eventos e constituir sentidos. Assim, os campos da produção historiográfica – senhora, até pouco tempo, da produção de sentido para o passado – e o da comunicação – no que tange à reflexão sobre sua capacidade na “fabricação” de imagens simbólicas, conjunto de representações que forjam verdades/significados – se entrelaçam de tal forma no estabelecimento da cultura histórica que não podem, tanto historiadores, como jornalistas ou estudiosos da comunicação, deixar de refletir sobre a questão. (Wanderley, 2012, p. 3).

Segundo Zygmunt Bauman (1999), a abrangência populacional que as mídias têm demonstram o quão extraterritorial elas são. Isso é somente possível pelo advento da WEB 2.0, que é uma evolução da internet, tornando esse ambiente ainda mais dinâmico, onde os usuários compartilham informações de forma instantânea e online. Nesse contexto dinâmico, em que as interações acontecem com mais frequência, mesmo que de forma mais fria, pela tela dos aparatos tecnológicos, “o professor é desafiado a tornar-se um provocador de situações de ensino e aprendizagem que se apoiem na tecnologia como ferramenta de acesso e de divulgação do saber histórico” (CARDOSO E AMORIM, 2011, p. 154).

Não podemos deixar de destacar as pessoas que não concordam com a introdução das tecnologias na educação ou no ensino de história, muitas vezes

por estarem arraigados a métodos tradicionais e por vezes terem medo de mudanças ou ainda por achar que as NTIC podem ser um meio de distração para os alunos. Levy (1999) destaca que aqueles “que denunciam a cibercultura hoje têm uma estranha semelhança com aqueles que desprezavam o rock nos anos 50 ou 60”. Essa analogia é interessante, pois o preconceito que existia em relação a esse tipo de música, relegando esse estilo musical para os guetos, com o tempo se modificou e o rock se espalhou pelo mundo todo, invadindo espaços antes impensáveis. No caso da introdução das NTIC no ensino de história, basicamente já é uma realidade, mesmo que contrariando certas pessoas. A questão agora é outra, não é mais se a tecnologia poderá adentrar os espaços escolares, mas como trabalhar as NTIC, como ferramentas pedagógicas no ensino de história.

Como tudo é muito dinâmico e sofre modificações rapidamente, as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação estão frequentemente passando por alterações, como no desenvolvimento de objetos tecnológicos mais novos e mais avançados, mas também no próprio termo, que se modificou e agora está sendo chamado apenas de “tecnologia digital”, termo que cada vez mais está se firmando no meio acadêmico e no público em geral.

Outra questão importante de se observar é exatamente à mercadológica, já que é indissociável a produção de tecnologia da venda por corporações do mundo todo, que desenvolvem produtos e lucram com a venda deles, onde muitos desses são destinados para educação ou são aproveitados como ferramenta pedagógica.

A todo o momento surge uma nova geração de equipamentos mais modernos, com mais funções e que chegam junto com uma propaganda forte, objetivando a vendagem, isso claro, incluindo tecnologia destinada à educação, como softwares¹² de computadores, aplicativos para smartphones e aparelhos pensados para dentro das escolas, além da formação dos estudantes que deve estar também pautada na questão tecnológica, já que a era digital necessita

¹² Softwares são programas de computadores, é uma sequência de instruções escritas para serem interpretadas por um computador com o objetivo de executar tarefas específicas. Para Jorge Fernandes (2002), software é uma sentença escrita em uma linguagem computável, para a qual existe uma máquina (computável) capaz de interpretá-la. A sentença (o software) é composta por uma sequência de instruções (comandos) e declarações de dados, armazenável em meio digital. Ao interpretar o software, a máquina computável é direcionada à realização de tarefas especificamente planejadas, para as quais o software foi projetado.

disso. As modificações que a sociedade sofre unida ao consumismo é um prato cheio para o processo de indução ao uso, orquestrada pela propaganda, gerando frutos financeiros para as grandes corporações mundiais. Roger Silverstone (2002) diz que:

O consumo é, ele mesmo, uma forma de mediação, à medida que os valores e significados dados de objetos e serviços são traduzidos e transformados nas linguagens do privado, do pessoal e do particular. Consumimos objetos. Consumimos bens. Consumimos informação. (Silverstone, 2002, p. 150).

A informação, aliada à tecnologia, tem modificado bastante as relações sociais e os negócios também, “antigamente, durante a era industrial, o mundo era governado pelos recursos naturais; hoje é governado pela informação” (WRUMAN, 1991, p. 37), o comércio eletrônico é uma realidade e a rapidez e a facilidade com que se compram coisas pela internet, por exemplo, é de uma grandeza de encher os olhos. Continuando com as comparações em relação ao período inicial da industrialização, Peter Drucker (2000) diz que o comércio eletrônico é para a revolução da informação o que a ferrovia foi para a revolução industrial, ou seja, estamos vivendo um momento de grandes mudanças, inclusive de pensamento, que chegam facilmente à educação e ao ensino de história, pois fazem parte dessa sociedade da informação, onde a tecnologia, a rapidez, e as novas maneiras de pensar o mundo estão presentes.

Na visão de José Valente (1999), a educação, como qualquer outro serviço, também sofre e se conforma às concepções e paradigmas presentes na sociedade. É só pensarmos que o início da preparação para o mercado de trabalho está ligado à escola e se relaciona com a qualificação baseada nos estudos escolares. A formação dos estudantes deve estar pautada também no domínio da tecnologia, haja vista que ela está dentro dos postos de trabalho e, como já dito antes, o início da preparação dos estudantes para o mercado de trabalho é o ambiente escolar.

Ao pensar a tecnologia na educação, e mais especificamente no ensino de história, não podemos achar que estamos trabalhando dentro de uma redoma sem interferência externa, haja vista que o próprio contato dos alunos com essas tecnologias pode ser basicamente fora da escola e para outros fins que não a

educação. Mas esse desafio deve ser enfrentado pelos profissionais da educação, assim como historiadores, que ao se apropriar das tecnologias, buscando conhecê-las e trabalhá-las, podem tornar o processo de ensino e aprendizagem mais interessante e menos monótono.

Nesse sentido, ou seja, de que muitas vezes os alunos tem contato com várias tecnologias fora da escola, que será importante para o segundo capítulo se pensar a introdução de uma das redes sociais mais utilizadas no mundo, no caso, o Facebook, que em 2016, chegou a quase 2 bilhões de usuários em todo o mundo de acordo com o site Techtudo,¹³ e faz parte do cotidiano dos alunos, tanto para comunicação, quanto para diversão, discussão e informação, podendo ser usada também como uma ferramenta pedagógica para o ensino de História.

¹³Techtudo. Facebook chega a 1,8 bilhão de usuários ativos; foco é vídeo ao vivo. 2016. <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2016/11/facebook-chega-18-bilhao-de-usuarios-ativos-foco-e-video-ao-vivo.html>>. Acesso em 15/01/2017.

2 O FACEBOOK E O ENSINO DE HISTÓRIA

A conceituação e o debate feito no primeiro capítulo acerca das novas tecnologias de informação e comunicação e o entendimento sobre elas se fez necessário como base das ações e problematizações a que se propõe esse trabalho. Essas mesmas tecnologias desvelam o ponto de partida para o que virá a seguir, já que com a mesa posta, o diálogo que deverá acontecer daqui para frente poderá ser mais sólido, devido ao embasamento proporcionado anteriormente.

Além disso, uma questão que será recorrente e valorado novamente, mesmo que tenha sido abordado outrora, é a questão das novas abordagens no ensino de história, que afinal de contas é a nossa ideia principal de como trabalhar em sala de aula e o cerne desse trabalho.

Introduzir tecnologias na educação não é uma novidade, mas como a sociedade da informação está sempre inovando é importante desenvolver outras maneiras de ensino e, sobretudo aplicar as discussões teóricas na escola, e isso é um papel fundamental dos professores, já que faz parte do caminho percorrido na formação desses profissionais da educação, onde esse arcabouço teórico e prático é adquirido tanto na academia, quanto no chão da escola. Nesse sentido, Sônia Pimenta (2005) comenta pelo viés marxista da dialética¹⁴, que a atividade dos docentes é exatamente a práxis, haja vista que teoria e prática são indissociáveis. “A atividade teórica por si só não leva à transformação da realidade, não se objetiva e não se materializa, não sendo, pois práxis” (PIMENTA, 2005).

Essa ideia do conceito de práxis tem uma enorme relevância, seja para os professores ou para os alunos no desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, isso implica na questão da produção de conhecimento dentro do ambiente escolar.

Vale ressaltar que dentro do estudo das novas tecnologias, observamos também as chamadas mídias digitais, que sentou as bases para o

¹⁴ Dialética, para o marxismo, é o pensamento e a realidade ao mesmo tempo, sendo indissociáveis, que analisa a história como algo em movimento e que pode ser modificada pelas ações humanas. Para saber mais é interessante ver: MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. Livro I. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013; DEL ROIO, Marcos (Org.). Marx e a dialética da sociedade civil. Marília; São Paulo: Oficina Universitária; Cultura Acadêmica, 2014. 350 p.

desenvolvimento dessa dissertação, já que essa empreitada teórica pretende demonstrar que a utilização da rede social Facebook, que é uma das mais acessadas no mundo, pode contribuir na construção do conhecimento histórico dos alunos. Além disso, pensar a realidade do aluno, no caso, uma realidade onde a internet e as redes sociais se fazem presente é pensar também novas formas de se ensinar história.

Nesse sentido este capítulo se faz pertinente, visto que é necessário entender o conceito de rede social, observar como anda a utilização desse tipo de plataforma digital para a partir daí se ater ao Facebook, sua origem e sua história. Além disso, outro processo importante é trazer à luz a discussão acerca dos malefícios e/ou benefícios do uso do Facebook, destacando também o debate que aborda as bolhas e filtros digitais, as fake news e a chamada pós-verdade.

2.1 Navegando nas redes sociais

A sociedade não é e nunca foi estática, passou por revoluções, tragédias, acontecimentos, guerras, descobertas, invenções, vivendo um processo de evolução, muitas vezes de forma contínua, mas uma questão que sempre esteve presente para os seres humanos foi o contato, as relações interpessoais, a organização em grupos e a vida em comunidade, que nos tempos atuais também se tornaram virtuais. Zygmund Bauman (2003), por exemplo, explica que “pertencer a uma comunidade significa renegar parte de nossa individualidade em nome de uma estrutura montada para satisfazer nossas necessidades de intimidade e da construção de uma identidade”. Já que viver em comunidade implica em relações, percepção acerca das diferenças e espaço de interesses.

A comunicação instantânea proporcionada pela internet gerou um mundo de possibilidades, criando redes de contatos que antes não existiam. É nesse escopo que as redes sociais surgem, pois basicamente são filhas da internet e também fazem parte da evolução tecnológica.

Refletir sobre as tecnologias e o ensino de história é mais do que propício nos tempos atuais, buscando novas abordagens e novos recursos para trabalhar história na sala de aula, como também em outros espaços, inclusive os virtuais. A importância das redes sociais para o ensino e a aprendizagem está em

trabalhá-las como recursos pedagógicos, valorizando a participação e a criticidade dos alunos.

O termo rede pode “significar espécie de malha formada por um entrelaçado de fios, cordas, arames ou outro material; artefato para fins de apresamento ou retenção do animal desejado (...)” (FERREIRA, 2011, p. 3), mas o termo também pode estar relacionado a um conjunto de pessoas, estabelecimentos ou organizações. Cristiane Rocha (2005) explica que:

A palavra rede (originária da latina rete), em língua portuguesa, remete à noção de junção de nós – individuais ou coletivos – que, interligados entre si, permitem a união, a comutação, a troca, a transformação. Estar em rede – social, cultural, econômica, política – é (ou sempre foi) uma das condições de possibilidade de nossa convivência neste mundo, dada a necessidade (ou a obrigatoriedade) da contínua constituição de grupos comuns (ou comunidades) em limitados espaços e simultâneos tempos. (ROCHA, 2005, p. 1)

As redes de relacionamentos e comunicações estiveram sempre presentes na vida dos seres humanos, gerando interação, negócios, compartilhamento de ideias, acordos políticos e dentre outras coisas. Os meios de transporte, as correspondências, os objetos tecnológicos favoreceram muito mais essas relações, sobretudo às de longas distâncias e o ser humano enquanto um ser social fez parte de um ambiente colaboracionista e de comunicação. Com o advento das novas tecnologias de informação e comunicação, os seres humanos começaram a utilizá-las nas relações de trabalho, pessoais, de lazer etc.

Essas novas relações que surgem com as NTIC’s passam a ocorrer dentro da internet, surgindo daí as redes sociais digitais “aproximando” as pessoas. Esse estreitamento possibilitado pelas ferramentas tecnológicas fez com que ocorresse também uma maior troca e compartilhamento de informações por pessoas no meio virtual. Uma rede social é “uma estrutura social constituída por nós (no qual geralmente são pessoas, organizações e até conceitos) que são vinculadas por um ou mais tipos específicos de relações, como valores, visões, ideias, amigos, gostos, tipo sexual (...)” (KISO, s/d, p. 31).

Gonçalo Ferreira (2011) chama atenção para uma questão importante, que é a mudança de sentido da expressão *rede social*, que a partir do início do século XXI foi associada quase que exclusivamente à tecnologia da informação, e que é importante distinguir e não confundir rede social, como definida acima,

com os aplicativos de relacionamento (networking social) disponíveis na Internet, tais como Facebook.

Como percebido, as redes sociais não nascem com a rede mundial de computadores, mas da necessidade de interação, da criação de laços, de comunicação, do compartilhamento de informações, de ideias, de objetivos em comum e busca por diversão, que foram modificadas com as novas tecnologias, fazendo com que as redes sociais se adaptassem, caminhando para o meio ciberespaço. Essa necessidade humana demonstra uma necessidade anterior à internet, que se maximizou com o advento da WEB (HARDAGH, 2009).

As possibilidades dentro das redes sociais digitais são inúmeras, desde a criação de um perfil, passando pela criação de grupos e páginas, para interagir, compartilhar imagens, vídeos, textos, emojis¹⁵, comentar, curtir comentários, conversar privadamente, criar eventos, fazer enquetes, ver notícias, fazer transmissões ao vivo e muitas outras questões que surgem com as novas atualizações.

Com a disseminação dos smartphones, o que se impulsionou também foi o acesso à internet. Um estudo sobre o acesso à rede mundial de computadores e o uso das redes sociais foi desenvolvido pela *We Are Social e Hootside* (KEMP, 2018) e demonstrou vários dados. Segundo a pesquisa, mais de 200 milhões de pessoas adquiriram seu primeiro dispositivo móvel em 2017, ou seja, cerca de dois terços dos 7,6 bilhões de habitantes do mundo possuem um telefone celular. Além disso, se observa que mais de 3 bilhões de pessoas em todo o mundo utilizam as redes sociais, quase a totalidade disso, fazendo o uso pelos dispositivos móveis.

O Brasil é o terceiro país que passa mais tempo navegando na internet, cerca de 9 horas e 14 minutos diários, isso pelos mais diversos dispositivos, só perdendo para os filipinos, que estão em segundo lugar, navegando 9 horas e 29 minutos, e os campeões em acessos diários, que são os tailandeses, com 9

¹⁵ Os emojis são símbolos que representam uma ideia, palavra ou expressões, como também, animais, objetos etc. Sendo muito utilizado em redes sociais e aplicativos de smartphones (DAFNE BRAGA, 2018). Ver em: <https://rockcontent.com/blog/emoji/>. Acesso em 16/05/2018

horas e 38 minutos. Os dados poder ser vistos no gráfico realizado pelo site We Are Social (2018), que segue abaixo:

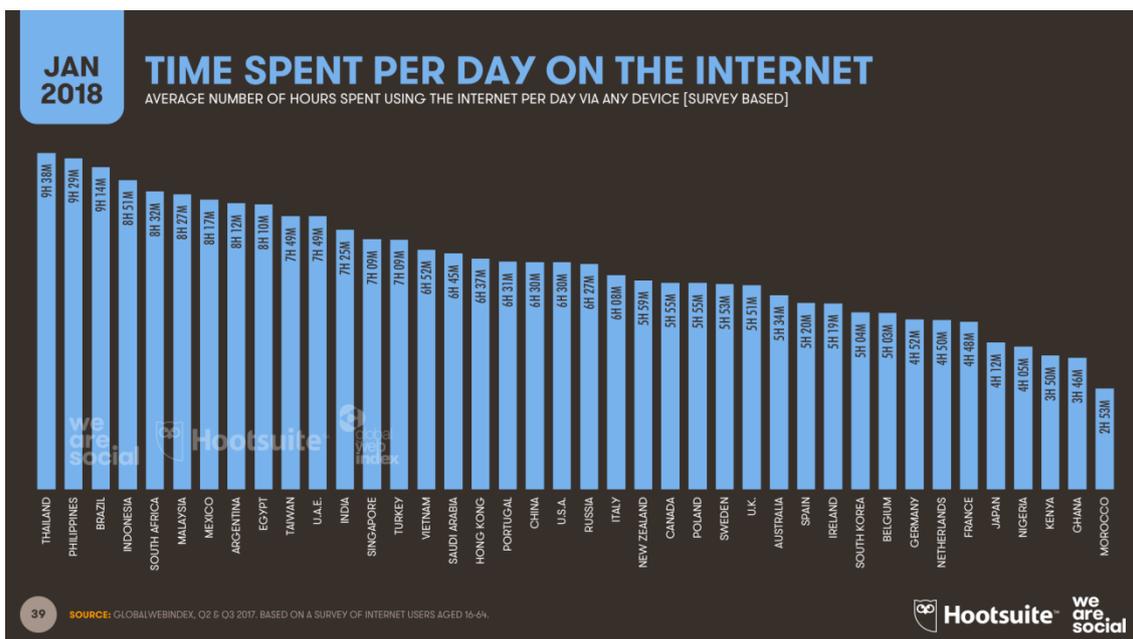


Figura 1. Tempo gasto por dia na internet¹⁶

Uma questão ainda mais relevante da pesquisa para esse trabalho é a demonstração de que os brasileiros estão em segundo lugar no tempo gasto nas redes sociais, perdendo apenas para os filipinos e a frente dos indonésios (KEMP, 2018). Fazendo um diálogo da pesquisa destacada com minha experiência no chão da escola, observei que as atividades dos alunos convergem com os dados apresentados, já que passam bastante tempo na internet e também utilizam as redes sociais, mas esse ponto terá mais destaque no último capítulo desta dissertação.

¹⁶ Disponível em: <https://wearesocial-net.s3.amazonaws.com/wp-content/uploads/2018/01/DIGITAL-IN-2018-002-TIME-SPENT-ON-THE-INTERNET-V1.00.png>. Acesso em: 25/04/2018.

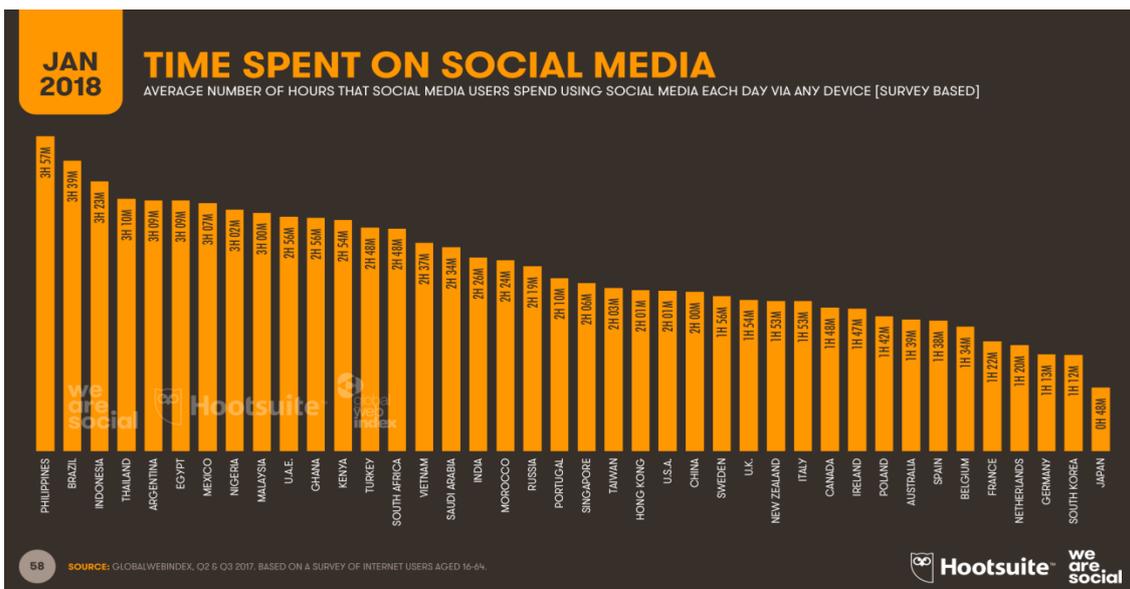


Figura 2. Tempo gasto nas mídias sociais¹⁷

Isso tudo que foi apresentado, demonstra que o uso dessas plataformas virtuais é uma realidade, ou seja, a educação e o ensino de história devem fazer parte desse movimento, utilizando essas ferramentas para desenvolver o processo de ensino e aprendizagens trabalhando como novas abordagens.

Outra questão que se apresenta na investigação feita através de um questionário com os alunos das turmas trabalhadas, que será explorado com mais afinco no próximo capítulo, mostrou que os alunos e alunas acessam mais a rede social pelo smartphone, assim como também demonstra a pesquisa do Site We Are Social (2018), sendo o Brasil o segundo país que mais navega nessas plataformas, perdendo apenas para as Filipinas.

Sendo assim, se apropriar das novas tecnologias é um passo importante para o desenvolvimento da educação e, conseqüentemente, do ensino de história. Esse trabalho faz um recorte dentro dessas tecnologias digitais e busca focar na rede social Facebook, com o intuito de utilizá-la como ferramenta pedagógica. Para isso é relevante o conhecimento dessa plataforma, desde a sua origem, perpassando pelas possibilidades dentro dela, para que daí em diante possa ser utilizada como ferramenta no ensino de história.

¹⁷ Disponível em: <https://wearesocial-net.s3.amazonaws.com/wp-content/uploads/2018/01/DIGITAL-IN-2018-011-TIME-SPENT-ON-SOCIAL-MEDIA-V1.00.png>. Acesso em: 25/04/2018.

2.2 Facebook mostra a tua cara

A origem da rede Social Facebook se dá nos idos de 2003, por estudantes da Harvard, universidade estadunidense, mais precisamente num apartamento do alojamento desta universidade, chamado Kirkland House. Foi exatamente nessas dependências que Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes iniciaram um projeto que iria gerar modificações virtuais sem precedentes.

Segundo o jornalista David Kirkpatrick (2010, p. 22.), em “setembro de 2003, quando estava no segundo ano da universidade, Zuckerberg chegou ao seu quarto na Kirkland House de Harvard arrastando um “quadro-branco” de quase 2,5 metros”. Essa era “a ferramenta perfeita utilizada pelos nerds da informática para dar vazão irrestrita às suas ideias”. Através de um emaranhado de fórmulas e cálculos surgiram várias ideias de softwares como o Course Match, que tinha o objetivo de ajudar os alunos a escolher as matérias com base em quem já estivesse matriculado nos cursos, e posteriormente foi desenvolvido o programa Facemash, onde Zuckerberg convidou os usuários a comparar duas fotos de pessoas do mesmo sexo e dizer qual era a mais bonita (Kirkpatrick, 2010). À medida que a classificação de uma pessoa ia “esquentando”, sua imagem era comparada com as de outras pessoas também cada vez mais bonitas. As fotos para o site Facemash vieram dos chamados “facebook” mantidos nos alojamentos dos alunos de graduação de Harvard, que eram imagens dos calouros tiradas no dia de sua chegada à universidade com intuito de identificá-los. Para isso Zuckerberg usou sua expertise para adentrar a rede de segurança de Harvard de modo a capturar as imagens de identificação dos estudantes a partir do diretório dos nove alojamentos, usando essas fotos para alimentar seu site, além de pedir emprestada a senha de usuário de um colega (TEIXEIRA, 2012). Devido a esse fato, Zuckerberg foi convocado a se apresentar perante o Conselho de Administração Disciplinar de Harvard, juntamente com seus colegas, que participaram da invasão ao sistema de segurança, como o colega que lhe dera a senha da Lowell House (moradia universitária de Harvard), seu companheiro de alojamento Billy Olson e Joe Green, que, mesmo não morando junto a Zuckerberg, também o ajudou. A acusação que foi feita era referente a violações ao código de conduta da faculdade, pois a ação feria as questões de segurança, direitos autorais e privacidade. A diretoria o deixou sob

observação e exigiu que ele marcasse uma sessão com um orientador, mas decidiu não punir os outros (Kirkpatrick, 2010).

Mark Zuckerberg criou vários softwares, um dos primeiros foi o Synapse, conhecido como “O cérebro”, feito ainda no ensino médio com um colega, e que registrava o tipo de música que o usuário gostasse, lhe mostrando outras possibilidades que poderiam agradar. Esse software, inclusive, foi sondado para compra pela empresa Microsoft¹⁸. Além desse, foram feitos vários outros programas pelo estudante da Harvard, mas o seu principal, que está até hoje, é o Facebook, que em seu início era denominado Thefacebook.com.

O início do programa mais famoso se deu no dia 4 de fevereiro de 2004, quando Zuckerberg lançou o site “The facebook” em Harvard. “No entanto, apenas seis dias depois, três estudantes seniores de Harvard — Divya Narendra e os gêmeos Cameron e Tyler Winklevoss — acusaram Zuck de roubar ideias que usariam em uma rede social criada por eles, denominada HarvardConnection” (TEIXEIRA, 2012), conhecida depois como ConnectU. Os irmãos Winklevoss e seu colega Narendra chegaram a processar Mark, mas entraram em acordo.

O foco inicial do Facebook era criar uma rede de contatos em um momento crucial da vida de um jovem universitário: o momento em que este sai da escola e vai para a universidade, o que, nos Estados Unidos, quase sempre representa uma mudança de cidade e um espectro novo de relações sociais. O sistema, no entanto, era focado em escolas e colégios e, para entrar nele, era preciso ser membro de alguma das instituições reconhecidas (RECUERO, 2009, p.171).

Para José Moreira e Susana Januário (2014), o Facebook foi criado em 2004 por Mark Zuckerberg como rede privada universitária, ou seja, uma rede social interna, que somente os universitários de Harvard poderiam ter acesso. É relevante informar que o nome da rede social era The facebook, sendo modificado somente em 2005, com a sugestão de Sean Parker, para simplesmente “Facebook”. Parker foi um dos criadores do software Napster, que deu início aos downloads de músicas pela internet e de graça, participando como

¹⁸ Ver mais em HUGHES, Mark. Mark Zuckerberg: I would have worked for Microsoft, 2012. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/technology/mark-zuckerberg/9626122/Mark-Zuckerberg-I-would-have-worked-for-Microsoft.html>. Acesso em: 20/09/2018.

“conselheiro” de Zuckerberg. Ainda em 2005, O Facebook permitiu o acesso de mais de 800 redes universitárias e inclusive redes de liceus (Arrington, 2005 apud Correia e Moreira, 2014). A partir do ano de 2006, a rede social se expandiu ainda mais, proporcionando uma abertura da rede social a todos os internautas, fazendo com que fosse uma das redes sociais mais acessadas do mundo na atualidade.

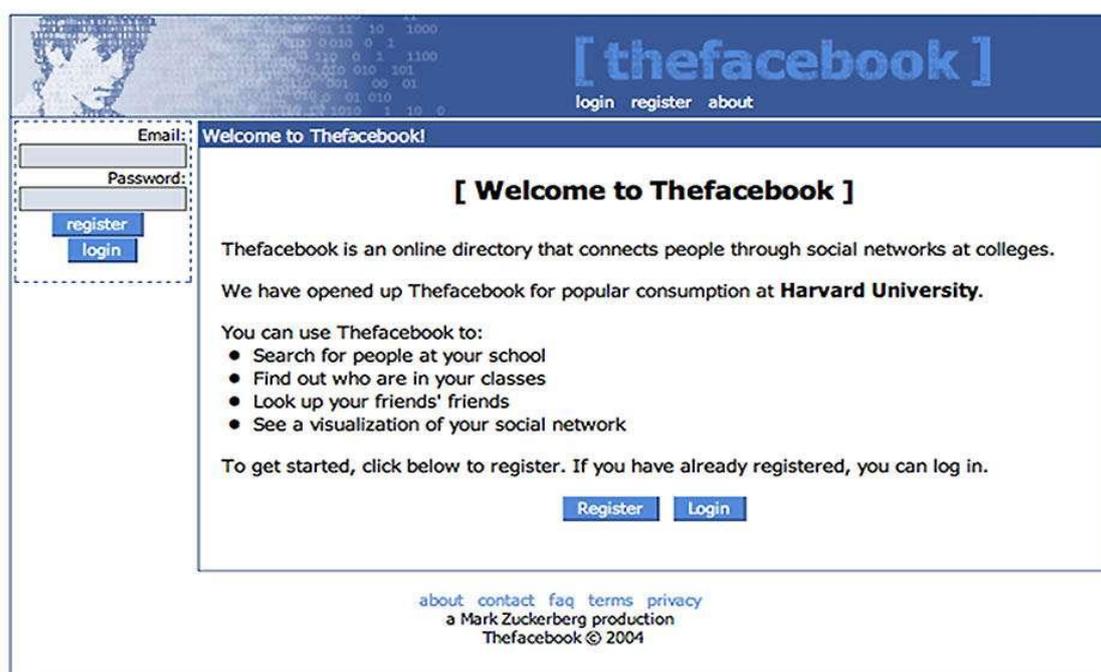


Figura 3. Página inicial do site Thefacebook¹⁹

Na imagem acima podemos ver a página inicial que inaugurou a rede social de Zuckerberg, que teve um crescimento vertiginoso. Para Francisco Cádima (2015):

O projecto de Mark Zuckerberg acabaria por tirar vantagem de dois factores essenciais: por um lado, do grande crescimento da banda larga nos EUA nos anos 2003/5, o que viria facilitar normemente a navegação, partilha de fotos, etc.; por outro lado, do conhecimento adquirido sobre vários projectos lançados nesse início da década e que viriam a ser determinantes para a consolidação do conceito de rede social que esteve na base da plataforma de Zuckerberg, a qual, no fundo, acaba por ser um misto de várias redes sociais anteriormente lançadas, como, por exemplo, o Club Nexus, a sixdegrees, a Tribe.net, a SocialNet, etc. (CÁDIMA, 2015, p. 179).

¹⁹ Disponível em: <https://business.financialpost.com/technology/a-look-back-at-facebooks-biggest-moments>. Acesso em: 03/09/2018.

Para observar o alcance da rede social Facebook, no início desta pesquisa, ou seja, no ano de 2016, o Facebook chegou a quase 2 bilhões de usuários em todo o mundo de acordo com o site Techtudo²⁰, já no ano seguinte, em 2017, conseguiu ultrapassar a marca dos 2 bilhões e permaneceu nesse patamar até o ano de 2018, sem parar de crescer, segundo o site Tecnoblog²¹. Um exemplo desse crescimento, é que no primeiro trimestre de 2018, o site de Zuckerberg atingiu cerca de 127 milhões de usuários ativos somente no Brasil²², que, como vimos anteriormente, é o segundo país que mais faz uso das redes sociais.

2.3 Facebook: vilão ou herói digital?

Como visto, o alcance do Facebook está num crescente quase que contínuo, se expandindo cada vez mais, seja por possibilidades dentro da rede social, seja conectando pessoas de várias partes do mundo. Por esse motivo é interessante fazer uma análise para tentar entender os malefícios e/ou benefícios que essa plataforma digital pode nos trazer, já que diferentes tipos de pessoas e grupos circulam digitalmente, propagando seus interesses, suas vontades, seus negócios, suas ideologias e seus pensamentos sobre o mundo ou sobre a política, por exemplo.

O Facebook é um espaço plural, com uma diversidade de pessoas e ideias, onde marcas, propagandas e discursos são difundidos, tudo através de textos, vídeos, imagens, gifs, criando-se perfis, páginas, grupos (fechados ou abertos), gerando uma “aproximação” de indivíduos ou grupos de várias partes, por vezes com os mesmos objetivos, visões de mundo e perspectivas, criando a chamada bolha digital²³.

²⁰ KURTZ, João. Facebook chega a 1,8 bilhão de usuários ativos; foco é vídeo ao vivo, 2016. Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2016/11/facebook-chega-18-bilhao-de-usuariosativos-foco-e-video-ao-vivo.htm>. Acesso em 15/01/2017.

²¹ ALECRIM, Emerson. Número de usuários do Facebook cresceu mesmo com campanhas para deletar contas, 2018. Disponível em: <https://tecnoblog.net/240993/facebook-primeiro-trimestre-2018/>. Acesso em: 05/ 09/ 2018.

²² OLIVEIRA, Felipe. Facebook chega a 127 milhões de usuários mensais no Brasil, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml>. Acesso em: 15/09/2018.

²³ A Bolha Digital é uma característica da internet, mais especificamente em plataformas digitais como Facebook e Google, de apresentar como resultado de busca apenas o que se entende como mais relevante para o usuário, filtrando buscas ou assuntos, que teoricamente são mais pertinentes ao perfil de cada pessoa.

Em virtude disso, as pessoas tendem a valorizar coisas ou inferiorizar, de acordo com seus gostos ou perspectivas de vida, mas devemos ter um olhar mais amplo, pensar que nem tudo é como um desenho animado, que existe sempre o bem versus o mal ou o herói contra o vilão, que podemos tirar proveito de vários aspectos dos processos, ainda mais quando faz parte do cotidiano das pessoas, por isso não podemos torcer o nariz para o que é uma realidade, mas nos adequarmos as mudanças e tentar extrair o melhor do mundo digital.

2.3.1 Efeito Bolha

Esses círculos digitais de amizade digital e interesse mútuo, que se tornou o mundo da internet, são feitas várias postagens, que podem ser compartilhadas, curtidas e comentadas, propagando opiniões para pessoas com os mesmos interesses, fomentando o conceito de bolha digital.

Ao primeiro olhar, a internet parece um mundo livre, possibilitando informações diversas, sem amarras e burocracias governamentais, aproximando pessoas de várias partes do mundo, mas a partir de uma análise mais fria se perceberá que as coisas não funcionam dessa maneira, as possibilidades engendradas pela rede mundial de computadores e também pelas redes sociais podem na verdade ser induzidas. Eli Pariser (2012), explica que sites como o Facebook, por exemplo, pode deixar os internautas presos em bolhas invisíveis, onde empresas podem mostrar apenas o que elas entendem como aspiração de visualização. Isso acontece por conta do banco de dados que armazena informações do usuário para através da inteligência artificial delinear seus perfis e selecionar seus possíveis interesses. O algoritmo²⁴ de busca do Facebook é chamado de *EdgeRank*, que mede a relevância das publicações pessoais para determinar o que será exibido no feed de notícias.

Essa exibição de informação se dá para os perfis nas mídias sociais digitais, que para pesquisador em Comunicação Social Fábio Malini (2016), um perfil seria uma conta pessoal virtual, uma representação informacional de contas online, cujas publicações são sempre produzidas e programadas por uma ou mais pessoas.

²⁴ Os algoritmos podem ser definidos como “uma sequência finita de passos (instruções) para resolver um determinado problema” (FERRARI E CHECHINEL, 2018). Eles estabelecem um padrão com o objetivo de alcançar o resultado de um problema.

No livro de Eli Pariser (Ativista político e da internet, além de ser cofundador do site Avaaz.org), *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você* (2012), se dá um destaque para a chamada “bolha de filtros”, ou seja, exatamente a discussão que se deu anteriormente, mas com uma ampliação, já que o autor demonstra existir “filtros invisíveis” para cada usuário, que são as personalizações dos interesses nas mais variadas plataformas. Na palestra que Eli Pariser ministrou na TED (Technology, Entertainment, Design, que é uma organização sem fins lucrativos dedicados à difusão de ideias, promovendo diversos tipos de palestras curtas),²⁵ demonstrou ideias do livro que iria ser lançado no outro ano. O autor discute que ao usar plataformas como o Google, Netflix, Facebook, dentre outras, há uma formação de um filtro invisível, personalizando o que chega de informação para o usuário. Portanto, uma simples pesquisa no Google sobre o Egito, por exemplo, pode gerar um alcance de informação diferente, por conta da distinção de interesses dos usuários.

No caso do Facebook, Pariser (2012) diz que existem três itens mais relevantes que determinam o que será mostrado para o usuário dentro da plataforma digital. Primeiramente seria a questão de afinidade, ou seja, conforme a interação e proximidade com certas pessoas, suas atualizações podem aparecer mais, no segundo item está o peso dos conteúdos, que são aqueles que chamam mais atenção e geram mais interesse, dependendo do conteúdo que se dá mais importância dentro da rede social, e por último estão as postagens mais recentes, que geralmente são priorizadas em detrimento das mais antigas.

Abaixo podemos ver o filtro invisível, formado pela personalização de conteúdo dos usuários:

²⁵ PARISER, Eli. The Filter Bubble. TED11. 2011. https://www.ted.com/talks/eli_pariser_beware_online_filter_bubbles?language=pt-br. Acesso em: 15/10/2018.

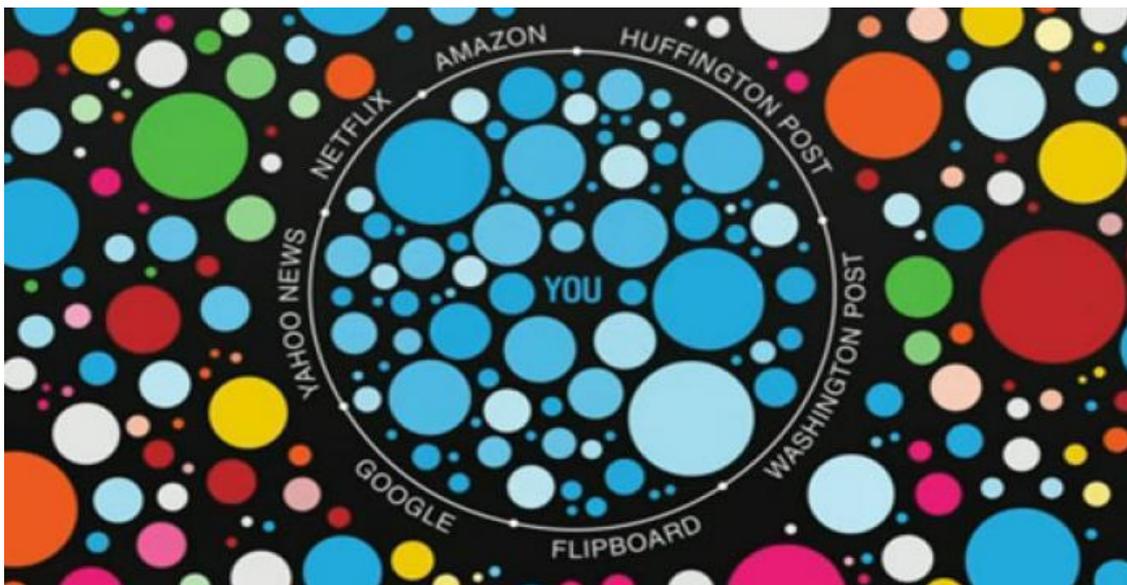


Figura 4. Filtro invisível de Eli Pariser²⁶

Segundo o autor, “por não escolhermos os critérios que os sites usarão para filtrar os diversos assuntos, é fácil intuirmos que as informações que nos chegam através de uma bolha de filtros sejam imparciais, objetivas, verdadeiras” (Pariser, 2012, p. 15), com isso se demonstra que as informações ao chegar até nós não são neutras, já que podem estar atrelados a interesses comerciais, políticos ou de corporações.

No entanto, Pariser diz que existe uma boa razão para que filtros personalizados sejam tão fascinantes e, inicialmente importantes, já que nos tempos atuais há uma sobrecarga de informações, ou seja, os filtros podem nos ajudar a encontrar informações que queremos conhecer ou que estejam próximas ao nosso desejo. Outra questão que acaba por incidir nesse filtro são exatamente os grupos de informações formados pelas bolhas digitais, haja vista que interesses iguais fazem com que “a informação compartilhada pelo grupo tenda a ser homogênea e, frequentemente, redundante, pois os nós dentro do grupo têm acesso às mesmas fontes que trocam e reforçam o mesmo conjunto de informação” (RECUERO, BASTOS & ZAGO, 2015, p.81).

Kristina Lerman (2007) comenta que esses filtros se baseiam em processos de filtragem social, onde as redes costumam realizar uma espécie de banco de dados com o que elas consideram como importante, desprezando o

²⁶ Disponível em: <https://faesadigital.com/2018/05/25/filtro-bolha-entenda-o-que-ha-por-tras-do-seu-feed/>. Acesso em: 16/10/2018.

restante. Além do que foi dito, existe outro conceito para esses tipos de relações e proposições, que é o de “câmaras de eco” do autor Cass Sunstein (2011), referente a grupos fechados ao redor de determinadas ideias, impedindo que opiniões antagônicas sejam recebidas, reforçando pensamentos e crenças preexistentes dentro da câmara, ou seja, ficam circulando ideias semelhantes em grupos, propiciando o fenômeno de polarização, que se destaca nas discussões políticas.

Essas questões são importantes de se destacar e muitas pessoas estão inseridas, mesmo que sem saber. Em sala de aula, por exemplo, é comum ouvir relatos de alunos comentando sobre os filmes que costumam ver no Netflix, que é uma plataforma digital que disponibiliza filmes ou mesmo no Youtube, e nesses relatos percebe-se que o que se mostra para eles está relacionado aos filtros invisíveis, fechando o conteúdo numa bolha. Outro fato que se pode observar é que o próprio discurso de alguns alunos se relaciona a esse conteúdo visto na rede mundial de computadores, como conceitos deturpados sobre o Nazismo²⁷, que se propagam dentro dessas bolhas digitais.

2.3.2 Privacidade, conteúdo e acesso.

O entendimento acerca da formação de bolhas e filtros invisíveis, que por vezes podem passar de forma imperceptível às pessoas, já que muitas delas nem sabem da existência desse tipo de conceito, é extremamente relevante, mas outra questão que aflige muitos pais, por exemplo, é a privacidade dessas plataformas, saber que tipo de conteúdo seus filhos estão acessando e com que pessoas estão se comunicando.

Essas preocupações são pertinentes, é claro, haja vista que a educação dos filhos deve ou deveria ser uma inquietação dos pais e responsáveis, procurando sempre o bem estar dos seus entes queridos. Esse cuidado deve ultrapassar o mundo real e adentrar o mundo virtual, mesmo que seja muito difícil de fazer, já que o acesso a essas plataformas em grande parte é realizado por meio de celulares, como demonstrado anteriormente.

Mas afinal de contas, quem pode ter acesso ao Facebook? O que pode ser visto? Há possibilidade de controlar os conteúdos? As redes sociais digitais

²⁷ Os discursos muito utilizados é que Hitler era socialista e o Nazismo era de esquerda, inclusive se fará menção a essa questão no terceiro capítulo.

atrapalham o desenvolvimento? O Facebook é um mundo livre? São indagações que pairam na mente de muitas pessoas e devem ser discutidas, já que esse trabalho pretende utilizar a rede social Facebook como ferramenta pedagógica no ensino de História.

Inicialmente é importante saber que existe uma qualificação de idade mínima para utilização dessa plataforma, pois precisa ter 13 anos ou mais de idade para possuir uma conta na rede digital. Além disso, é relevante o entendimento de que o Facebook é um site dos Estados Unidos da América, portanto segue as regras dispostas a esse país, como a Lei de Proteção da Privacidade On-line das Crianças (COPPA),²⁸ que faz algumas exigências, dentre elas está a publicação de privacidade dos sites, fornecer aos pais notificação direta de suas práticas de informações e obter o consentimento verificável de um pai ou responsável.

Vale ressaltar, que a lei de proteção não exige que operadores de sites ou serviços direcionados ao público em geral investiguem as idades de seus usuários. No entanto, solicita ou busca informações que estabeleçam descobrir visitantes menores de 13 anos.

O próprio Facebook propõe padrões de utilização da rede social, que estão contidos nos “Padrões de Comunidade”.²⁹ Neles podemos observar questões como comportamento violento e criminoso, segurança, conteúdo questionável, respeito à propriedade intelectual e outros. O objetivo desses padrões segundo o próprio Facebook é “incentivar a expressão e criar um ambiente seguro”, para isso é importante que se tenha uma atenção também às configurações de segurança e privacidade no site³⁰ e nos mecanismos para denunciar conteúdos ofensivos (Central de segurança do Facebook).³¹

Mesmo com os mecanismos, a segurança, a fiscalização e as políticas criadas para um melhor desenvolvimento da rede social, ainda está longe de obter 100% de eficácia, e sabe-se lá algum dia chegarão nesse patamar, mas a proibição da utilização do Facebook para os adolescentes não é um caminho

²⁸ Ver mais no site: <https://www.ftc.gov/tips-advice/business-center/guidance/childrens-online-privacy-protection-rule-not-just-kids-sites>. Acesso em: 16/10/2018.

²⁹ Ver mais em: <https://pt-br.facebook.com/communitystandards/>. Acesso em: 16/10/2018.

³⁰ Ver mais com seu login e senha em: <https://www.facebook.com/settings/?tab=privacy>. Acesso em: 16/10/2018.

³¹ Ver mais em: <https://www.facebook.com/safety>. Acesso em: 16/10/2018.

que devemos trilhar, muito porque as redes sociais já fazem parte do cotidiano de muitos jovens, inclusive sendo peça fundamental na manutenção das relações sociais, que é um dos fatores principais para o uso e uma ferramenta que fideliza os usuários são os traços de personalidade do indivíduo, como a foto do perfil (TANG ET AL., 2006). A segurança dos jovens, dentro das redes sociais é de fundamental importância e foi uma das questões pensadas na construção do produto que foi desenvolvido na pesquisa, haja vista, que um grupo fechado no Facebook, evitaria que elementos externos tivessem acesso às informações postadas, gerando maior privacidade.

É importante salientar, que o tempo de uso deve ser moderado, nesse sentido Kalpidou et al. (2011) e Seydei Satici & Recep Uysal (2015) fazem um alerta, de que passar muito tempo no Facebook está negativamente relacionado com a autoestima das pessoas e também podem gerar consequências negativas no bem estar dos usuários. Esses temas se relacionam a um novo fenômeno chamado de “depressão Facebook”, que está ligada a uma intensa exposição à rede social, acometido geralmente em adolescentes e pré-adolescentes que passam muito tempo mergulhados nessas mídias sociais e que estão em risco de isolamento social (O'KEEFFE; CLARCK PEARSON, 2011).

Um destaque que deve ser elencado também é a questão da privacidade, mesmo que exista um mecanismo sobre este tema demonstrado anteriormente, se observa também um cuidado e uma preocupação por parte de algumas pessoas, pois segundo a pesquisadora de tecnologia Mary Madden (2014) a pesquisa feita pela Pew Research Center³² demonstrou que 91% dos adultos americanos que fizeram parte de um inquérito sobre a privacidade e segurança nas redes sociais, disseram que perderam o controle sobre como as informações pessoais são coletadas e usadas pelas empresas.

Na pesquisa há um destaque também sobre a preocupação dos pais em relação ao acesso dos anunciantes aos dados sobre as atividades online de seus filhos, que leva um nível alto de atenção dos pais, visto que 81% deles ficavam vigilantes em relação a essa exposição, ultrapassando o número de pais que

³² Ver mais em: <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2015/01/16/privacy/>. Acesso em: 20/10/2018.

estavam preocupados com as interações de seus filhos a desconhecidos, que chegou a 72%.

Nas redes sociais, no Facebook e na vida real, não temos como colocar os jovens numa redoma, livres de todos os males, portanto a proibição não é a melhor saída, mas é importante se fazer um controle ao acesso dos adolescentes a essas plataformas, sem que seja de forma invasiva, mas através de diálogo para saber que conteúdos são acessados, que páginas são curtidas e que grupos da rede social fazem parte, ou seja, o bom senso, unido as conversas de forma direta com os adolescentes e pré-adolescentes ainda é a melhor forma de agir, além de pesquisar conteúdos nas plataformas utilizadas pelos filhos e dar dicas de uso para eles.

Essas informações foram primordiais, não para a escolha do que seria de produto da dissertação, mas de como trabalhar gerando privacidade e certo controle das informações produzidas dentro do trabalho no Facebook, com os alunos.

2.3.3 Fake news

O mundo da internet e, por conseguinte das redes sociais é feito pela permanente produção de conteúdo e propagação de informações das mais diversas origens, tipos e qualidades, que circulam dentro das bolhas ou fora delas, com postagens patrocinadas do Facebook³³, por exemplo. Dentro desses elementos que compõe essas plataformas existem as chamadas *fake news*, que são as notícias falsas, mentiras contadas em forma de notícias verdadeiras, que muitas vezes chama a atenção e trata de assuntos que interessam o receptor, mas que sempre estiveram presentes no cotidiano das pessoas, seja em conversas entre vizinhos, desencontro de informações e teorias da conspiração.

Dessa forma se dá o entendimento de que as fake news não são um fenômeno novo, que só foi possibilitado pelo aparecimento das novas tecnologias, mas com elas, sobretudo as redes sociais, se formou um campo fértil para a disseminação desse tipo de notícia, tanto que “pode-se argumentar, e com razão, que a novidade não está nas fake news em si, mas na aparição de um instrumento capaz de reproduzi-las e disseminá-las com amplitude e

³³ Post patrocinado, também conhecido como post promovido, são formas de campanha dentro do Facebook para ser divulgar postagens comuns dentro do feed de notícias de seguidores.

velocidade inauditas” (FARIAS FILHO, 2018, p. 41). Sustentando essa ideia, a Pesquisa do Instituto Reuters, demonstrou que os brasileiros de grandes centros urbanos usam redes sociais como fonte de notícias, ou seja, esse grupo tem fundamental importância na replicação de notícias falsas, mas com altíssima velocidade e em quantidades monstruosas (FLETCHER ET AL, 2017). Um resumo básico sobre o que são as fake news foi feito por Otávio Frias Filho e é importante para elucidar o tema:

Por isso, convém tipificar, como se diz em linguagem jurídica, o sentido da expressão. O termo fake news deveria ser compreendido como toda informação que, sendo de modo comprovável falsa, seja capaz de prejudicar terceiros e tenha sido forjada e/ ou posta em circulação por negligência ou má-fé, neste caso, com vistas ao lucro fácil ou à manipulação política. É prudente, tudo indica, isolar a prática, diferenciando-a da mera expressão de pontos de vista falsos ou errôneos, assim como do entrecabo de visões extremadas (FRIAS FILHO, 2018, p.43).

As fake news encontraram um ambiente maravilhoso nas redes sociais para se propagarem, mas, além disso, a de se observar que as notícias falsas geralmente são sensacionalistas, que ferem valores morais, com manchetes que chamam atenção e que aguçam o interesse do receptor, estimulando o compartilhamento, sem a preocupação da verificação. Para Sérgio Branco (2017), o “excesso de informação a que estamos sujeitos permanentemente nos impede de ler com atenção todas as notícias, refletir sobre seu conteúdo, buscar fontes alternativas, verificar os dados, emitir opiniões equilibradas”.

O Facebook tomou algumas medidas para tentar barrar as fake news, que são produzidas em escala industrial. Uma dessas medidas foi o veto à exibição de anúncios publicitários em páginas que disseminam informações falsas (ALECRIM, 2016), posteriormente reduziu o alcance de domínios que costumam divulgar notícias falsas, e impediu que páginas relacionadas ganhassem dinheiro com anúncios (VENTURA, 2018). Outra ação desenvolvida pelo Facebook, também relacionada à fact-checking, foi a criação de um mecanismo que vai contar com a apuração da veracidade das informações feitas por duas organizações brasileiras especializadas, a Agência Lupa e a Aos Fatos. Essas agências analisam as denúncias, feitas pelos próprios usuários da rede social, em seguida, se forem realmente falsas, segundo os analistas, as postagens aparecem menos no feed de notícias, com a ajuda de ajustes feitos nos algoritmos, aliado a isso,

essas mesmas postagens não poderão ser impulsionadas por meio de publicidade. Páginas ou perfis reincidentes serão notificados e inclusive ter seus anúncios bloqueados (RIBEIRO, 2018).

Além das fake news, estamos vivendo o momento da *pós-verdade*, mas o que seria isso? Em que contexto esse conceito surgiu? Realmente existe alguma coisa para além da verdade? No curso de história, a ideia de verdade é frequentemente trabalhada, e é uma questão que está presente na historiografia, mas que também vai ser parte do ofício como professor/historiador, seja na pesquisa ou em sala de aula.

O mesmo cuidado que os órgãos competentes estão tendo para com as notícias falsas, nós também como cidadãos e educadores devemos ter, haja vista que esse tipo de fenômeno não acontece apenas no meio virtual, mesmo que dentro dele a amplitude seja maior. A educação é um caminho para gerar criticidade em relação a esse tema e a outros, por isso os educadores como pessoas do seu tempo, podem se atualizar e buscar pedagogicamente meios para trabalhar, fomentando ampliação dos horizontes dos estudantes.

O historiador Marc Bloch, no seu livro “Apologia da história ou ofício de historiador” (BLOCH, 2001), trata exatamente sobre a questão da crítica em um dado momento, quando diz que o estudioso não pode confiar em qualquer evidência sem a comprovação da veracidade, ou seja, não acreditar em tudo que lhe é oferecido como fonte. Esse profissional, por exemplo, deve se portar como um perito ou investigador, colhendo e analisando provas, para depois verificar sua autenticidade, com o objetivo de chegar mais próximo à verdade. Não estou dizendo que vamos transformar nossos alunos em pequenos historiadores, mas temos que trabalhar para transformá-los em pessoas críticas e atentas as informações que chegam até eles e são compartilhadas em massa, através das mídias digitais que fazem parte do seu cotidiano.

Assuntos como Ditadura militar no Brasil, Nazismo, Socialismo e dentre outros que são mostrados, em certa medida, de forma deturpada dentro das redes sociais, são assimilados pelos alunos gerando um trabalho maior dentro da sala de aula, pois algumas vezes temos que nos esforçar a convencer os estudantes de que aqueles conceitos retirados da internet podem estar errados. O mais interessante é que, por mais embasamento que você tenha e demonstre para os alunos, a descrença na ciência e a valorização da *pós-verdade*, que vamos tratar logo mais está muito presente.

Para os historiadores a “verdade” não se apresenta de forma absoluta, plena e conclusa, mas de uma busca através de investigações, verificações, indagações e interpretações para que então se compreenda o passado. “A história só é história na medida em que não consente nem no discurso absoluto, nem na singularidade absoluta, na medida em que o seu sentido se mantém confuso, misturado” (RICOEUR, 1961, p. 226 apud LE GOFF, 1992, p. 21).

Para além da verdade, o que se apresenta nos tempos atuais é a chamada pós-verdade. O Dicionário Oxford nomeou “post-truth” (pós-verdade em português) como a palavra do ano em 2016.³⁴As razões para que essa palavra tenha tido tanta valorização está relacionado a duas questões políticas daquele ano, primeiramente ao Brexit (Britain Exit), que foi a decisão do Reino Unido em sair da União Europeia e a segunda está ligada a eleição de Donald Trump a presidência dos Estados Unidos da América (GENESINI, 2018), já no Brasil, essa questão se apresentou muito no período do Impeachment da presidenta Dilma.

O mundo da pós-verdade é aquele em que as pessoas circulam notícias falsas, mas como verdadeiras, disseminando essas “informações” numa velocidade muito grande por conta das mídias digitais, onde formam redes de confiabilidade, por muitas vezes desprezando notícias de órgãos da imprensa formal. Nesse mundo de crença em notícias compartilhadas dentro das bolhas digitais, as fake news ganham espaço se disseminando de forma digital e sem verificação.

Sobre o descrédito na imprensa formal e da proliferação de mentiras nas redes sociais sem a investigação da sua autenticidade, que envolve tanto notícias sobre a vida amorosa de artistas, mas também questões políticas, Fábio Gallo afirma que:

A profusão de opiniões faz parte do jogo da liberdade de expressão. Mas há uma diferença crucial entre esse tipo de informação e as notícias, especialmente aquelas coletadas, analisadas, conferidas e divulgadas por meios de comunicação idôneos. E a diferença é justamente a credibilidade. A construção da credibilidade é um processo custoso e frágil. (Gallo, 2017, p. 83).

³⁴ É um dos dicionários da Oxford University Press (OUP). A palavra do ano de 2016 está disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>. Acesso em: 27/10/2018.

Nesse sentido, dentro do prisma educacional, podemos utilizar o ciberespaço como ferramenta de aprendizagem histórica, fazendo com que o espaço virtual, amplamente utilizado pelos jovens, seja um novo caminho para a educação, alertando os estudantes para os perigos da internet, mas também mostrando como saber se uma informação não é verdadeira, como investigar dentro da internet, como avaliar que informação está mais próxima da verdade, indicar sites, blogs e páginas na internet que são confiáveis, assim como canais no Youtube que podemos tirar proveito dos seus conteúdos.

2.4 Aprendizagem histórica no ciberespaço

A forma de aprendizagem, inclusive histórica, teve um acréscimo dos meios digitais, fazendo com que a própria forma de se ler sofresse modificações, ou seja, feita através da tela do computador ou dos celulares, proporcionando uma absorção muito grande de informações por parte dos jovens. Michel Serres explica muito bem essa questão, que para ele:

As ciências cognitivas mostram que o uso da internet, a leitura ou a escrita de mensagens com o polegar, a consulta à Wikipédia ou ao Facebook não ativam os mesmos neurônios nem as mesmas zonas corticais que o uso do livro, do quadro negro ou do caderno. Essas crianças podem manipular várias informações ao mesmo tempo. Não conhecem, não integralizam nem sintetizam da mesma forma que nós, seus antepassados. Não têm mais a mesma cabeça (SERRES, 2013, p. 19).

No entendimento de Paulo Miceli (2017), o docente, para desempenhar de forma satisfatória a sua *missão*, precisa tomar como ponto de partida a experiência cotidiana dos alunos, lhes mostrando elementos que permitem ultrapassar as chamadas formas tradicionais de ensino da História, já discutidas no primeiro capítulo. Para, além disso, o autor destaca que para ensinar História é preciso gostar de História e a partir desse ponto ocorrer à superação das formulas e convenções tradicionais para que possam ser superadas e aprimoradas.

Ler é de fundamental importância para gerar reflexão e “torna-se imprescindível a prática constante da leitura, já que não se pode discutir algo que se desconhece e nem é possível ‘produzir conhecimento’ a partir do vazio de informações” (MICELI, 2017, p. 39 e 40). Isso demonstra que mesmo com o

surgimento das novas tecnologias o livro impresso ainda tem uma grande relevância na vida dos professores e estudantes, inclusive para enfrentar os diversos tipos de informações recebidas dentro da internet.

Ainda assim, temos que avaliar outro fator, que se faz presente nos tempos atuais, que é a produção de conteúdo por crianças e adolescentes na internet, pois segundo Edilberto Gama Neto e Cristiane Porto (2014):

A forma de experimentar os espaços e objetos mudou. Significa que os alunos deixaram de passar grande parte do dia, buscando informações, para, em vez disso, serem indivíduos interconectados por elas. Por isso, resta pensar no uso dessas redes sociais online para reconfigurar a forma de conhecer nas salas de aula. (NETO; PORTO, 2014, p. 139).

Marcos Napolitano (2017) é enfático em dizer que “se o professor optar por trabalhar com as `novas´ linguagens aplicadas ao ensino de História, ele deve ter claro que esta `novidade´ não vai resolver os problemas didático-pedagógicos do seu curso”. Isso é uma verdade, não esperamos que as resoluções dos nossos problemas estejam com a introdução das novas tecnologias, mas também não podemos fechar os olhos para o que está acontecendo ao nosso redor e ainda mais, temos que nos apropriar dessas ferramentas para desenvolver metodologias, buscando entender o cotidiano digital que muitos estudantes estão inseridos.

Uma das questões de aprimoramento está no letramento digital, visto que a inserção das tecnologias gerou uma modificação nas práticas de leitura na vida das pessoas, “com a emergência de textos híbridos, que associam sons, ícones, imagens estáticas e em movimento, leiautes multissemióticos, alterando os gestos dos leitores, processamento da informação e a construção de significados”, além de que “ensinar a leitura é uma tarefa complexa, que exige muito preparo por parte do professor” (ZACHARIAS, 2016, p. 16 e17). A forma como se lê e se compartilha a leitura, cada vez mais se modifica, mas isso não quer dizer que estamos tratando da extinção do livro impresso, pois logicamente tem seu valor, como destacado anteriormente, mas de uma adição proporcionada pelas novas tecnologias.

Valéria Zacharias (2016) diz mais, que no contexto escolar é necessário incluir uma pedagogia que se preocupe e dê valor ao universo midiático e

multissemiótico presente ao ambiente digital, pois não podemos nos restringir ao que ela chama de cultura do impresso, haja vista, que com o surgimento de redes sociais como Whatsapp e Facebook se modificou o processo de criação e recepção dos textos e que nesses espaços digitais as notas de rodapé foram dinamizadas, com botões que geram interação, levando o leitor para outros ambientes através de links.

Esse tipo de aprendizagem, ou seja, trabalhando com a questão digital, pose se inserir na aprendizagem histórica, afinal de contas o que se via antes em histórias em quadrinhos, filmes e novelas, foi transportado para as mídias digitais, que as vezes servem de parâmetros.

2.4.1 Didática da História

Para entender um pouco mais sobre aprendizagem histórica é importante se debruçar nos textos de Jörn Rüsen, no qual podemos observar que as novas formas de construção de conhecimento são importantes para fomentar o ensino e aprendizagem.

Em vista disso, se faz pertinente analisar a crítica feita por Rüsen (2010) à chamada didática da história. Segundo ele a opinião as vezes se tem sobre essa área de estudo é a seguinte:

A didática da história é uma abordagem formalizada para ensinar história em escolas primárias e secundárias, que representa uma parte importante da transformação de historiadores profissionais em professores de história nas escolas. É uma disciplina que faz a mediação entre a história como disciplina acadêmica e o aprendizado histórico e a educação escolar (RÜSEN, 2010).

Essa visão é ainda aquela “limitada” ao academicismo que vê o conhecimento histórico como se fosse apenas gerado pelos discursos dos historiadores profissionais sem haver produção fora dos muros da academia. Com uma visão mais atual Maria Schimidt e Tânia Garcia (2005), apoiando-se em outros autores, dizem que o primeiro princípio da didática da história, de ordem teórica, valoriza a busca por uma renovação dos conteúdos, uma construção de problematizações históricas e uma apreensão de várias histórias lidas a partir de distintos sujeitos históricos, por parte de professores e alunos.

Para Rafael Freitas (2016), a Didática da História é uma disciplina especializada em trabalhar conhecimento histórico nos mais diversos âmbitos da sociedade, ou seja, não apenas dentro dos muros acadêmicos.

Trabalhar a consciência história é bastante relevante no processo de aprendizagem histórica e para Rüsen (2001), esse aprendizado pode ser compreendido como um processo mental de construção de sentido sobre a experiência do tempo. Através da narrativa histórica, a história seria apontada como fator de orientação cultural na vida prática humana. Mas o que seria consciência histórica de fato? Para Rüsen “a consciência histórica é o modo pelo qual a relação dinâmica entre experiência do tempo e intenção no tempo se realiza no processo da vida humana” (2001, p. 58).

Pensando a partir das ideias do autor, percebe-se que a consciência histórica é uma forma de consciência humana, que se relaciona com a nossa vida prática, nossa carga de vida, ou seja, nossas experiências (e a interpretação que fazemos delas), e é necessário utilizar dessa bagagem humana, para a narrativa histórica fazer uma orientação do tempo, ou seja, a História tem função didática para a formação da consciência histórica. Para Jörn Rüsen “a consciência histórica não é algo que os homens podem ter ou não – ela é algo universalmente humano” (2011, p.78).

Peter Tosh (2011), por exemplo, diz que o termo “consciência histórica” é enganoso, isso, segundo ele, se deve ao fato de que nossa espécie depende muito mais da experiência do que do instinto. Para ele, não se pode viver a vida sem a consciência de um passado, para tanto as “nossas memórias servem tanto como banco de dados como um meio de fazer sentido de uma estória de vida que está acontecendo” (TOSH, 2011, p.15).

Segundo Tosh (2011, p. 23), “a consciência histórica no sentido entendido pelos historiadores está baseada em três princípios”. Esses princípios se dividem em: Primeiro, o reconhecimento à diferença e ao distanciamento que separa a nossa era das anteriores. O segundo princípio é a explicação dos historiadores sobre a estranheza do passado, explicando-as e as colocando em um ambiente histórico, ou seja, o contexto seria esse outro componente da consciência histórica. Por fim, o terceiro princípio seria o reconhecimento do *processo* histórico, a relação entre os eventos no decorrer do tempo que possuem maior significância se não forem vistos de modo isolados.

Portanto, no sentido entendido pelos historiadores, a consciência histórica significa respeitar a autonomia do passado e tentar reconstruí-lo em toda sua estranheza antes de aplicar seus ensinamentos ao presente (TOSH, 2011, p. 27).

Tratando desse tema, mas através da questão interacional Mikhail Bakhtin (1986, p. 34) diz que: “A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social”. Isso demonstra que a relação com a sociedade e, por conseguinte a interação proporciona um desenvolvimento de uma consciência histórica, como nas narrativas de uma geração para outra, nos rituais, nas celebrações, ou na valorização da identidade, por exemplo.

Trazendo o assunto que está sendo tratado, para o nosso país, Luiz Fernando Cerri (2005, p.1) comenta que no Brasil a chamada “Didática da História assume mais uma feição de uma teoria geral do aprendizado histórico”, que deve extrapolar “as relações escolares até para que seja possível melhor entendê-las, que a feição de uma teoria do ensino”. Além disso, percebe-se no campo da pesquisa que o tema se instala numa “intersecção entre a História e a Educação, materializando-se mais especificamente nos espaços institucionais e entre as pessoas relacionadas à Licenciatura em História”.

Mas, como sabemos a aprendizagem histórica não se restringe aos bancos escolares e está “exposta a diversas intervenções intencionais e involuntárias, conforme a vivência em sociedade”, sendo assim, “ao longo do tempo, seja institucionalmente transmitida, como na escola, ou em contextos fora dela, o discurso histórico aparece em diferentes linguagens constituindo orientação temporal futura”. (FREITAS, 2016, p.248).

Essas intervenções nos tempos atuais são feitas em grande escala pela internet, pois as interações e pesquisas são realizadas em sites como Google, YouTube e através das redes sociais como o Facebook, mas a pergunta que paira a mente é: existe uma aprendizagem histórica na internet? Essa pergunta só poderá ser respondida no terceiro capítulo dessa dissertação, haja vista que o trabalho prático será desenvolvido junto ao produto que é peça fundamental do trabalho de pesquisa. O objetivo disso será analisar, ouvir e perceber como anda o processo de assimilação do conhecimento histórico no meio virtual, para depois solucionar essa charada.

Voltando para os escritos de Jörn Rüsen (2010), percebe-se que o autor cria quatro tipos de consciência histórica: Tradicional, Exemplar, Crítica e Genética, que produzem sentido à vida prática do indivíduo que racionaliza a história. Para elucidar essa ideia o filósofo criou uma tabela para especificar cada tipo de consciência histórica.

Quadro 1. Tipos de consciência histórica

	TRADICIONAL	EXEMPLAR	CRÍTICA	GENÉTICA
Experiência do tempo	Origem e repetição de um modelo cultural e de vida obrigatório.	Variedade de casos representativos de regras gerais de conduta ou sistemas de valores.	Desvios problematizadores dos modelos culturais e de vida atuais.	Transformações de modelos culturais e de vida alheios em outros próprios e aceitáveis.
Formas de significação histórica	Permanência dos modelos culturais e de vida na mudança temporal.	Regras atemporais de vida social. Valores atemporais.	Ruptura das totalidades temporais por negação de sua validade.	Desenvolvimento nos quais os modelos culturais de vida mudam para manter sua permanência.
Orientação da vida exterior	Afirmção das ordens preestabelecidas por acordo ao redor de um modelo de vida comum e válido para todos.	Relação de situações particulares com regularidades que se atêm ao passado e ao futuro.	Delimitação do ponto de vista próprio frente às obrigações preestabelecidas	Aceitação de distintos pontos de vista em uma perspectiva abrangente do desenvolvimento comum.
Orientação da vida interior	Sistematização dos modelos culturais e de vida por imitação – <i>role-playing</i> .	Relação de conceitos próprios a regras e princípios gerais. Legitimação do papel por generalização.	Autoconfiança na refutação de obrigações externas – <i>role-playing</i>	Mudança e transformação dos conceitos próprios como condições necessárias para a permanência e a autoconfiança.
Relações com os valores morais	A moralidade é um conceito preestabelecido de ordens obrigatórias; a validade moral é inquestionável. Estabilidade por tradição.	A moralidade é a generalidade de obrigação dos valores e dos sistemas de valores.	Ruptura do poder moral dos valores pela negação de sua validade.	Temporalização da moralidade. As possibilidades de um desenvolvimento posterior se convertem em uma condição de moralidade.
	A razão subjacente aos	Argumentação por	Crítica dos valores e da	A mudança temporal se

Relação com o raciocínio moral	valores é um suposto efetivo que permite o consenso sobre questões morais.	generalização, referência a regularidades e princípios.	ideologia como estratégia do discurso moral.	converte em um elemento decisivo para a validade dos valores morais.
---------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------	----------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------

(RUSEN in BARCA et al. 2010, p. 63)

Rüsen (2001) destaca que o objetivo do ensino de História é o desenvolvimento da consciência histórica nos indivíduos, que em outras palavras são “operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (RUSEN, 2010, p. 57).

Na tabela anterior podemos ver a chamada “tipologia geral da consciência histórica”, onde o autor sistematiza as suas manifestações de racionalidade em quatro formas distintas as quais denominou “Consciência Tradicional, Consciência Exemplar, Consciência Crítica e Consciência Genética”, mostrando que a história, como disciplina, é capaz de ter um sentido racional e prático na vida dos indivíduos. Além disso, Jörn Rüsen chama a atenção para a memória que, segundo ele, é a matéria-prima para a operacionalização da consciência histórica.

Em vista das questões apontadas anteriormente, ou seja, depois de entender os processos mentais e os níveis de consciência histórica apontados por Rüsen, o passo seguinte é trabalhar o processo de aprendizagem histórica aliando às novas abordagens pedagógicas e, por consequência é importante também dinamizar o ensino de História com as novas tecnologias de informação e comunicação, que foram elencadas no primeiro capítulo desta dissertação para que gere mais interesse para a disciplina e demonstre para os alunos que existe outra forma de ensino, se distanciando do monotonismo de alguns tipos de aulas.

E é nesse caminho que irá se seguir o terceiro capítulo, buscando um desenvolvimento de um trabalho que se aproxime da realidade dos alunos, que em grande parte está ligado à tecnologia, a internet e as redes sociais, de onde eles retiram muitas das coisas que acreditam, inclusive relacionados à História. Os professores/historiadores podem ocupar mais os espaços de mídia digital, divulgando seu conhecimento histórico e propagando sua produção historiográfica, além de buscar novas formas de ensinar história.

3 UMA PONTE VIRTUAL: RELAÇÃO ENTRE A REDE SOCIAL FACEBOOK E A SALA DE AULA

Todas as questões que foram abordadas e discutidas nos capítulos anteriores serão importantes para trabalharmos este. O caminho que foi traçado até aqui esteve relacionado diretamente à tecnologia, mas com ênfase no Ensino de História, ou seja, cada elemento discutido anteriormente será relevante, tanto para o entendimento do trabalho como um todo, quanto para própria concepção da dissertação.

Vale ressaltar que a escolha da rede social Facebook em específico está relacionada a uma observação pessoal, na qual a dedução seria de que o uso do Facebook faria parte do cotidiano dos educandos. Mas ciência não é feita somente com deduções e conjecturas, por isso foi feita uma pesquisa através de um questionário, com o intuito de saber se os alunos utilizavam a rede social escolhida, para qual finalidade eles utilizavam, quanto tempo ficavam conectados, quais dias da semana utilizavam mais e se achavam possível estudar História pelo Facebook, para assim encaminhar o trabalho, já que o ponto de partida era fazer um diagnóstico do uso da rede social pelos estudantes e do espaço escolar.

3.1 Conhecendo os sujeitos e seu espaço

O trabalho foi desenvolvido na escola privada Centro de Estudos Impacto, que iniciou suas atividades em 1994 e segue até aos dias atuais e que fica na Região Metropolitana de Belém, no Estado do Pará, em que eu trabalho como professor de História desde o ano de 2010. A referida escola é dividida em 7 (sete) unidades espalhadas pela capital paraense e a cidade vizinha, Ananindeua (segunda cidade mais populosa do Pará, depois de Belém), contando com mais de 1500 alunos, somando todas as unidades em 2018.

Um dado relevante sobre a escola é que se destaca em seu Projeto Político Pedagógico o uso das tecnologias e dos projetos tecnológicos. No site do colégio, por exemplo, na parte institucional é demonstrada que a Missão da escola é a “Prestação de serviços educacionais de qualidade, visando à formação de cidadãos críticos com valores éticos e morais a partir de uma prática pedagógica associada à utilização de recursos tecnológicos”.

Leciono em apenas duas unidades, que ficam na Avenida Augusto Montenegro, e é exatamente nessas onde a pesquisa foi desenvolvida, isso porque o contato com os alunos seria de forma semanal, valorizando a interação e a investigação.

É importante situar as unidades onde foram feitas a pesquisa. A unidade mais antiga se chama Augusto Montenegro, em alusão à rodovia, e se localiza na Rodovia Augusto Montenegro, número 1294, Bairro da Agulha, em Belém. Já a mais nova se chama “Stadium”, por ficar próxima ao Estádio Estadual Jornalista Edgar Proença, e se encontra na esquina com a Rua Tancredo Neves, também na Rodovia Augusto Montenegro, S/N, Bairro Mangueirão e na mesma cidade. A seguir a fachada das unidades:

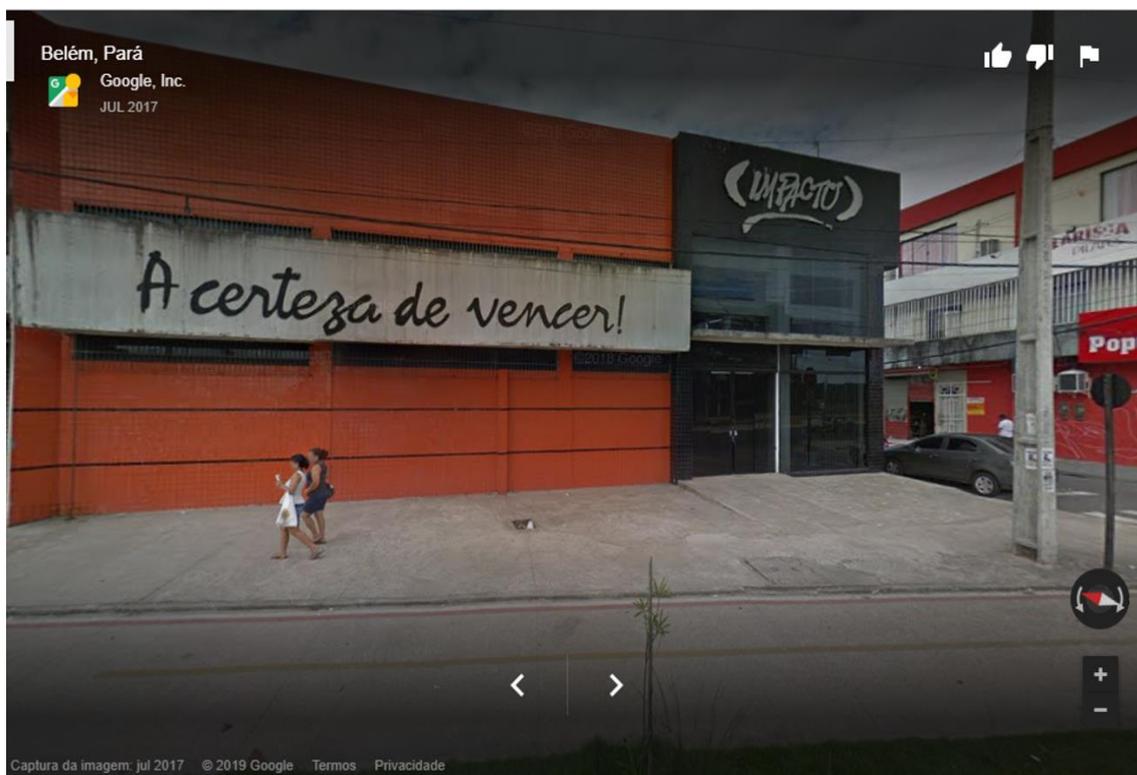


Figura 5. Fachada da unidade Impacto Stadium³⁵

³⁵ Ver em: https://www.google.com/maps/uv?hl=pt-BR&pb=!1s0x92a48a89e328fe1d:0x1d4fd3cd96eed9e9!2m2!2m2!1i80!2i80!3m1!2i20!16m16!1b1!2m2!1m1!1e1!2m2!1m1!1e3!2m2!1m1!1e5!2m2!1m1!1e4!2m2!1m1!1e6!3m1!7e115!4s/map/place/col%25C3%25A9gio%2Bimpacto%2BStadium/@-1.3814388,-48.4387101,3a,75y,50.6h,90t/data%3D*213m4*211e1*213m2*211sYvsHtINBX7Lyd9rADAxtpA*212e0*214m2*213m1*211s0x92a48a89e328fe1d:0x1d4fd3cd96eed9e9!5scol%25C3%25A9gio+impacto+Stadium+-+Pesquisa+Google&imagekey=!1e2!2sYvsHtINBX7Lyd9rADAxtpA&sa=X&ved=2ahUKEwjMk9uqutzfAhWGHJAKHbS5CR4Qpx8wCnoECAUQCw#. Acesso em: 07/01/2019.



Figura 6. Fachada da unidade Impacto Augusto Montenegro³⁶

As duas unidades ficam na mesma rodovia, mas com uma grande distância entre elas (cerca de 9 km) e tem o seu público basicamente o mesmo, ou seja, de classe média, classe média baixa.

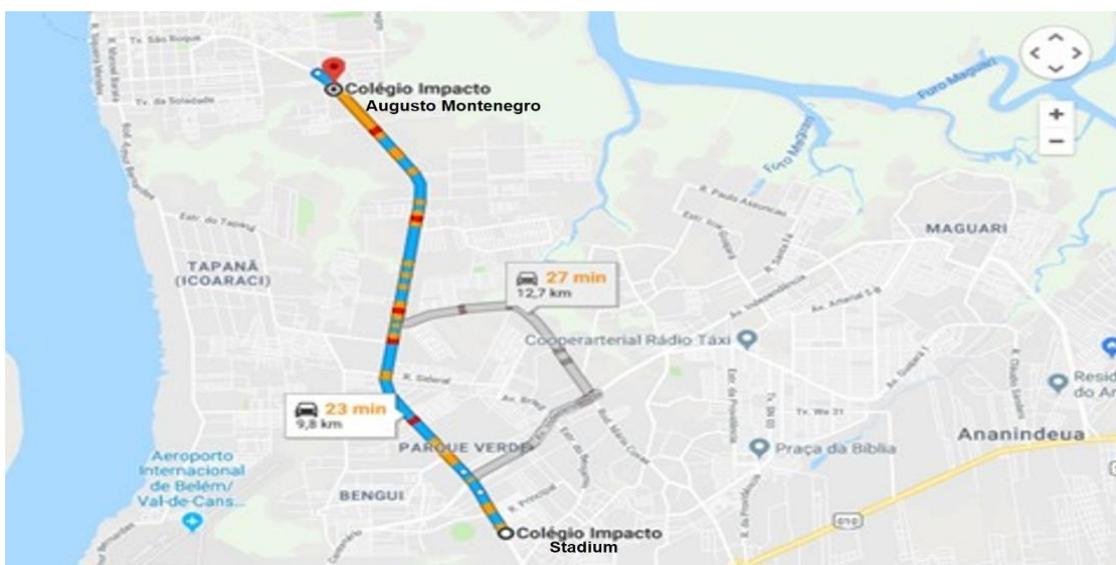


Figura 7. Distância entre as duas unidades do Colégio Impacto³⁷

³⁶

Ver em: <http://br.infoaboutcompanies.com/Catalog/Par%C3%A1/Bel%C3%A9m/Col%C3%A9gio-Privado/Colegio-Impacto>. Acesso em: 07/01/2019.

³⁷ Mapa adaptado, retirado do site Google Maps. Ver em: <https://www.google.com.br/maps/dir/Col%C3%A9gio+Impacto+-+Rodovia+Augusto+Montenegro+-+Agulha,+Bel%C3%A9m+-+PA/Col%C3%A9gio+Impacto+-+Esquina+com+Rua+Tancredo+Neves,+Rodovia+Augusto+Montenegro,+Km+03+-+Mangueir%C3%A3o,+Bel%C3%A9m+-+PA/@-1.3456381,-48.4790314,13z/data=!3m1!4b1!4m13!4m12!1m5!1m1!1s0x92a466b63eef6861:0xc0da3963cf633b72!2m2!1d-48.4600181!2d->

Fiz uma escolha em desenvolver a pesquisa em duas turmas do nono ano do fundamental, uma da unidade Montenegro e outra da Stadium,³⁸ e uma das primeiras ações foi passar um questionário³⁹ para ver como era a relação dos estudantes com o Facebook, além de conhecê-los um pouco melhor. Escolhi as turmas do nono ano, haja vista que tinha mais aulas nessas turmas, além de ser o último nível do Ensino Fundamental.

O questionário elaborado para a pesquisa teve uma estrutura fechada, para que os alunos pudessem escolher uma das alternativas existentes. A única possibilidade aberta no questionário era a idade, e o objetivo principal desta investigação foi procurar caracterizar o uso que os estudantes do ensino fundamental, mais especificamente do nono ano, fazem do Facebook. O total de alunos que participaram da pesquisa foi de 39 alunos, 16 da Stadium e 23 da Augusto Montenegro⁴⁰ com idades que variam entre 13 e 14 anos (apenas 3 alunos possuem 15 anos de idade).

Ao analisar os questionários das duas turmas, umas das primeiras dúvidas que se apresentaram desde o início da pesquisa foi sanado, que é se os estudantes utilizavam o Facebook. Dos 16 alunos da unidade Stadium, 15 utilizam a rede social, e dos 23 alunos da Montenegro, 20 utilizam. Perceber isso foi importante, porque com essa informação as antigas conjecturas foram comprovadas, e assim o desenvolvimento da dissertação tinha um ponto de partida concreto para a feição do produto.

Observando de forma mais geral, isso significa que 93,75% dos alunos da Stadium utilizam o Facebook, contra 6, 25% que não utilizam. Na turma da Augusto Montenegro a diferença não é tão grande, já que 86,9% utilizam a rede social e 13,1% não utilizam essa plataforma. Comparando-se a pesquisa do site

[1.3082957!1m5!1m1!1s0x92a48a89e328fe1d:0x1d4fd3cd96eed9e9!2m2!1d-48.4385909!2d-1.3813409](https://www.facebook.com/1.3082957!1m5!1m1!1s0x92a48a89e328fe1d:0x1d4fd3cd96eed9e9!2m2!1d-48.4385909!2d-1.3813409). Acesso em: 05/01/2019.

³⁸ Um detalhe importante da escola onde se desenvolveu o projeto é que dá um grande destaque para o tema da tecnologia, sendo uma das formas de divulgação da empresa, mas ao mesmo tempo não possui laboratório de informática e o acesso à internet só é possível na Augusto Montenegro, já na Stadium, na turma que se desenvolveu o trabalho, tive que disponibilizar o roteador do meu smartphone.

³⁹ Os questionários foram passados em dias diferentes, dentro das minhas aulas. A primeira unidade a responder ao questionário foi a turma da unidade Stadium, no dia 27/04/18 e, posteriormente, no dia 16/05/18 foi feita na unidade Augusto Montenegro.

⁴⁰ Pouquíssimos alunos não quiseram participar, alguns não estavam no dia do processo e outros entraram na escola depois do desenvolvimento da atividade. Em todas as vezes que entrava em sala, destacava o projeto, sendo que marquei junto a turma quando iriam iniciar as atividades virtuais, que seriam durante a semana seguinte aos avisos em sala.

We Are Social (2018), demonstrada no segundo capítulo, podemos ver que o resultado está em consonância, visto que o Brasil é o segundo país que mais utiliza as redes sociais no mundo.

Uma questão curiosa é que apenas 4 pessoas não utilizam o Facebook e são todas do sexo feminino, inclusive obtive o depoimento de uma delas, que estuda na turma da Stadium, para entender a causa da não utilização da rede social. Segue abaixo a fala da aluna que será identificada através de um pseudônimo.

“Bom ela⁴¹ fala que quando eu uso o Facebook ou outras redes sociais eu não estudo, não me consentro em casa (fico aérea no mundo), por isso ela fala q so posso usar redes sociais com exceção do Whatsapp, quando estou de férias (...) (...) E o Facebook principalmente pq e onde tem mais entreterimento, meu pai fala q onde encontramos todos os tipos de coisas e assuntos q podem clnfundir minha cabeça (como religião, política...)”. (Paula, 14 anos).

No texto da aluna, que foi feito no *in box* (bate papo privado) da rede social Instagram e foi transcrito na íntegra, sem reformulações gramaticais, a primeira questão a se observar é a escrita, logicamente não formal e com abreviações típicas da internet como na utilização de “q” e “pq”, conhecidos como *Internetês*. Mas analisando a questão da utilização do Facebook, vemos que a não navegação está relacionada mais especificamente à decisão dos pais do que um anseio particular, e as preocupações da mãe (identificada como “ela”) se fazem presente no âmbito da concentração para estudar e questões relacionadas à casa, já o pai se preocupa muito mais com as questões morais que podem ser modificadas com o uso da rede social, atrapalhando a sua criação, não tratando do uso de celular em sala de aula, que poderia também ser um cuidado com o desvio de atenção.

O mais interessante é que a aluna frequentemente utiliza o Instagram⁴² (me confidenciou outras vezes), ou seja, uma rede social, mas não com as mesmas funções do Facebook. Isso demonstra que a “vista grossa” feita em relação ao Instagram e não ao Facebook está muito relacionada às decisões e

⁴¹ Neste momento a aluna se refere a sua mãe.

⁴² O Instagram é uma rede social que surgiu em 2010, se destinando mais no compartilhamento de fotos e vídeos pequenos, mas possuindo a função *direct*, ou seja, o chamado bate papo privado, exatamente de onde saiu o relato.

pensamentos do pai e a seus valores morais, mesmo que a utilização da rede social fosse apenas para uma questão pedagógica.

Além das 4 alunas que não possuem conta na rede social de Mark Zuckerberg, existe uma que, mesmo tendo uma conta, não a utiliza com frequência por não possuir tanto interesse. Abaixo segue seu depoimento, que assim como o anterior, foi pela rede social Instagram:

Assim como qualquer outra rede social o Facebook com o passar dos anos tornou-se “cansativo”, como o Snapchat por exemplo. (Que um dia desses todo mundo usava), eu uso e prefiro o Instagram porque ainda é uma coisa “nova”, mas acredito que da mesma forma que enjoei do Facebook, com o surgimento de outra rede social vou acabar deixando o Instagram de lado. (Não sou do tempo do Orkut mas acredito que foi isso que ocorreu). (Laís, 13 anos).

Esse relato nos mostra outra realidade acerca das redes sociais e também dos tempos atuais, onde as coisas são cada vez mais banais, efêmeras e com o interesse muito passageiro, com uma busca quase que constante pela novidade. Esse pensamento vai ao encontro de Zygmunt Bauman (2001), já que para esse autor a sociedade moderna líquida não se fixa a um espaço ou tempo, sempre dispostos às mudanças e livres para experimentar algo novo.

Diferente do primeiro depoimento, em que a aluna não utilizava a rede social pesquisada por conta da decisão dos pais, neste último temos uma decisão particular, em vista que mesmo possuindo uma conta no Facebook a aluna prefira utilizar o Instagram e deixando a outra rede social em segundo plano, mas indagada sobre a possibilidade de utilização para o processo pedagógico proposto em sala, respondeu positivamente em sua participação.

Depois de entender os porquês da não utilização, é interessante se fixar no questionário e nas respostas dos alunos que utilizam o Facebook, haja vista que é importante saber algumas questões referentes aos alunos na utilização dessa rede social. Inicialmente se fez relevante saber o tempo de navegação dos alunos na rede social, ou seja, se seria possível desenvolver um trabalho dentro da rede social, além da sala de aula. Assim, serão mostrados primeiramente gráficos da turma da unidade Augusto Montenegro (a partir desse momento vou identificar como turma A) referente ao tempo de utilização e posteriormente da Unidade Stadium, que será chamada de turma B. Visualize abaixo:

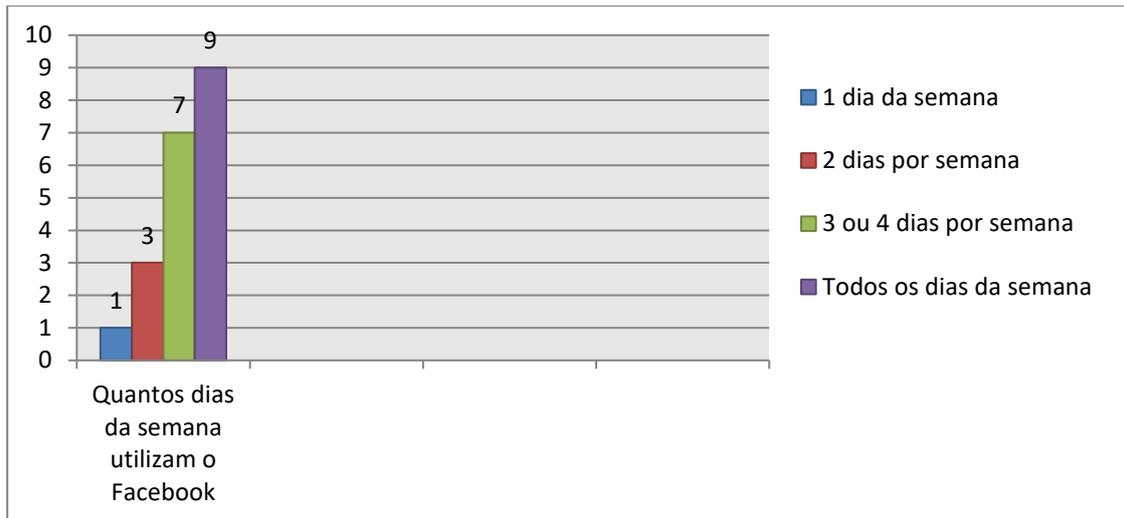


Gráfico 1. Quantos dias da semana utilizam o Facebook: Turma A.



Gráfico 2. Qual período da semana você utiliza mais o Facebook: Turma A

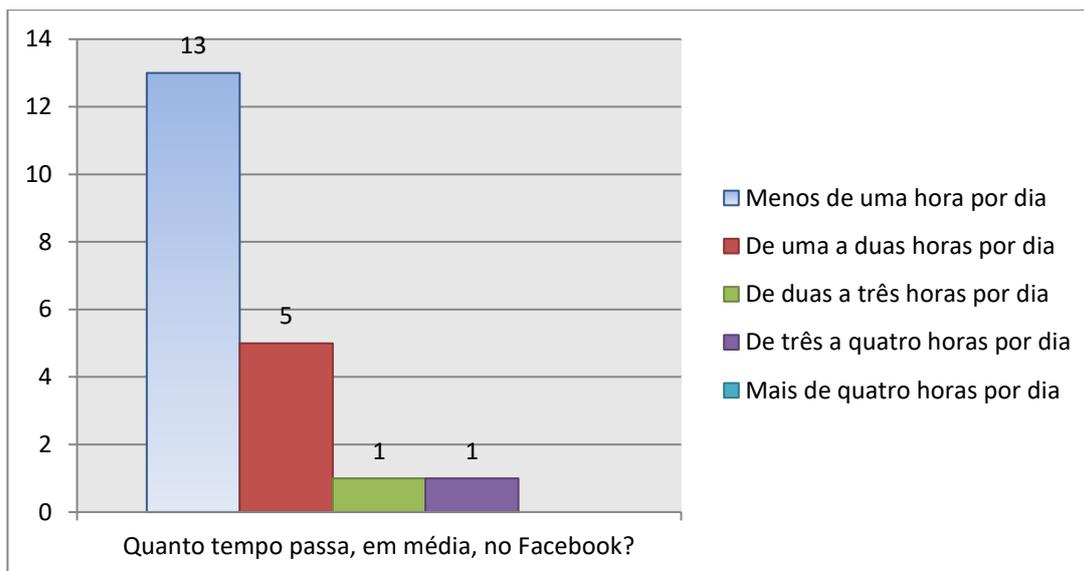


Gráfico 3. Quanto tempo passa, em média, no Facebook? Turma A

Ao analisar os gráficos da Unidade Montenegro acerca do tempo de utilização do Facebook percebe-se alguns detalhes, um deles é que os alunos costumam navegar na rede social com frequência, a maioria entra todos os dias, mesmo que fiquem por pouco tempo conectados, pois costumam ficar menos de uma hora em média. Isso não quer dizer que não estejam conectados à internet, visto que o restante do tempo, possam muito bem mergulhar em outras plataformas digitais como o Instagram, Youtube ou em jogos eletrônicos. Mas o que chamou mais atenção é que quase todos acessam mais nos dias de semana, excluindo a ideia de que poderiam se conectar mais aos finais de semana, já que não teriam aula.

Para o momento seguinte é interessante também analisar os gráficos das respostas ao questionário da turma da turma B (Unidade Stadium), para, assim como foi feito com a primeira turma, entender aspectos relacionados ao tempo de uso da rede social e perceber as distinções entre as turmas. Segue os gráficos da turma B:

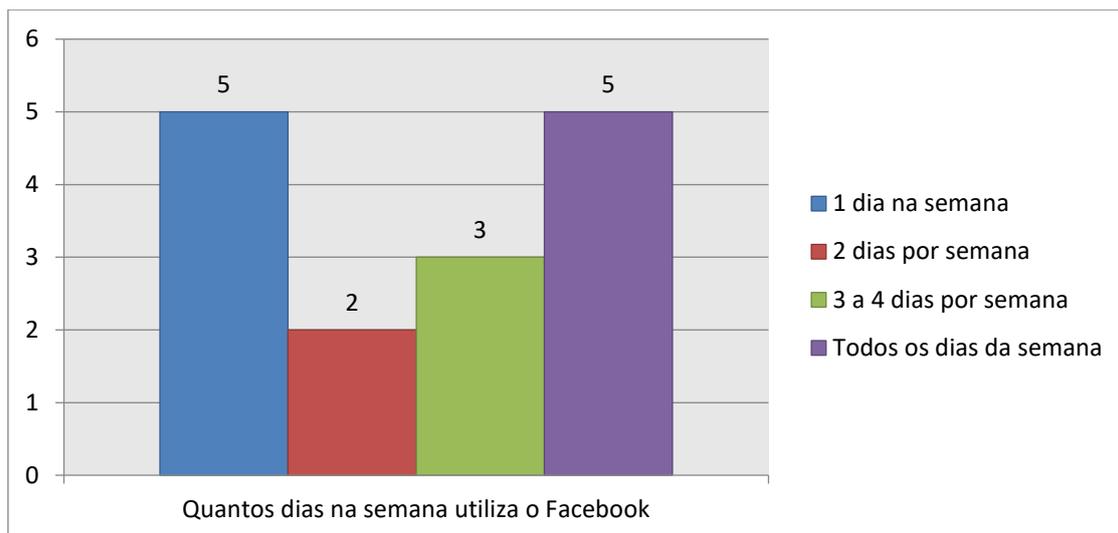


Gráfico 4. Quantos dias da semana utilizam o Facebook: Turma B

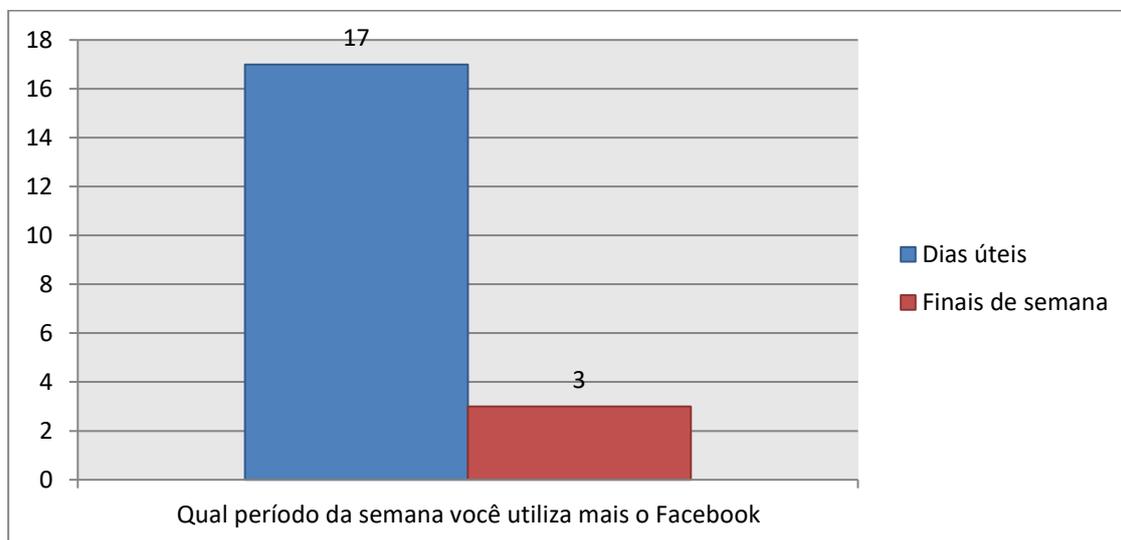


Gráfico 5. Qual período da semana você utiliza mais o Facebook: Turma B

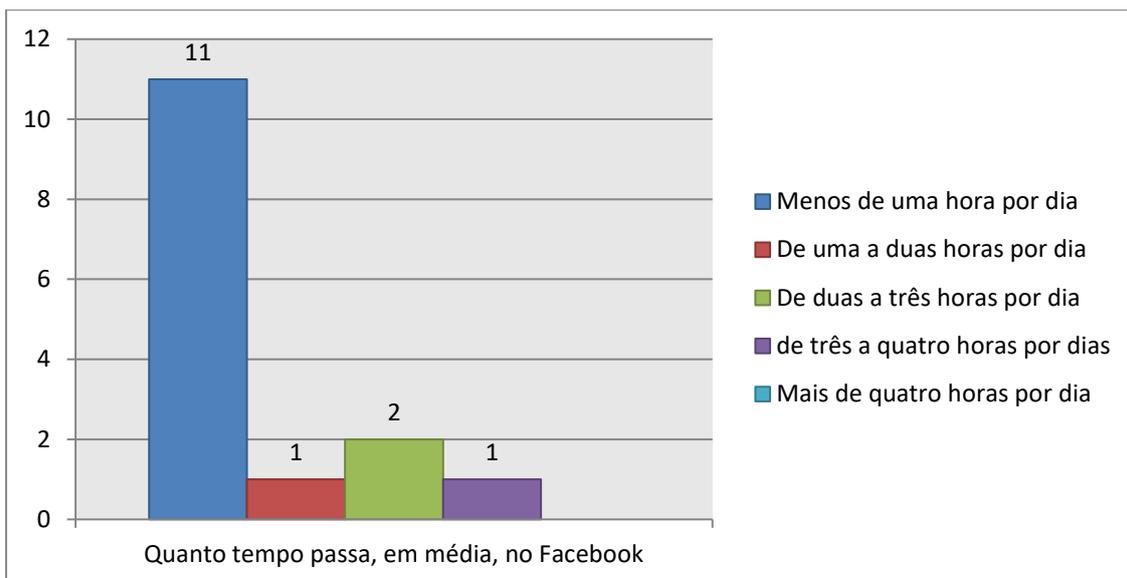


Gráfico 6. Quanto tempo passa, em média, no Facebook? Turma B

Os dados mostrados pelos gráficos da turma B nos dizem algumas questões, como o equilíbrio em relação ao uso do Facebook nos dias da semana, já que 5 alunos utilizam todos os dias e outros 5 utilizam apenas 1 dia por semana, além de outros 5 que fazem uso de 2 a 4 dias por semana, representando uma diferença em relação à turma A, que utilizam com um pouco mais de frequência. Mas existem semelhanças entre as duas turmas, visto que tanto a turma A quanto a B fazem uso da rede social mais nos dias úteis, deixando os finais de semana para outras atividades.

Analisar os gráficos das duas turmas é interessante, dado que as diferenças apresentadas em relação ao uso do Facebook nos mostram a diversidade de utilização da rede social, mas ao mesmo tempo percebe-se semelhanças. Sendo assim, conhecer o tempo de navegação é relevante, do ponto de vista de traçar um planejamento metodológico, tendo um respaldo com as respostas dos próprios alunos.

Seguindo o processo de análise do questionário, mas observando especificamente os tipos de dispositivos utilizados para acessar a rede social, é possível enxergar uma conformidade com a pesquisa citada anteriormente, do site We Are Social, uma vez que dos 39 alunos das duas turmas, retirando 4 alunos que não utilizam o Facebook, 28 acessam a rede social pelo smartphone, ou seja, as turmas pesquisadas fazem parte da maioria de brasileiros que faz uso das redes sociais por esse tipo de dispositivo.

Para uma melhor visão sobre os dispositivos utilizados no acesso da plataforma digital Facebook é relevante a análise dos gráficos das turmas pesquisadas abaixo.

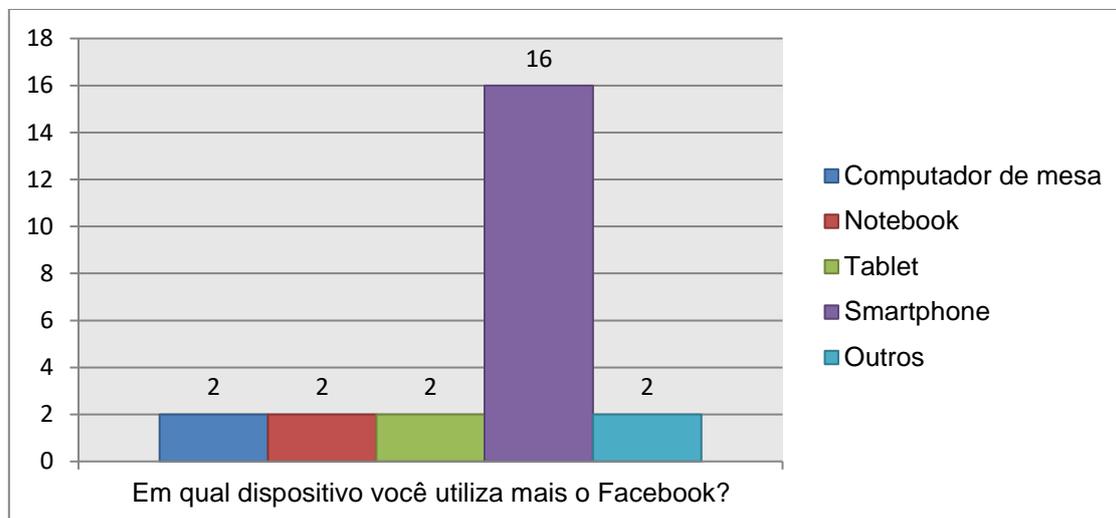


Gráfico 7. Em qual dispositivo você utiliza mais o Facebook? – Turma A

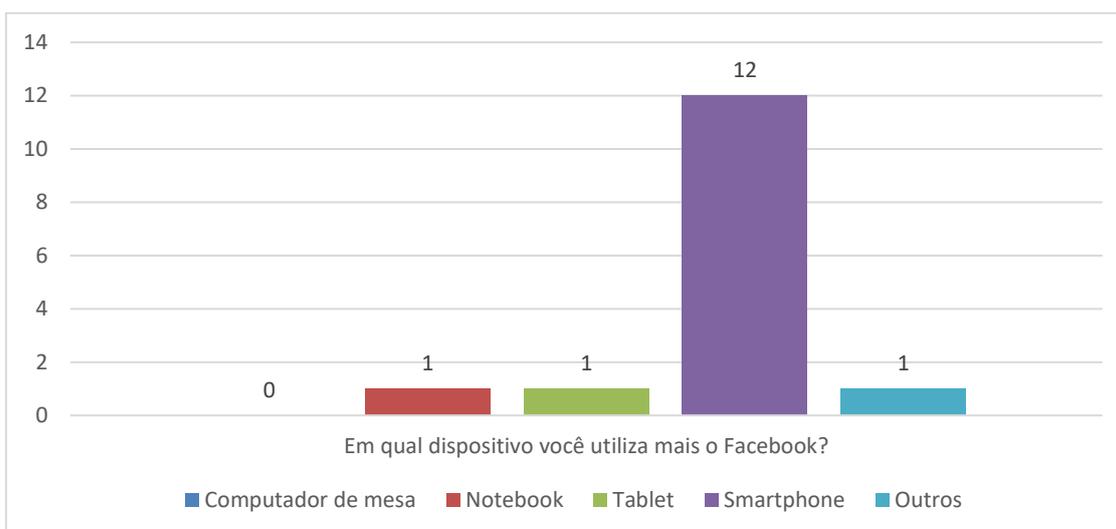


Gráfico 8. Em qual dispositivo você utiliza mais o Facebook? – Turma B

Ao analisar os gráficos pode surgir uma dúvida em relação à turma A, pois são 23 alunos que utilizam o Facebook, mas existem 24 votos. Isso se explica devido ao fato de um aluno utilizar tanto o smartphone quanto o Tablet, e na marcação do questionário houve uma duplicidade.

Outra questão que seria altamente pertinente era saber o que os estudantes fazem dentro da plataforma digital, por esse motivo se fez presente um item no questionário com uma pergunta nesse sentido. O que se percebe é a predominância do objetivo da utilização da rede social com a finalidade de

entretenimento,⁴³ em razão de que 27 alunos das duas turmas fazem uso com esse objetivo.

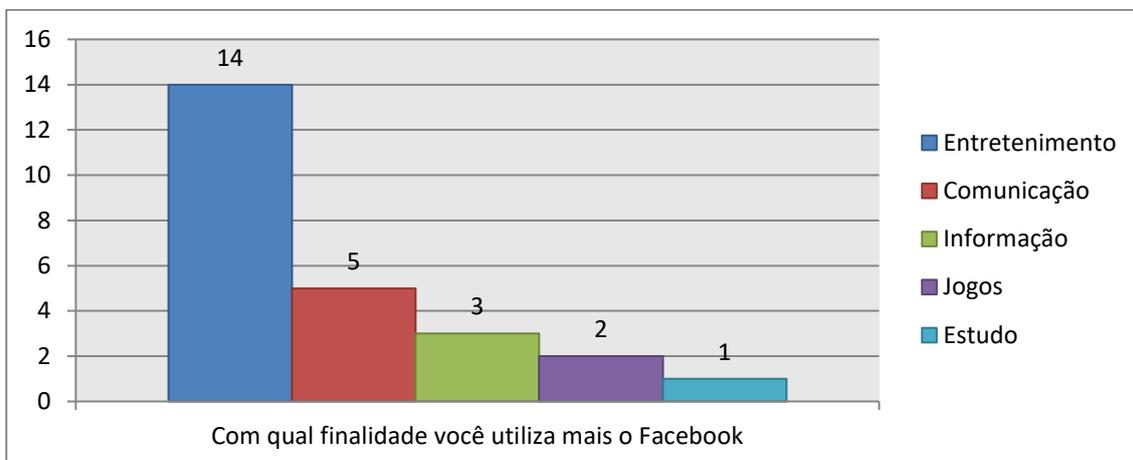


Gráfico 9. Com qual finalidade você usa mais o Facebook - Turma A

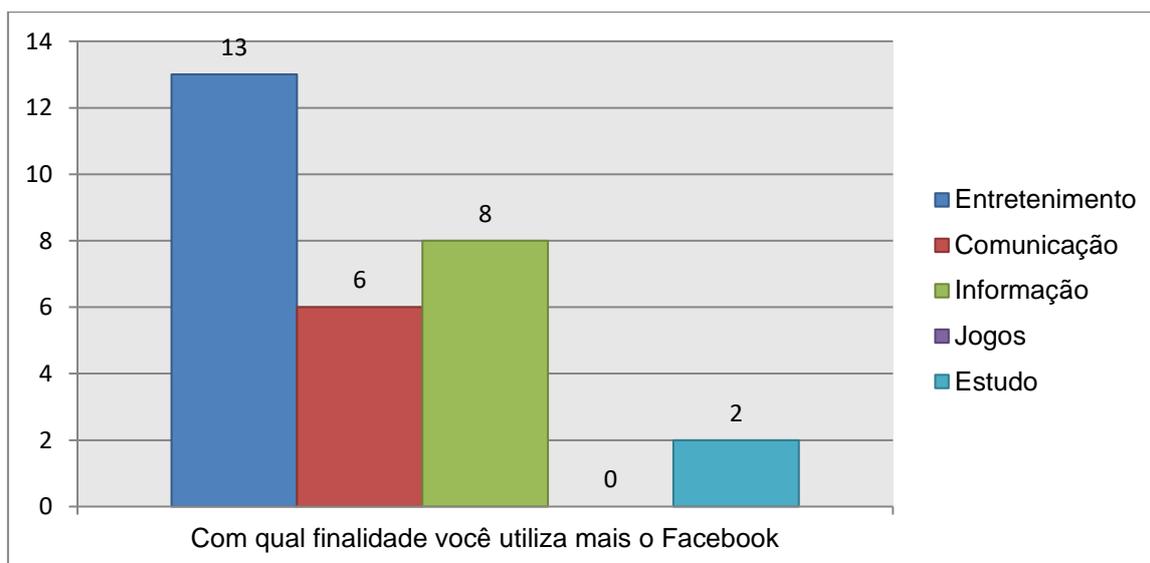


Gráfico 10. Com qual finalidade você usa mais o Facebook - Turma B

Por fim, a última pergunta a ser feita no questionário foi se os alunos achavam possível aprender história no Facebook e a resposta foi positiva, já que dos 39 alunos que responderam o questionário, apenas 4 não concordavam com a pergunta, todos eles da turma B.

⁴³ Neste caso, a palavra entretenimento se aplica acerca da questão de diversão variada, não especificando um tipo, como por exemplo, os jogos.

Saber que eles utilizavam a rede social, mesmo que de forma empírica e sem fazer a pesquisa, já dava para se ter uma ideia, mas o pensamento em relação ao aprendizado histórico através da rede social só foi possível no processo da pesquisa, seja sobre o que os estudantes pensavam ou posteriormente o processo de trabalho que foi desenvolvido.

3.2 Entre a sala de aula e o meio virtual: A formação do grupo

Com as informações coletadas, aliando com as experiências vividas como docente, começou a se desenhar o caminho a percorrer em relação ao produto que seria desenvolvido para a dissertação. Sendo assim, pensei em criar um grupo fechado dentro do Facebook para utilizá-lo como extensão da sala de aula e fazer com que os alunos e alunas estudassem história por essa rede social, que, como foi comprovada na pesquisa em questionário, eles já a utilizavam, mesmo que para outros fins. Mas por que um grupo e não uma página ou perfil? Por que um grupo fechado? Por que o Facebook e não o Instagram ou Whatsapp, por exemplo?

A ideia de criar um grupo no Facebook, que servirá de produto para essa dissertação, inicialmente está relacionada a uma experiência própria que se concretizou anos antes, ou seja, a ideia não é tão nova, mas o propósito é diferente. Quando criei um grupo que se denominou "A História com Bruno Amorim", a finalidade era criar uma interação virtual com os alunos, mas que não fosse no meu perfil pessoal do Facebook, já que não os adicionava, inclusive gerando certo incômodo, pois achavam que não gostava deles pelo simples fato de não os aceitar no meu perfil pessoal da rede social, levando pequenas "brincas" de meninos e meninas, pois achavam que eu deveria ser amigo virtual deles.

Por muito tempo desconversei, e me fiz de desentendido frente às falas dos estudantes das escolas nas quais trabalhava, mas como num "estalo" tive a ideia de criar um grupo aberto no Facebook para adicionar os alunos e interagir virtualmente com eles, visto que não estariam vendo e interagindo no meu perfil pessoal, mas teriam contato de outra forma e na mesma rede social, ou seja, numa nova possibilidade de interação.

Como dizem, "juntando a fome com a vontade de comer", percebi que buscar novos caminhos de interação no grupo que criei seria interessante no

sentido que poderia trabalhar a disciplina História nesse ambiente virtual. Sendo assim, comecei a postar somente assuntos referentes à disciplina na qual trabalho, como links de reportagens, textos, imagens, vídeos e Memes históricos. Nesse último tipo de postagem é que percebi uma maior interação, com curtidas e comentários, inclusive fora da rede social, quando me encontrava com os estudantes em sala de aula, com eles fazendo comentários sobre as postagens, sobre os assuntos históricos inclusos e vi a possibilidade de desenvolver um trabalho que gerasse interação entre a sala de aula e o meio virtual.

O primeiro grupo, “A História com Bruno Amorim”, foi criado em 26 de março de 2014, iniciando a ideia de interação virtual e de uma extensão da sala de aula. Como existia uma liberdade sobre o propósito do grupo, e ainda existe, já que ele é ativo, pude fazer postagens sobre história, mas vez ou outra colocava coisas engraçadas ou mesmo fotos com os alunos.

O fato de ser um grupo aberto gerou interesse de outras pessoas para participar, como ex-alunos e amigos, pessoais e virtuais. No momento atual o grupo possui 295 membros como podemos observar na imagem abaixo:



Foto 1. Grupo A História com Bruno Amorim⁴⁴

Um detalhe importante é que nesse tipo de plataforma existe um moderador, que nesse caso sou eu, possuindo algumas possibilidades, como permitir ou não as postagens dos membros. Esse tipo de ação foi extremamente

⁴⁴ Ver em: <https://www.facebook.com/groups/283684698456730/>.

benéfica, pois com membros das mais variadas faixas etárias é importante limitar o tipo de conteúdo a ser exibido. Foi interessante também perceber que a partir dos dados que o próprio Facebook disponibiliza é possível saber quem se envolve mais na página, no caso, o envolvimento de estudantes do sexo masculino é maior do que o das estudantes do sexo feminino, mesmo que seja em pequena diferença. Além disso, com as informações geradas pela rede social foi possível também ver de que localidades os membros participantes são, como cidades ou países, por exemplo. Em sua maioria, os membros são de Belém e Castanhal no Pará, isso porque trabalho nessas duas cidades, ou seja, facilmente explicável a predominância dessas duas localidades. Mas podemos observar que existem membros de outras cidades e até de outros países. Veja os dados abaixo:

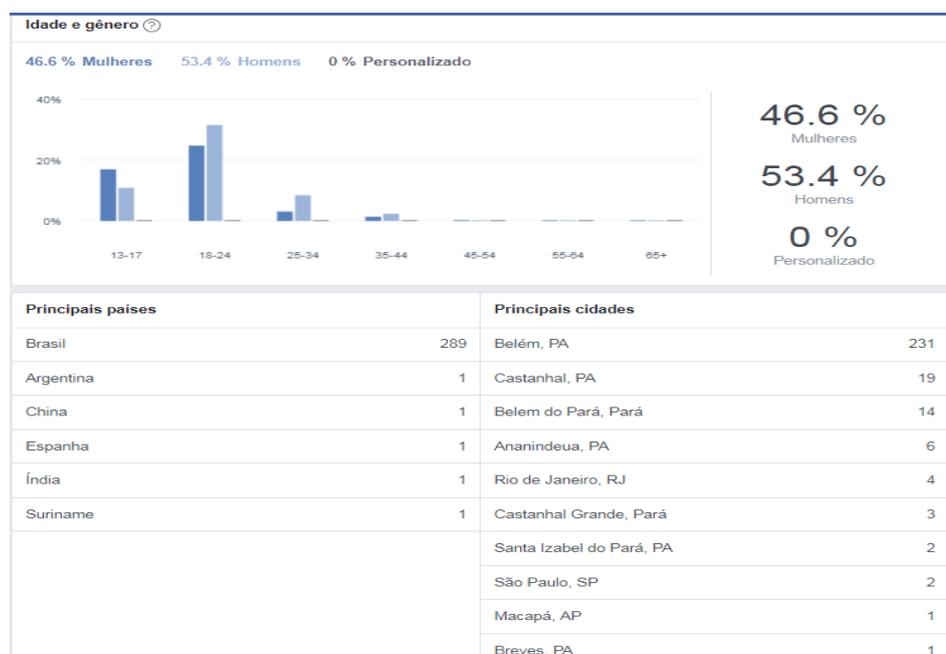


Figura 8. Dados Fornecidos pelo Facebook

Uma das questões observadas de acordo com a interação no grupo é que nas postagens em que os alunos se fazem presente, como em fotos da turma, ações feitas por eles ou postagens dos próprios alunos, há um maior número de curtidas e comentários, como no caso da postagem de uma aula sobre a Índia Antiga⁴⁵, que ocorreu na turma de sexto ano da unidade Augusto Montenegro no

ano de 2016, em que uma aluna, que é indiana, mas mora em Belém, foi convidada para falar das suas experiências e conhecimentos acerca da História da Índia e seus costumes. Além da atenção e participação, com muitas perguntas no dia da aula, a foto obteve 24 curtidas, o que parece pouco, mas dentro do “A História com Bruno Amorim” está entre os posts mais curtidos, mesmo que tenha apenas um comentário.

Em relação aos comentários, há de se destacar que postagens com temas históricos mais “polêmicos”, como uma desconstruindo a ideia que Nazismo é de esquerda⁴⁶, possuem mais comentários que outras. Mas sem dúvidas, o que mais proporciona interação entre o meio virtual e a sala de aula são os Memes, inclusive postados pelos próprios alunos. Segundo Bruno Pessi (2015), o meio virtual, ou seja, a internet possibilitaria um espaço de criação da própria identidade para os jovens, onde eles se relacionam com outros e buscam por atender suas demandas de forma coletiva. Sobre os Memes históricos, os estudantes acham bastante interessante a possibilidade de fazer humor com temas históricos, e também que para rir é preciso entender os assuntos contidos nas imagens. Um exemplo disso é o Meme histórico abaixo, sobre o final da Primeira Guerra Mundial.

46

Disponível

<https://www.facebook.com/groups/283684698456730/permalink/729649703860225/>.
em: 25/10/2018.

em:
Acesso



Meme 1. Tratado de Versalhes⁴⁷

Para entender o Meme Histórico é preciso conhecer sobre a Primeira Guerra Mundial, e mais especificamente o seu fim, com o Tratado de Versalhes, que engendrou várias penalidades à Alemanha. No caso, o Meme demonstra a rejeição da Alemanha à refeição oferecida pelos países vencedores da Primeira Guerra, que impuseram as penalidades, ou seja, é preciso ter o conhecimento de que Hitler ao tomar o poder na Alemanha não obedeceu ao referido tratado, ou seja, não é tão simples os alunos entenderem o Meme, já que é importante ter um conhecimento histórico específico.

Como citado anteriormente, os Memes proporcionam uma interação maior entre meio virtual e sala de aula. Mas afinal de contas, o que é um Meme? Para isso é importante observar o que Bruno Pessi diz:

Vemos nos últimos anos a disseminação de um interessante fenômeno: os memes. Os memes são informações que se espalham rapidamente pela Internet na forma de vídeo, imagem, hashtag, palavra ou frase, utilizando como meio de propagação as redes sociais e blogs, principalmente. Os memes podem se tornar populares rapidamente ao redor do mundo e desaparecer por completo em poucos dias. Os memes estão associados ao fenômeno de viralização

⁴⁷ Post de um aluno. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1877347712540735&set=g.283684698456730&type=1&theater&ifg=1>. A Imagem foi retirada da página "Colocando países nas coisas". Disponível em: <https://www.facebook.com/paisesnascoisas2>. Aceso em: 26/10/2018.

de uma informação, que atinge grande popularidade. Associando imagens ou vídeos que chamam a atenção a frases ou palavras, os memes transmitem informação aos usuários da Internet, mas a viralização muitas vezes acaba por banalizar essa informação, tomadas como algo com início meio e fim em si (PESSI, 2015, p. 939).

Para Limor Shifman (2014), os memes são um fenômeno de linguagem e através deles podemos compartilhar ideias complexas por meio de imagens e frases simples, sofrendo um processo de modificação a partir da cópia de outras pessoas. Na atualidade, o uso e as discussões sobre esse novo gênero textual⁴⁸ é tão forte, que foi desenvolvido um projeto pela Universidade Federal Fluminense, o #MUSEUdeMEMES⁴⁹ que é vinculado ao grupo de pesquisa coLAB (Laboratório de Comunicação, Culturas Políticas e Economia da Colaboração) e ao Polo de Produção e Pesquisa Aplicada em Jogos Eletrônicos e Redes Colaborativas (P³), que incentiva e discute a produção memes.

Percebendo a relação com os tipos de postagens dentro do grupo “A História com Bruno Amorim”, sobretudo as postagens que continham Memes, o caminho que estava se desenvolvendo o produto da dissertação foi iluminado, vislumbrando várias possibilidades que foram se concretizando com o decorrer do processo. Mesmo assim, uma outra questão idealizada não se concretizou, já que um dos objetivos era fazer uma oficina de memes, para fazer com os próprios alunos produzissem as imagens engraçadas de acordo com seus próprios conhecimentos históricos, mas não se realizou por conta das outras atividades dentro da escola, como avaliações, feira cultural e jogos internos, além de término de conteúdo.

Sendo assim, iriam ser criados dois grupos fechados no Facebook para o desenvolvimento do trabalho, pois abarcariam somente os alunos que participariam do projeto, sem interferências externas. Disse iriam, porque no meio do percurso tive que sair da turma A, isso porque retornei para algumas turmas em que trabalho no Município de Castanhal, onde sou concursado, inviabilizando a pesquisa, nesse caso fixando forças na turma B. Em vista desse acidente de percurso surgiu outra ideia, que seria fazer o trabalho também com uma turma do Terceiro ano do Ensino Médio da Unidade Augusto Montenegro

⁴⁸ Luíz Marcuchi (2002) afirma que com a criação de novas tecnologias, sobretudo às voltadas para a área da comunicação, acabaram-se por fazer surgir novos gêneros textuais.

⁴⁹ Ver mais em: <http://www.museudememes.com.br/o-museu-de-memes/expediente/>.

(será chamada de turma C⁵⁰), pois dessa maneira poderia analisar uma turma que estaria terminando o ensino Fundamental e outra que findaria o Ensino Médio.

A criação dos grupos foi dentro da sala de aula, de forma democrática, envolvendo quase que a totalidade dos alunos, mas sem pressionar a participação, que inicialmente não envolveria pontuação nas avaliações.

Quando disse que foi de forma democrática, é que os alunos participaram da elaboração do nome dos grupos, escolheram os assuntos a serem abordados, de acordo com seu currículo escolar, escolheram também a imagem de capa do grupo e sua cor. A única questão a ser feita exclusivamente por mim foi o estatuto estabelecido para o grupo, feito também em sala de aula, como se pode ver abaixo:

1. O Moderador será o professor Bruno Amorim;
 2. Grupo democrático para estudo, debate, resolução de dúvidas, troca de conhecimentos e de auxílio.
 3. A Temática:
 - 3.1 O Tema que será trabalhado foi escolhido pelos próprios alunos, levando em conta o currículo escolar trabalhado no 9º ano do Ensino Fundamental, no caso, 2ª Guerra Mundial e Guerra Fria.
 4. Possibilidades: Postar textos, vídeos, imagens, gif's, memes etc. Tudo referente ao tema (Item 3.1).
 5. Interação: Comentários, curtidas e comentários serão permitidos, contanto que não fujam do tema (item 3.1) ou da disciplina História.
 6. Penalidades: Infrações no grupo serão notificadas pelo Moderador (item 1) e se tiverem reincidências (3 vezes) o/a membro será banido (a).
 7. Os Memes podem ser confeccionados pelos alunos e/ou moderador (item 1) e postados no grupo (ver sobre postagens no item 4).
- (Estatuto do Grupo da Turma B).

O estatuto foi elaborado no quadro a vista dos alunos do nono ano, na turma B, e a única diferença do estatuto da turma C é a temática, que exclusivamente para essa turma deixei livre, mas somente sobre a disciplina História, já que eles iriam fazer provas de vestibulares. O nome escolhido para o grupo da turma B foi “Papo de História: Uma forma de interagir” e da turma C foi “Pré-desespero”, onde o nome do primeiro foi concebido de uma fusão de nomes e o do segundo foi criado por um aluno e aceito pela turma e tem esse

⁵⁰ Uma questão importante de se destacar é que não foi possível traçar o perfil da turma C, assim como se fez nas outras, já que pelo motivo da minha saída repentina da turma A, já explicada no texto, a mudança foi feita na etapa da construção dos grupos na rede social.

nome curioso por conta da preocupação que eles tinham em relação às provas de vestibulares.

Vale ressaltar, que nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) está exposto que “o desenvolvimento das tecnologias da informação permite que a aprendizagem ocorra em diferentes meios”, ou seja, a utilização dos grupos virtuais foi expandir o espaço de aprendizagem, para além do meio físico escolar.

3.3 Os fins justificam os meios digitais

A historiadora Izabel Barca (2012, p. 37) diz que a Educação histórica se preocupa em contribuir para aquilo que, talvez, esteja em falta no panorama global dos trabalhos em Ensino da História, que é ligar a teoria à prática, mas sobretudo critica a ideia de ensinar sem estudos empíricos, haja vista que para ela o que se deve fazer é um trabalho com aprendizagens concretas e testadas, e nesse sentido utilizar os meios digitais para trabalhar o Ensino de História possibilita essas atividades de aprendizagens, produzindo conhecimento dentro da escola e fora dela através da internet, fazendo uma ponte de mão dupla entre o que se desenvolve no ambiente físico escolar e no meio virtual.

Posto isso, a metodologia inicial utilizada para desenvolver o produto junto aos alunos foi a Unidade Temática Investigativa na perspectiva da Educação Histórica (já demonstrada no capítulo anterior), fundamentando-se em Barca (2004), assim como Schmidt e Garcia (2005). Fez-se necessário para essa investigação, e para o desenvolvimento posterior do trabalho, uma indagação que serviu como alicerce, que foi: como se pensar ou reconstruir as aulas de História para que sejam valorizadas as ideias históricas dos alunos e gerar interesse para a disciplina História? Partindo desse pressuposto, o desenho no chão da escola foi tomando forma, imagem esta que se digitalizou formando a ponte virtual comentada anteriormente.

É bom frisar que as atividades feitas em nenhum momento tiveram o objetivo de colocar a sala de aula em segundo plano, ou dizer que a forma de ensinar História com poucos recursos dentro da escola é uma coisa ruim e totalmente ultrapassada, mas demonstrar que existem novos tipos de configurações para trabalhar o Ensino de História e que umas delas são as redes sociais, que nos tempos atuais se fazem presente na vida de grande parte dos

nossos estudantes, possibilitando acesso a uma diversidade de imagens, textos e vídeos, além de ferramentas, novas maneiras de leitura e também produção de conhecimento histórico.

3.3.1 O desenvolvimento dos meios

Como foi comentado anteriormente, das duas turmas que se pretendia promover a pesquisa, apenas uma houve a possibilidade, no caso a turma B, por esse motivo se pensou outra forma de desenvolver o trabalho. Em vista disso, se fez necessário a entrada de uma terceira turma, ou seja, a turma C, que finalmente comporia a feição do trabalho.

Foram construídos dois grupos fechados, um para cada turma, como também citado anteriormente, o “Papo de História: Uma forma de interagir” para a turma B, e o “Pré-desespero” para a turma C, com um estatuto próprio, além de temáticas históricas próprias. A escolha de se fazer o projeto com o Facebook e não em outras redes sociais tem a ver com as possibilidades proporcionadas por essa rede social, de mais a mais a maioria dos alunos tinha conta e utilizava essa rede social específica.

Inicialmente falei do grupo da Turma B, que foi criado no dia 5 de outubro de 2018, mas o trabalho se iniciou um pouco antes, no primeiro semestre de 2018. O processo poderia e seria mais interessante se fosse constante, mas em qualquer projeto que se faça no ambiente escolar, estamos inseridos num espaço com regras estabelecidas, com um calendário escolar, um conteúdo a cumprir, além de outras atividades curriculares como feira cultural, jogos internos e as avaliações bimestrais. Isso tudo consome muito tempo e temos que conciliar essas atividades com o projeto a ser desenvolvido entre escola e o meio virtual.

A primeira etapa do processo se deu com as aulas em contato direto na sala de aula, de acordo com o currículo escolar do nono ano do ensino fundamental, depois perguntei aos alunos sobre a possibilidade de participarem da minha pesquisa, e foram bastante solícitos, sobretudo quando falei que seria também na internet e, por conseguinte, no Facebook. Sendo assim, comecei a trabalhar com eles um olhar diferente em relação à rede mundial de computadores e as redes sociais, para serem mais críticos com o que lêem e compartilham, procurando a veracidade das informações, saber quem propaga as informações, se existem outras fontes acerca dos temas divulgados, discuti

temas como racismo, preconceito e intolerância dentro do ambiente virtual e como o que pode parecer piada para uns, para outros representa coisas muito ruins, sobretudo se contextualizados historicamente.

Nesse ponto se fez necessário todo o arcabouço teórico contido no segundo capítulo, haja vista que temas como fake news, pós-verdade, bolhas e filtros invisíveis, que foram destacados por Eli Pariser (2012), Frias Filho (2018) e Sergio Branco (2017) serviram de apoio para as discussões em sala de aula.

Fazer com que os alunos se tornem mais sensíveis e críticos a certos temas e promover essa atenção para o que está sendo postado na internet é de fundamental importância para o trabalho que será produzido depois, haja vista que na etapa posterior serão mostrados Memes históricos, e entender o que pode ou não ser engraçado tem grande relevância para se trabalhar o ensino de história no ambiente virtual.

Nas minhas aulas, sobretudo nas que eu percebia que tinham mais interesse, como sobre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, no final das explicações mostrava algum meme, para ver se riam ou pelo menos entendiam o contexto. Quando recebia respostas positivas ou mesmo negativas em relação ao entendimento, mostrava a eles que só é possível entender memes históricos a partir do momento que se compreende as temáticas inseridas nas imagens engraçadas.

A segunda etapa foi realizada através de uma atividade no mês de março de 2018, depois de ter trabalhado o assunto “Primeira Guerra Mundial” e consistiu de uma Aula-Oficina. Na proposta feita por mim, foram distribuídos textos (trechos de livros)⁵¹ com relatos de momentos dentro dos campos de batalha, para que fossem analisados pelos alunos em grupo (Formaram-se 4 grupos).

⁵¹ Os textos disponibilizados para os alunos foram: REMARQUE, Erich Maria. Nada de novo no front. Porto Alegre, LP&M, 2004; REMARQUE, Eric Maria. Nada de novo no front. São Paulo: Círculo do Livro, s/d. Apud: MARQUES, A.M., BERUTTI, F. C., FARIA, R. de M. História contemporânea através de textos. 6 ed. São Paulo: Contexto, 1999; ROBERTS, J.M. (org.). História do século XX. São Paulo: Abril, 1974. v.2. Apud: MARQUES, A.M., BERUTTI, F. C., FARIA, R. de M. História contemporânea através de textos. 6 ed. São Paulo: Contexto, 1999.

A atividade se divide em quatro momentos, que se inicia como relatado acima, com os alunos fazendo uma análise textual, no segundo momento ocorre uma discussão entre os alunos de cada grupo, em seguida, ou seja, após a discussão, os alunos produziram um pequeno texto, relacionando as aulas anteriores com o texto lido, para que no quarto e último momento ocorresse um debate entre todos os grupos, desvelando impressões referentes às leituras feitas, sempre com minha mediação.

A atividade se fez pertinente para que alunos compreendessem os momentos da guerra, a importância do desenvolvimento da tecnologia para aquele momento, as alianças formadas, mas também teve a relevância em desfocar o "glamour" da guerra que muitas vezes é passado para o público em geral através de filmes e programas de televisão. Para, além disso, os alunos puderam trabalhar com fontes e interpretações diferentes de um fato⁵² e, a partir dos seus próprios entendimentos acerca da leitura, expuseram as suas impressões valorizando a criticidade deles.

A sala de aula tem um papel basilar no que tange a educação, tendo em vista que o contato e a troca de experiências valorizam o ensino e a aprendizagem, engrandecendo tanto o educando, quando os próprios educadores. Paulo Freire já dizia em seu livro *Pedagogia do Oprimido* (1997) que quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender e, além do mais, que o educador não deve valorizar a mera transferência de conhecimento, mas criar possibilidades para a sua construção. Nesse sentido, mesmo que o trabalho busque outro ramo do ensino, por vias digitais, o ponto de partida é o chão da escola.

Trabalhar textos, imagens e músicas, aguçando o senso crítico deles, mas acima disso, os ouvindo, os lendo e através de suas percepções e de suas consciências históricas, desenvolver ainda mais o caminho que culminaria com o link para o meio virtual, no caso o grupo no Facebook, foi muito produtivo.

⁵² Os textos de March Bloch (2001) e de Jacques Legoff (2003) foram muito importantes nessa atividade, já que valorizam a criticidade, análise de documento e cuidado com as informações das fontes.

Outra questão que foi válida ao desenvolver essa dinâmica, é que trabalhar em grupo, gera uma maior interação entre os alunos e sobre os temas trabalhados, sobretudo por terem a liberdade de escolha do que irão escrever e expor a partir dos textos lidos.

Abaixo é possível vê-los desenvolvendo o trabalho acerca dos textos, seja sobre o significado de algumas palavras desconhecidas, seja pela curiosidade pelos relatos dos soldados inseridos no texto, sobre as indagações se o que estava escrito era verdade ou não e, por fim, ao debate entre eles para produzirem um texto único a partir de cada percepção individual.



Foto 2. Turma B desenvolvendo uma dinâmica em sala de aula, em março de 2018⁵³.

Depois desses passos, seguiu-se para a terceira etapa, que foi o grupo no Facebook, onde seria a parte final, ou seja, a fase de teste, onde seria percebido se realmente seria possível trabalhar a rede social como ferramenta pedagógica no Ensino de História.

Como dito antes, a feição do grupo foi desenvolvida junto aos alunos, inclusive liberei minha própria internet (roteador do smartphone) para que eles ficassem conectados ao grupo na mesma hora, pelo celular, ou seja, mesmo que

⁵³ Arquivo pessoal.

a escola tenha uma visão de valorização da tecnologia, inclusive em sua missão, podemos ver que as dificuldades irão existir.

Como se pode ver na imagem e no detalhamento anterior, é uma turma pequena, o que possibilita discussões produtivas no ambiente escolar e o que teoricamente iria acontecer no ambiente virtual.

No dia 5 de outubro o grupo foi criado, logicamente fui o primeiro, mas existem outros 11 membros, ou seja, quase metade da turma não faz parte do grupo, desses, apenas se sabe da ausência de duas alunas, explicitado anteriormente através de depoimento, os outros foram por falta de interesse, pela ausência nas aulas, por esquecimento, dentre outros fatores que prejudicaram a participação ativa no grupo⁵⁴.

A primeira postagem foi sobre uma reportagem do Jornal O Globo⁵⁵, sobre um monumento russo em homenagem à primeira cadela cosmonauta da história, onde foi feita a pergunta “O que podemos entender a partir da imagem da cadela Laika abaixo? ”, seguido de um comentário para que os alunos pudessem pesquisar na internet, contanto que colocassem as fontes. As únicas interações obtidas foram duas curtidas na postagem, mas nenhum comentário dos alunos e, ao comentar em sala sobre a não participação deles na postagem, as respostas foram relacionadas à “preguiça”.

A próxima postagem foi um Meme histórico sobre a Alemanha e o Tratado de Versalhes, que na legenda havia a pergunta “O Meme faz referência ao Tratado de Versalhes. O que dizia esse tratado? (O Meme foi diferente do demonstrado no grupo “A História com Bruno Amorim”). Para incentivar a participação dos alunos, disse que a interação no grupo valeria 0,5 ponto para a 4ª avaliação⁵⁶ e assim a postagem recebeu 4 curtidas e vários comentários, em sua maioria dando “UP”⁵⁷, mas houve duas respostas direcionadas, uma da aluna Graziela, que dizia: “Foi um Tratado de Paz” e outro do aluno Vitória: “O

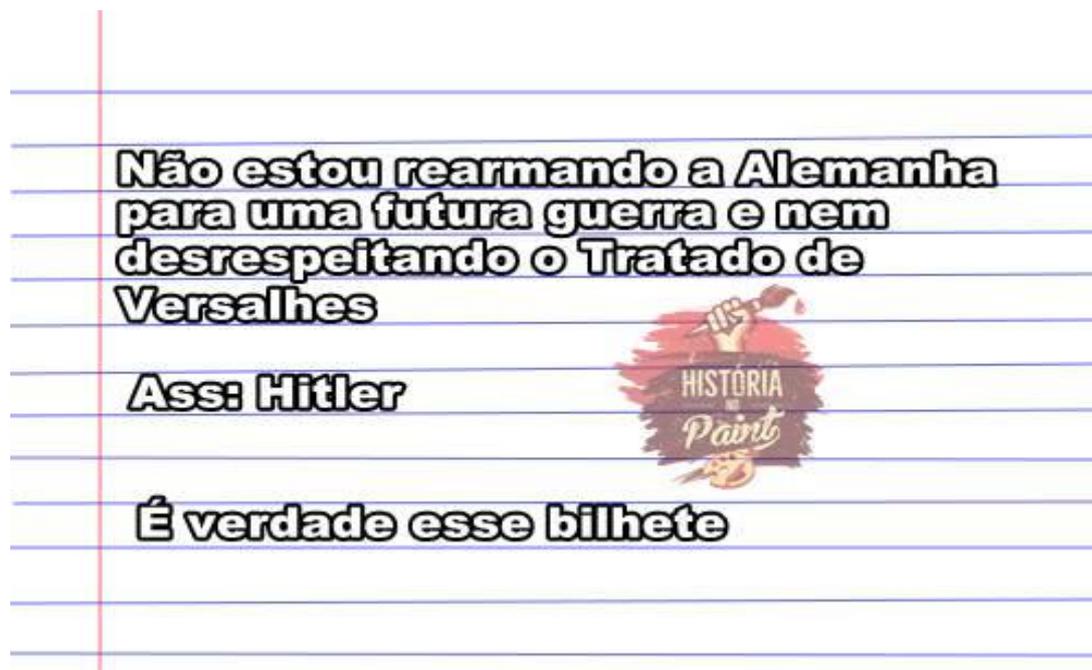
⁵⁴ Essas questões de não participação no grupo foram relatadas em sala de aula pelos próprios educandos.

⁵⁵ O Meme que foi postado no grupo é da página do Facebook, História no Paint, especialista em Memes históricos. Disponível em: <https://www.facebook.com/Historianopaint/>. Acesso em: 26/12/2018.

⁵⁶ A questão de ofertar essa nota mínima, se explica através das próprias normas da escola, que não permitem outras atividades com pontuação, além das avaliações bimestrais.

⁵⁷ Colocar “UP” significa deixar a postagem em evidencia no feed de notícias, para ela ser vista por outros membros ou ainda para acompanhar os comentários.

Tratado de Versalhes foi basicamente um tratado de paz assinado pelas potências europeias que encerrou a Primeira Guerra Mundial⁵⁸.



Meme 2. É verdade esse bilhete⁵⁹

Como o desenvolvimento do trabalho se confundiu com as avaliações, comecei a utilizar o espaço virtual para postar textos referentes aos temas que estávamos estudando em sala, ou seja, fugindo dos propostos no estatuto do grupo. Sendo assim, postei sobre Populismo no Brasil, sobre o governo de João Goulart e a respeito do Golpe Militar e o posterior governo. Para gerar maior interação, fiz postagens com questões alusivas aos temas destacados anteriormente e indiquei para colocarem nos comentários as letras das alternativas que achavam corretas nas questões.

Apenas uma aluna respondeu as questões nos comentários das postagens, que prontamente foram respondidas por mim e explicadas do porquê do acerto ou do erro, sendo melhor discutido em sala de aula. Ao indagar os alunos sobre a não interação com as postagens no grupo, as respostas seguiram-se à “preguiça” e “esquecimento”.

Numa outra tentativa de interação e utilizando uma ferramenta do Facebook, fiz uma enquete com a seguinte pergunta “No Facebook, vocês preferem ver História de que forma?” Os alunos poderiam escolher entre ver

⁵⁸ Foram usados pseudônimos para identificar os alunos.

⁵⁹ Meme retirado da página do Facebook, História no Paint. Ver em: <https://www.facebook.com/Historianopaint/>. Acesso em 26/12/2018.

através de memes, textos, vídeos ou outro tipo de imagem. Dos 6 alunos que participaram, 5 votaram em memes e 1 em texto, deixando as outras possibilidades sem votos. Isso demonstrou que o uso de memes nas aulas de História se mostrou atrativo aos alunos, mesmo que não dessem tanta importância ao meio virtual para estudar e sim desenvolvendo outras atividades, como se comunicar e se divertir.

Nessa perspectiva resolvi fazer a mesma enquete para o grupo “Pré-desespero” da turma C, e para o grupo “A História com Bruno Amorim”, com o intuito de avaliar se as ideias convergiam ou divergiam. No grupo “A História com Bruno Amorim”, houve 9 votos, sendo que 4 preferem ler textos, 3 acham melhor ver memes, uma pessoa prefere outros tipos de imagens e uma gosta mais de ver vídeos. Já no grupo “Pré-desespero”, houve 5 votos, todos demonstrando preferência pelos memes. Além das enquetes nos grupos, fiz também uma parecida no meu perfil pessoal do Facebook, digo semelhante, porque diferente dos grupos a possibilidade de enquete no perfil pessoal só é possível duas opções, nesse caso coloquei textos ou memes, na qual se deu 31 votos, sendo 19 para preferência textos e 12 para memes.

O que fica evidente nessa enquete é que nos grupos “Papo de história” e “Pré-desespero” se destaca a preferência de se ver história no Facebook através de memes, já no grupo “A História com Bruno Amorim” e no meu perfil pessoal ocorre uma distinção, já que os textos estão entre as opções mais votadas. Uma das observações em relação às diferenças de escolhas pode estar ligada à faixa etária das pessoas que votaram, já que no caso da escolha dos memes é representada por estudantes menores de idade, e quando se observa a escolha por textos a maioria está acima dessa faixa. Isso representa que nas novas gerações de pessoas, que nasceram com uma proximidade maior com as mídias digitais, os memes são muito mais interessantes do que a leitura de grandes textos.

Retornando para o trabalho com os grupos, me debrucei ao “Pré-desespero” com o intuito de continuar a pesquisa e a experimentação da ponte virtual entre sala de aula e a rede social Facebook. Neste caso, pude perceber uma feliz diferença em relação à falta de interesse da turma B com a participação do grupo “Papo de História”.

Como deixei de ser professor da turma A, a pesquisa iria ser prejudicada, já que seria necessário fazer a investigação em duas turmas para ter a possibilidade de fazer o contraponto entre elas. Nesse ínterim vi que poderia modificar os planos deslocando a pesquisa para outra turma, no caso o terceiro ano do ensino médio, a turma C, que é da mesma unidade da turma A, ou seja, Augusto Montenegro, como descrito anteriormente.

Essa inicial dificuldade se apresentou posteriormente como solução para finalizar a pesquisa, no sentido de que poderia ser feita a análise dos dois grupos e se fazer o aproveitamento dos testes.

No caso da turma C, que possui um pouco mais de maturidade, haja vista que estavam estudando para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e outros vestibulares, o interesse foi maior e, por mais que não tivesse tempo hábil para todos os processos que ocorreram com a turma B, como leitura, discussão e todos os outros pormenores que estiveram presentes na pesquisa, houve uma interação entre sala de aula e o meio virtual. Abaixo a turma C:

Turma C, o início do “Pré-desespero”.

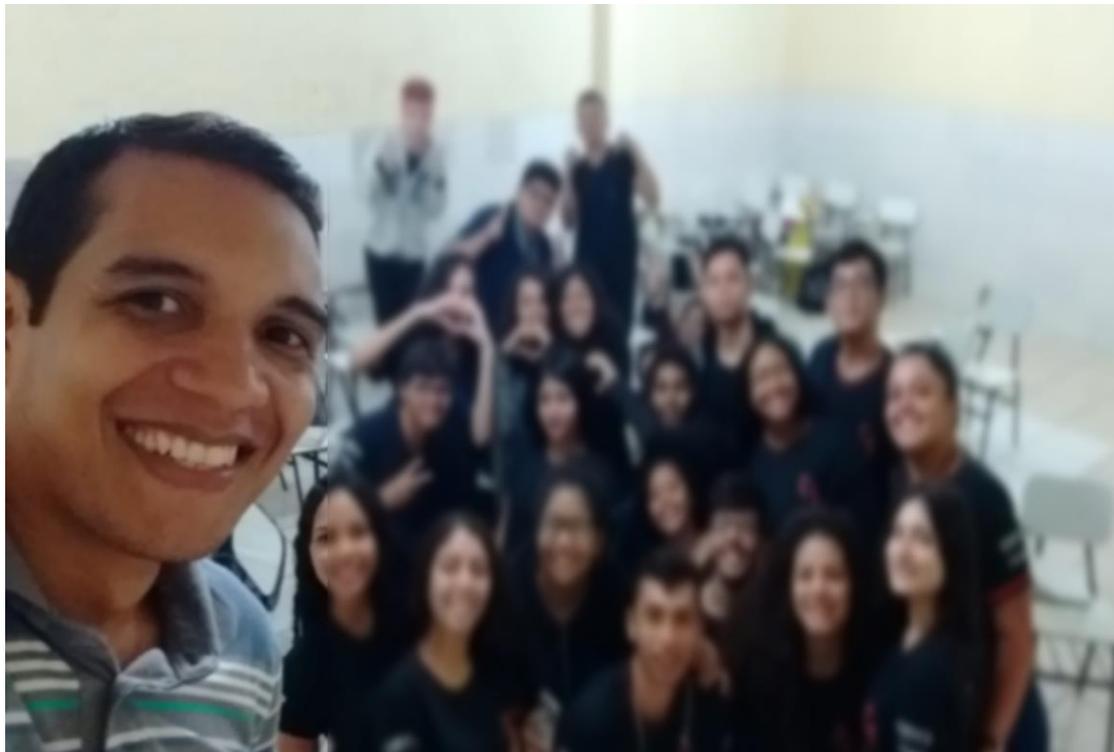
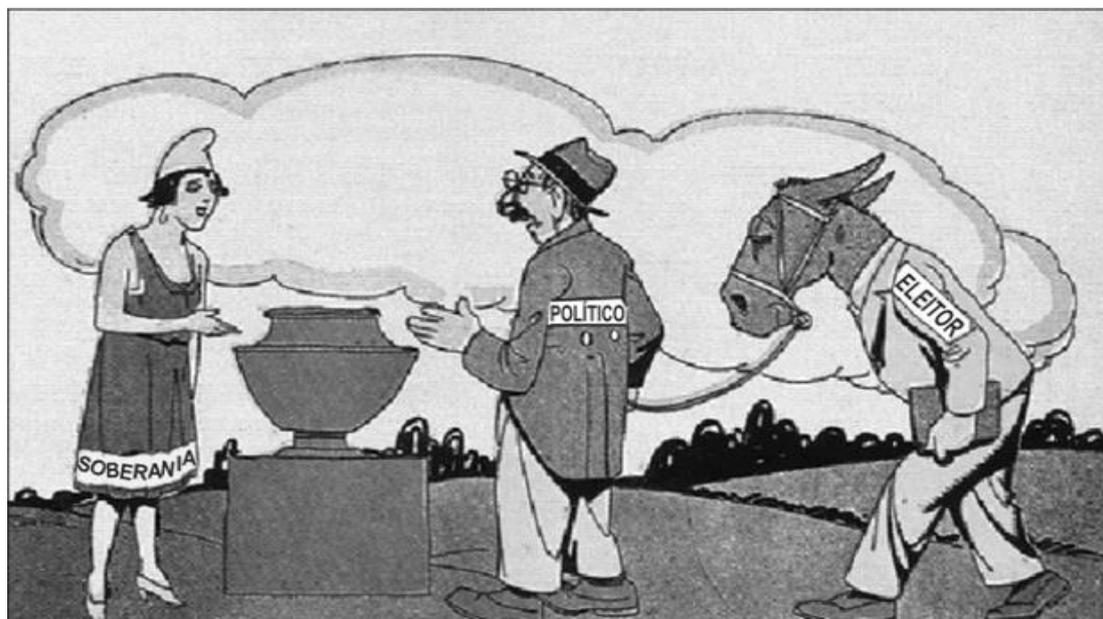


Foto 3. Turma C⁶⁰

⁶⁰Arquivo pessoal.

Como já destacado anteriormente, o grupo no Facebook, produzido para a turma C, foi o “Pré-desespero”, que iniciou suas atividades em outubro de 2018, e a primeira publicação que gerou interação sobre o que estava sendo trabalhado em sala de aula, foi uma charge sobre o voto de cabresto, que pode ser visualizada abaixo:



Storni. *Careta*, 19/02/1927. Apud: Renato Lemos (org.).
Uma história do Brasil através da caricatura. 1840-2006.
 Rio de Janeiro: Bom Texto, 2006, p.35. Adaptado.

Figura 9. Charge Voto de cabresto⁶¹

Na legenda da publicação, tinham perguntas como: “O que essa imagem representa? Em qual contexto histórico ela se adéqua? Que conceitos podem trabalhar a partir dela? ”. Houve dois comentários, de uma mesma aluna, que dizia respectivamente “voto de cabresto na República Velha?” e “Igual donos de empresas obrigando os funcionários a votar nos seus candidatos atualmente”⁶². Observa-se que no primeiro comentário a aluna se direciona ao que foi estudado em sala, destacando as competências para fazer uma pergunta, que se mostra quase como uma afirmação, já no segundo comentário há um destaque para a capacidade crítica da aluna de relacionar com o momento político atual do país, no caso, o Brasil, que estava passando por eleições presidenciais.

⁶¹ Charge reproduzida em questão da FUVEST, retirada do site O Globo. Ver em: <http://educacao.globo.com/provas/fuvest-2014/questoes/68.html>. Acesso em: 24/10/2018.

⁶² Esse caso se relaciona com o conceito de violência simbólica de Pierre Bourdieu (1992).

Depois disso, eu, como moderador, fiz alguns comentários, respondendo a publicação e à pergunta da aluna, mas também coloquei um trecho do livro de Victor Leal, “Coronelismo, Enxada e Voto” (LEAL, 2012), para elucidar o tema para todos que visualizassem a postagem⁶³.

Como se aproximava do ENEM, fiz postagens com temas variados, que geralmente aparecem nas provas, colocando imagens e textos nas postagens. Além de postar no grupo, em sala de aula, discuti sobre as postagens sempre me prontificando de tirar dúvidas online, mesmo que não o fizesse de forma instantânea, haja vista que possuo várias atividades, ou seja, o grupo não seria um plantão permanente de dúvidas, mas uma forma de ensinar, discutir e trabalhar história dentro de uma plataforma digital, que é muito utilizada pelos alunos. Isso representa a utilização do Facebook como ferramenta pedagógica para o Ensino de História.

Uma questão que se diferenciou do grupo “Pré-desespero” para o “Papo de História” foi a postagem de um aluno, fazendo uma pergunta, ou seja, uma intervenção que não foi do professor no grupo digital, mas que veio do próprio alunado. A indagação foi referente à chamada Segunda Revolução Industrial e segue abaixo, na íntegra, sem seguir as regras formais de escrita.

A segunda etapa da Revolução Industrial, que se estendeu de aproximadamente 1850 até 1970, foi caracterizada pela expansão do processo para outros países, como Itália, Alemanha, Japão e Rússia. esse pequeno texto é parte de um livro queria saber pq o Brasil não foi citado ai. (Ronaldo, 2018).

Além do meu comentário, respondendo à indagação do aluno, houve outro comentário da aluna Marcelly, que queria saber se “O milagre econômico pode ser considerado também como uma revolução industrial brasileira?”, ou seja, a postagem de Ronaldo rendeu uma boa discussão online, elucidando algumas questões que às vezes podem passar despercebidas em sala de aula ou surgem quando os estudantes estão fazendo a leitura em casa, mas não

⁶³ Neste caso, só poderia visualizar a postagem quem fosse membro do grupo no Facebook. Vale ressaltar que ao retornar à sala de aula, na semana posterior à postagem, os comentários foram positivos em relação à interação, mesmo de quem apenas visualizou e não participou ativamente.

podem ter um professor para ajudá-los, no caso, não poderiam, já que com o grupo online se possibilita essa resolução⁶⁴.

Por fim, a postagem que houve mais interação vai ao encontro das pesquisas feitas em forma de enquete, já destacada anteriormente, de que grande parte dos alunos gosta de ver e entender histórias através de memes. Na publicação feita no dia 7 de novembro de 2018, postei um meme e disse na legenda que não consegui entendê-lo, pedindo explicações para os membros/alunos do grupo.



Meme 3. Política do Café com Leite⁶⁵

No meme podemos ver duas pessoas jogando tênis, com os dizeres candidato de Minas e candidato de São Paulo, com a bola denominada de presidência do Brasil. Para entender o meme é necessário saber um pouco do contexto da chamada República e dos conchavos políticos que se desenvolveram naquele período, ou seja, da chamada política do café com leite, alternando representantes desses dois estados na presidência da República.

Nessa postagem específica, o aluno João, que era até então pouco assíduo no grupo, comentou “Política do café com leite, só acho”, seguido de vários comentários com a palavra “concordo”. Depois disso, fiz um comentário discorrendo sobre o assunto, seguido de outro com uma pergunta, agora em

⁶⁴ Um das questões que podem surgir nesse momento é a possibilidade da utilização do site de buscas como o Google para elucidação das dúvidas dos alunos. Porém, mesmo que se tenha um mundo de possibilidades nesse tipo de site, a interação com um profissional da área é muito mais relevante, direcionando para leituras, pesquisas e sanando dúvidas.

⁶⁵ Ver em: <https://www.facebook.com/Historianopaint/>. Acesso em: 07/11/2018.

forma de comentário e não na legenda da postagem, que foi “Quando esse jogo de tênis acabou? ”, utilizando a metáfora da imagem. A aluna Yasmine respondeu “Acabou com a revolução de 30, quando Vargas dá o golpe e assume a presidência do país”.⁶⁶

A ponte virtual pensada com a construção desse projeto, que se concretizou com um produto, no caso, os grupos de Facebook, demonstrou que pode ser efetivada, e por vezes os resultados podem ser satisfatórios dentro de um campo de possibilidades, além de que a tecnologia cada vez mais presente na vida das pessoas, quer elas queiram ou não, é uma realidade, sobretudo na dos novos estudantes. Além disso, os memes são uma vertente imagética, que possibilita gerar interesse para o ensino e aprendizagem histórica.

⁶⁶ O conceito de Memória que foi discutido na dissertação se aplica perfeitamente as atividades que se realizaram nos grupos do Facebook, mas em específico no “Pré-Desespero”, destacando os autores Michael Pollack (1989), Maurice Halbwachs (2006), Jacques Legoff (2003), Pierre Nora (1993) e Paul Virilio (2016) que demonstra os chamados novos lugares de memória.

CONCLUSÃO

Essa dissertação de mestrado teve por objetivo apresentar a rede social Facebook como uma ferramenta pedagógica no ensino de história, destacando as novas tecnologias de informação e comunicação como parte integrante do cotidiano de boa parte das pessoas, mais especificamente os estudantes.

Nesse sentido, é importante entender essa pesquisa como um diálogo entre os sujeitos que fizeram parte do processo, as experiências no chão da escola e a oportunidade de trazer à luz autores que discutem as tecnologias, tanto no destaque às modificações referentes às relações humanas, quanto nas alterações e facilidades trazidas por elas, como na questão da comunicação instantânea, mas sem deixar de destacar também os problemas que surgem como essa nova realidade. Ademais, o debate acerca dessas mesmas tecnologias, aliadas ao processo educativo, foram altamente produtivas, já que proporcionaram o embasamento necessário para o caminho da escrita dos capítulos, assim como das atividades realizadas na escola e no meio virtual.

Os primeiros contatos com o tema e o campo de pesquisa se deram, logicamente, na prática da docência, e na observação das escolas e seus sujeitos, mas a escolha pelo caminho a ser percorrido dentro da pesquisa foi baseada nas reflexões feitas a partir das conversas com os colegas de turma e professores durante o curso de mestrado, que possibilitou a ampliação dos horizontes.

Outro detalhe importante é que propor o uso de tecnologias para o ensino de história faz com que algumas pessoas tenham um cuidado e muitas vezes até uma repulsa em relação ao tema, mas isso é facilmente compreendido, já que as tecnologias podem ser atreladas a diversão e entretenimento. No mais a pesquisa mostrou que, mesmo com as dificuldades apresentadas, há possibilidade sim, da utilização dos meios tecnológicos para se trabalhar o ensino de história.

Atrelar o que é amplamente utilizado pelos jovens estudantes, no caso, a internet e as redes sociais, ao ensino de história é o que foi proposto nesse

trabalho, além disso, é importante estimular os alunos através desse tipo de mídia, como o Facebook, gerando interesse para a disciplina história.

Vale ressaltar que outro passo importante é fazer com que os estudantes sejam partícipes do processo de ensino e aprendizagem histórica, desenvolvendo habilidades de análise de textos, imagens e vídeos na internet, valorizando a criticidade deles, já que o mundo digital está permeado de fake news e de deturpações históricas⁶⁷.

O uso das tecnologias para se trabalhar o ensino de história se apresentou no decorrer desse trabalho e isso é fundamental, já que para Juana Sancho (1998, p. 40) “desconhecer a interferência da tecnologia, dos diferentes instrumentos tecnológicos, na vida cotidiana dos alunos é retroceder a um ensino baseado na ficção”, ou seja, a adequação da realidade dos alunos se apresentou de uma metodologia que relacionasse a sala de aula com o meio virtual, através dos grupos do Facebook. Isso proporcionou um interesse dos alunos no chão da escola, tecendo perguntas em relação à memes postados ou dúvidas que foram sanadas nos grupos digitais.

Uma pesquisa desse tipo é relativamente nova, em se tratando de história, no Estado do Pará não é diferente, sobretudo que esse trabalho foi desenvolvido na primeira turma do PROFHISTÓRIA (Mestrado profissional) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

As dificuldades existem em praticamente todos os estudos, e nessa pesquisa em específico se deu em questões como a conciliação entre a docência e a investigação, haja vista que mesmo o fato das duas práticas serem feitas em um mesmo espaço, detalhes como atividades curriculares anuais impediam centrar as turmas pesquisadas no processo de pesquisa.

Dentre esses contratempos, o que se destacou foi a ausência de uma oficina de memes, que tinha por objetivo trabalhar o conhecimento histórico dos alunos, valorizando a produção deles e discutir o uso da imagem e do humor no

⁶⁷ Essas deturpações históricas se fazem muito presente em vídeos do youtube, assim como em postagens em redes sociais, com discussões sem embasamento teórico e desvalorizando a ciência. Os temas que se apresentam são bastante polêmicos, como dizer que a terra é plana, que a teoria da evolução de Darwin é falsa e que o Nazismo é de esquerda.

ensino e aprendizagem em história, mas trabalhar com educação é ter objetivos e muitas das vezes encontrar obstáculos, utilizando a criatividade para buscar novas trilhas educacionais.

O trabalho se desenvolveu partindo do elemento teórico, culminando ao ponto de interesse dos alunos, que se constituiu na utilização da rede social Facebook, assim como na discussão acerca dos memes. Foi interessante nesse trajeto da pesquisa a inserção de temas históricos que estavam trabalhados em sala, gerando um diálogo profícuo entre a sala de aula e a plataforma digital.

Além disso, trazer à luz o assunto da tecnologia desenvolvida no ensino de história valoriza a divulgação do conhecimento histórico nas mídias digitais e faz com que os próprios historiadores ocupem mais os espaços que são dominados por outros profissionais ou por curiosos.

A dimensão pública da História, ou seja, a História Pública, que envolve um crescimento da circulação de temas históricos, impulsionados pelo desenvolvimento tecnológico e digital, se expande e para Almeida e Rovai:

Uma possibilidade não apenas de conservação e divulgação da história, mas de construção de um conhecimento pluridisciplinar atento aos processos sociais, às suas mudanças e tensões. Num esforço colaborativo, ela pode valorizar o passado para além da academia; pode democratizar a história sem perder a seriedade ou o poder de análise. Nesse sentido, a história pública pode ser definida como um ato de "abrir portas e não de construir muros", nas palavras de Benjamin Filene. (ALMEIDA; ROVAI, 2011, p.7)

Thais Fonseca (2011), por exemplo, diz que o conhecimento histórico pode ser problematizado com o auxílio das mídias e tecnologias, buscando inovações na produção historiográfica em benefício do ensino, exatamente o que foi o objetivo desta dissertação.

Por fim, é relevante destacar que a escola, fundamentalmente, é um espaço para aprender e junto às mudanças da sociedade, surgem demandas que buscam novas formas de aprender, sendo largamente incentivadas pela introdução das TIC's na vida das pessoas, suscitando consequências no espaço escolar. O ensino e a aprendizagem estão cada vez mais estimulados a fazer

com que os alunos sejam mais críticos, reflexivos, autônomos, observadores e analíticos (pelo menos na teoria), além do que muitos deles se sentem à vontade com as novas tecnologias, sabendo manuseá-las muito melhor que os professores, em certa medida. Ou seja, incorporar tais tecnologias à escola, mas de forma pensada, organizada e estruturada, é fomentar uma escola cidadã e inserida na sociedade da informação.

BIBLIOGRAFIA

ALECRIM, Emerson. Facebook e Google vão penalizar sites com notícias falsas, Tecnoblog, 2016. Disponível em: <https://tecnoblog.net/203598/google-facebook-noticias-falsas/>. Acesso em: 24/10/2018.

ALMEIDA, Anita Correia Lima de; GRINBERG, Keila. Detetives do passado no mundo do futuro: divulgação científica, ensino de História e internet. 2012. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/8>. Acesso 08/06/2017.

ALMEIDA, Fernando José de; FRANCO, Monica Gardelli. Tecnologias para a educação e políticas curriculares de estado. In. COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL – CGI.br. Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas escolas brasileiras – TIC Educação 2013. São Paulo: CGI.br, 2014. Coord. Alexandre F. Barbosa, p. 41 - 52. Disponível em: <http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-educacao-2013.pdf>. Acesso em: 16/10/2017.

ALMEIDA, Fernando José. Proinfo: informática e formação de professores. Brasília, DF: Ministério da Educação/Secretaria de Educação à Distância, 2001.

ARRINGTON, Michael. 85 % of College Students Use Facebook. TechCrunch, 7 de setembro de 2005. In: CORREIA, Paulo Miguel A. R; MOREIRA, Maria F. R. Novas formas de comunicação: História do Facebook – Uma história necessariamente breve. Revista Alceu, v. 14, n. 28, p. 168-187. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu%2028%20-%20168-187.pdf>. Acesso em: 02/09/2018.

BARCA, Isabel. Aula oficina do projeto à avaliação. In: PARA UMA EDUCAÇÃO HISTÓRICA DE QUALIDADE, 4., 2004, Braga. Acas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga: Uminho, 2004. p. 131-144.

BARCA, Isabel. Ideias chaves para a Educação Histórica: uma busca de (inter) identidades. História Regional, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 37-51, jan. / jun. 2012

BARCA, Isabel. Os jovens portugueses: ideias em História. Perspectiva, Florianópolis, v. 22, n. 02, p. 381-403, jul. / dez. 2004.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1986.

BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, RJ. 2003.

BAUMAN, Zygmunt. Globalização: As consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BEZERRA, Esvertilana Bonfim; LOPES, Maria Aparecida Toledo de Melo. A Importância do professor na sociedade atual: desafios e perspectivas. 2002.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: História / Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1986.

BRAGA, Dafne. O que são emojis, de onde vieram e como fazer marketing, Marketing de Conteúdo, 2018. Disponível em: <https://marketingdeconteudo.com/emoji/>. Acesso em: 24/04/2018.

BRANCO, Sérgio. Fake News e os caminhos para fora da bolha. Revista Interesse Nacional. Ano 10, número 38, 2017. Disponível em: <https://itsrio.org/wp-content/uploads/2017/08/sergio-fakenews.pdf>. Acesso em: 23/10/2018.

BUCCI, Maria Paula Dallari. Direito administrativo e políticas públicas. São Paulo: Saraiva, 2002.

CÁDIMA, Francisco Rui, O Facebook, as Redes Sociais e o Direito ao Esquecimento, in Revista Media & Jornalismo, vol. 12 Nº1, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277556597_O_Facebook_as_redes_sociais_e_o_direito_ao_esquecimento. Acesso em: 20/09/2018.

CAIMI, Flávia Eloisa. Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. Tempo, v. 11, n. 21, p.17-32, 2006.

CARDOSO, Frederico Assis; AMORIM, Marina Alves. A História a um clique: as tecnologias da informação e da comunicação, os documentos em suporte não convencionais e o ensino de História. Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 12, n. 17, 2º sem. 2011. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/viewFile/2028/4135>. Acesso em 29/09/2017.

CASADEI, Elza Bachega. Os novos lugares de memória na internet: as práticas representacionais do passado em um ambiente on-line. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2009. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/Casadei_memoria_Internet.pdf. Acesso em 08/06/2017.

CASTELLS, Manuel. La société en réseaux. Paris: Fayard, 1998. p.613.

CERRI, Luis Fernando. A Didática da História para Jörn Rüsen: uma ampliação do campo de pesquisa. ANPUH – XXIII, Simpósio Nacional de História, Londrina, 2005. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.23/ANPUH.S23.0608.pdf>. Acesso em: 02/11/2018.

CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: NORA, Pierre & LE GOFF, Jacques (Org.). História: novos problemas. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.

CGI.BR. TIC Kids Online Brasil 2015 - Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo. 2016.

CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

COSTA, Marcella Albaine Farias da. LUCCHESI, Anita. História digital: estratégias de ensino e pesquisa em um contexto formativo. Rio de Janeiro, 2015.

DORIGONI, Gilza Maria Leite. Mídia e Educação: o uso das novas tecnologias no espaço escolar. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1170-2.pdf>. Acesso em 09/10/17.

DOURADO, Luiz Fernandes; OLIVEIRA, João Ferreira de. A qualidade da educação: Perspectivas e desafios. 201Cad. Cedes, Campinas vol. 29, n. 78, p. 201-215, maio/ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v29n78/v29n78a04.pdf>. Acesso: 07/10/20017.

DRUKER, P.F. O futuro já chegou. Revista EXAME, ed. 710, p.112-126. mar., 2000. Disponível em: <http://luxer.tripod.com/planejamento/08-14.htm>. Acesso em :20/10/2017.

ERBOLATO, Mario. Dicionário de Propaganda e Jornalismo. Campinas: Papyrus, 1985.

FERNANDES, Jorge. O que é um Programa (Software)? 2002. Disponível em: <http://www.cic.unb.br/~jhcf/MyBooks/iess/Software/oqueehsoftware.html>. Acesso em: 06/10/2017

FERRARI, Fabrício; CECHINEL, Cristian. Introdução a Algoritmos e Programação. Bagé: Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, 2008.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. Ensino de História e a incorporação das novas tecnologias da informação e comunicação: uma reflexão. In: Revista de História Regional. Ponta Grossa: Departamento de História: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1999, Vol. 4 – nº 2, p. 139/156.

FERREIRA, Gonçalo. Redes sociais de informação: uma história e um estudo de caso. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v.20, n.2, p.120-133, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v16n3/13.pdf>. Acesso em: 20/04/2018.

FERRO, Marc. A mídia, novas tecnologias e ensino de História. Saeculum. Revista de História, n. 6/7, jan/dez/2000/2001.

FETTERMANN, Joyce Vieira. Os entornos da rede social My English Club e suas intervenções nos ambientes presenciais de aprendizagem da Língua Inglesa. UENF, 2012. 143 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Cognição em Linguagem do Centro de Ciências do Homem, da Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2012.

FLETCHER, Richard; KALOGEROPOULOS, Antonis; LEVY, David; NEWMAN, Nic; NIELSEN, Rasmus. Relatório de Notícias Digitais 2017. Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/Digital%20News%20Report%202017%20web_0.pdf?utm_source=digitalnewsreport.org&utm_medium=referral. Acesso em: 23/10/2018.

FONSECA, Thaís. História & Ensino de História. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FREITAS, Rafael Reinaldo. Aprendizagem histórica e cultura histórica: Contributos para investigações sobre o lugar de intersubjetividade na formação histórica. História & Ensino, Londrina, volume 22, nº 2, p. 247-262, jul. / dez. 2016.

FRIAS FILHO, Otávio. O que é falso sobre as fakenews. Revista USP, São Paulo, nº 116, p. 39-44, janeiro/fevereiro/março, 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/4-Otavio-Frias.pdf>. Acesso em: 21/10/2018.

GALLO, Fabio. O persistente mundo da pós-verdade. In: BLANCO, P. (Org): Pensadores da Liberdade: liberdade e cidadania. São Paulo: Palavra Aberta, 2017. p. 82-87.

GENESINI, Silvio. A pós-verdade é uma notícia falsa. Revista USP, São Paulo, nº 116, p. 45-58, janeiro/fevereiro/março, 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/5-Silvio-Genesini.pdf>. Acesso em: 27/10/2018.

GINZBURG, Carlo. Conferência na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Nov. 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wSSHnqAbd7E>. Visualização em: 15/09/2017.

GONSALES, P. Recursos educacionais abertos, formação de professores e o desafio de educar na cultura digital. TIC Educação, 2013. Disponível em: <http://www.cetic.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nas-escolas-brasileiras-tic-educacao-2013/>. Acesso em: 16/10/2017.

HARDAGH, Claudia Coelho. Redes Sociais Virtuais: Uma proposta de escola expandida. 2009. 157 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Católica de São Paulo, 2009.

HORN, Geraldo Balduino; GERMINARI, Geysa Dongley. O ensino de História e seu currículo: teoria e método. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

KALPIDOU, Maria. COSTIN, Dan. And MORRIS, Jessica. The Relationship Between Facebook and the Well-Being of Undergraduate College Students. Cyberpsychology, behavior and social networking, volume 14, nº 4. DOI: 10.1089/cyber. 2010.0061. 2011. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/3c05/f9a8b28a21dabd0e2946d990ce1985c46237.pdf>. Acesso em: 18/10/2018.

KARNAL, Jaime (Org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

KEMP, Simon. Digital em 2018: Os usuários da internet do mundo passam a marca de 4 bilhões, We are social, 2018. Disponível em: <https://wearesocial.com/blog/2018/01/global-digital-report-2018>. Acesso em: 24/04/2018.

KENSKI, Vani Moreira. Tecnologias e ensino presencial e a distância. Campinas, São Paulo. Papirus. 2003. (Série Práticas Pedagógicas).

KISO, Rafael. Guia de conhecimento para uma estratégia Web 2.0 de sucesso, s/d Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/14537501/Guia-Completo-para-uma-estrategia-WEB-2-0-de-sucesso>. Acesso em: 20/04/2018.

KNELLER, G.F. Arte e Ciência da Criatividade. 5. ed. São Paulo: Ibrasa, 1978.

Leal, Victor Nunes. Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil. 7 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LE GOFF, Jacques. História e memória. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. O futuro da internet. São Paulo: Paulos, 2010.

LEMOS, André. Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2013.

LERMAN, Kristina. Social browsing & information filtering in social media. 2007.

LÉVY, Pierre. 1999. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. 2. ed. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34. 2000.

LIDDINGTON, Jill. O que é História pública. In: ALMEIDA, Juniele R.; ROVAL, Marta. Introdução à História pública. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

LUCCHESI, Anita, CARVALHO. Bruno Leal Pastor de. "História digital: Reflexões, experiências e perspectivas". In: Mauad, Ana Maria, Almeida, Juniele

Rabêlo de, Santiago, Ricardo (org.). História Pública no Brasil: Letra e Voz, 2016, p. 149-163.

MADDEN, Mary. Percepções Públicas de Privacidade e Segurança na Era Pós-Snowden, Publicado em Pew Research Center. 2014. Disponível em: <http://www.pewinternet.org/2014/11/12/public-privacy-perceptions/>. Acesso: 20/10/2018.

MAIATO, Alexandra Moraes. Neurociências e aprendizagem: O papel da experimentação no ensino de ciências. 2013. 81 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências, Universidade Federal do Rio Grande - Furg, Rio Grande, 2013.

MALINI, Fábio. Um método perspectivista de análise de redes sociais: cartografando topologias e temporalidades em rede. In Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Goiás. 25. 2016. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/compos_malini_2016_3269.pdf. Acesso em: 15/10/2018.

BLOCH, Marc. Apologia da história ou o ofício de historiador, Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. Gêneros textuais & ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-63.

MENDES, João. Tecnologias da Informação e Comunicação Educativa. Curitiba: UFP, 2011.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo Mercado. A Internet como Ambiente Auxiliar do Professor no Processo Ensino-Aprendizagem. In: VI Congresso Iberoamericano de Informática Educativa. *Anais* 2002. Vigo/Espanha, Rede Iberoamericana de Informática Educativa, 2002. Disponível em: http://www.igm.mat.br/profweb/sala_de_aula/mat_computacional/2006_2/artigos/artigo1.pdf. Acesso em 08/06/2017.

MIRANDA, Sonia Regina. Aprender e ensinar o tempo histórico em tempos de incertezas: reflexões e desafios para o professor de história. In: GONÇALVES et al. (orgs). Qual o valor da história hoje? Rio de Janeiro, Editora FGV, 2012.

MORAN, José Manuel. Como utilizar a Internet na educação. *Ciência da Informação*, Brasília: v.26, n2, 1997.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. M. T.; BEHRENS, M. A. *Novas Tecnologias e mediação pedagógica*. 8ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.

MORAN, José Manuel. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 4, n. 12, p. 13-21, Mai/Ago 2004. Quadrimestral.

MICELI, Paulo. Uma pedagogia da História? In: PINSKY, Jaime (org.) *O ensino de história e criação do fato*, volume 14, 3ª edição, São Paulo: Contexto, 2017, p. 37-52.

NADAI, Elza. O Ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 143-162, set. 1992/ago. 1993.

NAPOLITANO, Marcos. A televisão como documento. In: BITTENCOURT, Circe (org.). *O saber histórico na sala de aula*, volume 12, 3ª edição São Paulo: Contexto, 2017, p. 149-162.

NOIRET, Serge. História Pública Digital. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v.11, n.1, maio 2015, p. 28-51.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.

O'Keeffe, Gwen, & Clarke-Pearson, Kathleen. (2011). The impact of social media on children, adolescents, and families. *Pediatrics*, 127, 800-804.

OLIVEIRA, Carla Ariella. A pesquisa escolar em tempos de Internet: reflexões sobre essa prática pedagógica. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

PARISIÉR, Eli. *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PESSI, Bruno Stelmach. O uso de Internet no aprendizado de História: possibilidades e dificuldades. *Revista do Lhiste*, Porto Alegre, num.3, vol.2, jul/dez. 2015.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Fontes ou recursos de informação: categorias e evolução conceitual. *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia*, v. 1, n. 1, 2006. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/pbcib/article/view/8809/4716>. Acesso em: 12/09/2017

PORTO, Cristiane; NETO, Edilberto. Uma proposta de uso das redes sociais digitais em atividades de ensino e aprendizagem: o Facebook como espaço virtual de usos socioeducacionais singulares. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa. *Facebook e educação: Publicar, curtir e compartilhar*. Campina Grande: EDUEPB, p.131-148, 2014.

QUEIROZ, Paulo P. "A pesquisa e o ensino de História: espaços/processos de construção da identidade profissional" in: NIKITIUK, Sônia. *Repensando o ensino de História*. 8ª Edição. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marcos; ZAGO, Gabriela. Análise de Redes para Mídia Social. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RIBEIRO, Gabriel. Facebook anuncia serviço de verificação de notícias falsas no Brasil, Techtudo, 2018. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/05/facebook-anuncia-servico-de-verificacao-de-noticias-falsas-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 24/10/2018.

ROCHA, Cristianne. As redes em saúde: entre limites e possibilidades, 2005. Disponível em: http://www.ensp.fiocruz.br/observarh/arquivos/trabalho_redes1.pdf. Acesso em: 20/04/2018.

RODRIGUES, A. M. M. Por uma filosofia da tecnologia. In: Grinspun, M.P.S.Z. (org.). Educação Tecnológica - Desafios e Perspectivas. São Paulo: Cortez, 2001: 75-129.

ROSA, Michele Rossoni. Educação Histórica, Fontes Históricas e Novas Tecnologias: Descompassos e Possibilidades. Revista *Âgora*, Porto Alegre, p.13-24, 2011.

RÜSEN, Jörn. Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão Rezende Martins. Brasília: EdUnB, 2001.

RÜSEN, Jörn. Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas. Curitiba: W.A. Editores, 2012.

RÜSEN, Jörn. História Viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: Editora UnB, 2007.

RÜSEN, Jörn. Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica. 1ª reimpressão. Brasília: Editora UNB, 2010.

SANTAELLA, Lucia. "As linguagens como antídotos ao midiacentrismo". Matrizes. São Paulo, ano 1, número 1 (julho-dezembro de 2007), p. 75-97.

SATICI, Seydei, & UYSAL, Recep. Well-being and problematic Facebook use. *Computers in Human Behavior*, volume: 49, p. 185–190. 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/11583068/Well-being_and_problematic_Facebook_use. Acesso em: 20/10/2018.

SCHERER, Suely. O papel do professor nos ambientes virtuais de aprendizagem. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – MERCOSUL, 7, 2003, Florianópolis. Anais... Florianópolis-SC: CTAI-Senai, 2003. p. 270-274.

SHIFMAN, Limor. Memes in digital culture. Massachusetts: MIT Press, 2014.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). Jörn Rüsen e o ensino de história. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia M. F. Braga. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. Cadernos CEDES, v.67, p.297-308, 2005.

SILVERSTONE, Roger. Por que estudar a mídia? São Paulo: Loyola, 2002.

SERRES, Michel. Polegarzinha: Uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SUNSTEIN, Cass. Echo Chambers. Princeton: Princeton University Press, 2001.

TANG, Jih.-Hsin, CHEN, Ming-Chun, YANG, Heng-Ying, CHUNG, Tsai-Yuan, & LEE, Yao-an. Personality traits, interpersonal relationships, online social support, and Facebook addiction. Telematics and Informatics, volume 33, nº1, p. 102–108. 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/278050279_Personality_traits_interpersonal_relationships_online_social_support_and_Facebook_addiction. Acesso em: 17/10/2018.

TAVARES, Cecília Cristina. História e Informática. In: Ciro Flamarion Cardoso; Ronaldo Vainfas. (Org.). Novos Domínios da História. 1 ed. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 2012, v., p. 301-317.

TEIXEIRA, Carlos Alberto. A origem do Facebook Saiba sobre a história da rede social mais popular do mundo que abre capital nesta sexta-feira, O Globo, 2012. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/a-origem-do-facebook-4934191>. Acesso em: 02/09/2018.

TOSH, John. A busca da história: *Objetivos, métodos e as tendências no estudo da história moderna*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VALENTE, J. A. Análise dos Diferentes Tipos de Software Usados na Educação. In: VALENTE, J. A. (Org.). O Computador na Sociedade do Conhecimento. Campinas: UNICAMP/NIED, 1999.

VENTURA, Felipe. Facebook vai combater notícias falsas compartilhadas em imagens e vídeos, Tecnoblog, 2018. Disponível em: <https://tecnoblog.net/237743/facebook-combater-noticias-falsas-imagens-videos/>. Acesso em: 24/10/18.

VIRILIO, Paul. Diálogo com Paul Virilio: o paradoxo da memória do presente na era cibernética. In: CASALEGNO, Federico. Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulina, 2006.

WANDERLEY, Sandra. Cultura histórica, mídia e ensino de história: problemas políticos de ensinar e aprender. 2012. Disponível em: http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338471937_ARQUI

[VO_Culturahistorica,midiaeensinodehistoria-artigoAnPuhregional2012.pdf](#).
Acesso em: 25/08/2017.

WURMAN, Richard S. Ansiedade de informação: como transformar informação em compreensão. 5ª ed., São Paulo: Cultura Editores Associados, 1991.

ZACHARIAS, Valéria Ribeiro de Castro. Letramento digital: desafios e possibilidades para o ensino. In: COSCARELLI, Carla Viana (Org.) Tecnologias para aprender. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA - PPGEH

Questionário sociodemográfico referente ao uso da rede social Facebook por adolescentes de uma escola particular da cidade de Belém no Estado do Pará. O objetivo principal desta investigação é procurar caracterizar o uso que os estudantes do ensino fundamental, mais especificamente do nono ano, fazem do Facebook. Para isso, a colaboração dos estudantes através do preenchimento deste questionário é de grande relevância que implicará na pesquisa de dissertação de mestrado.

1ª) Sexo?

- Feminino. Masculino.

2ª) Idade? _____.

3ª) Com quem vives atualmente?

- Com os pais Com a mãe. Com o pai. Outro:

4ª) Você utiliza o Facebook?⁶⁸

- Sim. Não.

5ª) Quantos dias na semana costumas utilizar o Facebook?

- 1 dia da semana. 2 dias por 3 ou 4 dias por
 Todos os dias da semana.

6ª) Qual período da semana você utiliza mais o Facebook?

- Dias uteis. Finais de semana.

⁶⁸Você continuará a responder o questionário somente se sua resposta da 4ª questão for **sim**.

7ª) Quanto tempo passa, em média, no Facebook?

- Menos de uma hora por dia
- De uma a duas horas por dia.
- De duas a três horas por dia
- De três a quatro horas por dia.
- Mais de quatro horas por dia.

8ª) Em qual dispositivo você utiliza mais o Facebook?

- Computador de mesa.
- Notebook.
- Tablet.
- Smartphone.
- Outros.

9ª) Com qual finalidade você utiliza mais o Facebook.

- Comunicação
- Estudo.
- Jogos.
- Informação.
- Entretenimento.

10ª) Você acha que é possível aprender história no Facebook?

- Sim.
- Não.